

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

154

WANGARI MAATHAI:
A LUTA PELO VERDE

OS DESERDADOS

MISÉRIA NA GRANDE CIDADE

CUBA:
OS DESAFIOS
DA REVOLUÇÃO

CORRUPÇÃO:
O MAL QUE CORRÓI O BRASIL



Argamassa Armada.



O modo mais concreto de construir com rapidez e baixo custo.



A argamassa armada é um processo pioneiro, desenvolvido pela Riocop que combina areia, cimento e tela de aço.

O resultado são peças pré-moldadas que garantem, além de um custo 30% mais baixo do que as estruturas convencionais de concreto, maior rapidez na montagem e uma adequação perfeita a qualquer tipo de terreno.

Graças a esta revolucionária tecnologia, em apenas 5 anos a Riocop já construiu 2 CIACs (tem mais 3 em andamento, com uma previsão de 21 para 1992), mais de 50 escolas, 30 casas da criança, 30 postos de saúde, diversas casas comunitárias, creches, CIEPs e uma série de outras obras em benefício da população.

Hoje a Riocop fabrica mensalmente 900m³ de argamassa armada que equivalem a 6 mil m² e produz, além de peças para edificação, abrigos de ônibus, caixas d'água, bancos de jardim, diversos equipamentos urbanos e componentes para saneamento básico.

Da próxima vez que você for construir, contrate os serviços de

quem lidera a tecnologia da argamassa armada no País.

E se você quiser, a Riocop também instala em poucas semanas uma fábrica da argamassa armada em seu estado.

Para seu esclarecimento, escreva para o nosso endereço e solicite, sem compromisso, maiores informações.

RIOCOP

COMPANHIA MUNICIPAL DE CONSERVAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

FÁBRICA DE ARGAMASSA ARMADA E EQUIPAMENTOS URBANOS
BR 101 - Km 1 - Rodovia Rio-Santos - Santa Cruz - Rio de Janeiro
CEP: 23560 - Telefone: (021) 395-4550 - Fax: (021) 395-3965

Leia e Assine

Ninguém mais pode ficar alheio. A consciência ecológica em cada um de nós exige informação específica e constante. A revista **Ecologia e Desenvolvimento** permite que você, sua escola, sua empresa se mantenham atualizados sobre tudo o que está acontecendo nas áreas de ecologia e meio ambiente. É uma publicação fundamental no estudo do que se deve fazer para garantir o seu futuro, o de sua empresa e o do nosso planeta.

NOS PAGAMENTOS À VISTA
SUA ASSINATURA VALERÁ
15 MESES (NA ANUAL) e
30 MESES (NA DE 2 ANOS)



PREÇOS E FORMAS DE PAGAMENTO

| TIPO DE ASSINATURA | À VISTA Espécie/Cheque Nominal/Cartões/Vale Postal/Reemb. Postal | PARCELADO Pagamento por Cheques Nominais |
|--------------------|---|---|
| 1 ano | A Cr\$ 228.000,00 | B 1 cheque de Cr\$ 228.000,00 para 30 dias |
| 2 anos | C Cr\$ 456.000,00 | D 2 cheques de Cr\$ 228.000,00 para 30/60 dias |

No pagamento a prazo, o(s) cheque(s) depositado(s) só será(ão) depositado(s) em 30 ou 30/60 dias conforme opção. A cobrança pelo reembolso postal acompanha o critério.

PEDIDO DE ASSINATURA

Nome:
 Endereço:
 Bairro:
 Cidade: Estado:
 CEP: Tel.:

Minha opção de assinatura é: (A) (B) (C) (D)
 Estou Efetuando o Pagamento por:

- Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.
- Reembolso Postal
- Vale Postal Ag. Lapa
- Autorizo o débito no meu cartão de crédito: _____
 que tem validade até ____ / ____ / ____

Nº do Cartão:

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: / / _____ ASSINANTE

ECOLOGIA Nº 20 • PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 20/10/92

Editora Terceiro Mundo Ltda. • Rua da Glória, 122 - 1º andar • Glória • 20241 • Rio de Janeiro • RJ • Telex: 21 33054 CTMB BR
 PEÇA TAMBÉM PELO TELEFONE (021) 252-7440 OU PELO FAX (021) 252-8455

LIVROS POR



Chico Buarque
estorvo

AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA

SUBDESENVOLVIMENTO
Por que somos tão pobres?

O ENIGMA AMAZÔNIA
Desafio ao Futuro

UMA CHAMA NA AMAZÔNIA

Eduardo Galeano
AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA

HERBERT DE SOUZA
BETINHO
ESCRITOS INDIGNADOS

O ENIGMA AMAZÔNIA
Desafio ao Futuro
Miranda Neto

Para o autor, que é economista, com pós-graduação em economia rural no Brasil e Estados Unidos, o desenvolvimento da Amazônia deve adaptar as técnicas modernas às condições ambientais, com a preocupação de servir ao país e não apenas aos grandes interesses econômicos.
144 p. E-235 Cr\$ 38.700,00

ESTORVO
Chico Buarque

Narrado em primeira pessoa, Estorvo se mantém constantemente no limite entre o sonho e a vigília, projeções de um desespero subjetivo e crônica do cotidiano. E o olho mágico que filtra o rosto do visitante misterioso talvez seja a metáfora da visão deformada com que o narrador seguirá sua odisséia.
141 p. E-254 Cr\$ 74.000,00

SUBDESENVOLVIMENTO
Por que somos tão pobres
Rodolf H. Strahm

Rodolf H. Strahm, economista suíço com participação em vários organismos internacionais, procura desvendar os complexos mecanismos do subdesenvolvimento, que ele relaciona com a crise do endividamento externo.
221 p.
E-230 Cr\$ 42.000,00

NÓS DIZEMOS NÃO
Eduardo Galeano

A esquerda acabou? E a história, também? Ainda é possível falar em socialismo? Cuba merece nos dias de hoje, algum interesse, algum respeito? Pode existir dignidade na miséria? Estas são algumas questões queimantes que o autor de *Veias abertas da América Latina* procura desatar nesta obra. 88p.
E-226 Cr\$ 31.500,00

ESCRITOS INDIGNADOS
Herbert de Souza (Betinho)
O livro do sociólogo e analista político Herbert de Souza (Betinho) passa em revista os principais problemas brasileiros de hoje, com a coragem e a emoção que marcam todo seu pensamento e sua atuação na sociedade. 144 p.
E-232 Cr\$ 36.000,00

AS VEIAS ABERTAS DA AMÉRICA LATINA
Eduardo Galeano
(33ª edição)
Galeano, neste livro, quebra a cronologia linear de historiografia oficial para desvendar o saque ao continente que persiste desde o descobrimento. 307p.
E-247 Cr\$ 79.000,00

UMA CHAMA NA AMAZÔNIA
Jean-Pierre Leroy
Reconstituindo a saga dos trabalhadores rurais da região de Santarém, Pará, o autor apresenta um quadro completo da realidade econômica da Amazônia. 394 p.
E-238 Cr\$ 49.440,00

REFAZENDO A FÁBRICA FORDISTA
Elizabeth Bortolaia Silva
Partindo da análise comparativa entre uma fábrica Ford no Brasil e na Inglaterra, a autora discute os rumos da economia mundial. 394 p.
E-239 Cr\$ 40.000,00

O LIVRO DOS ABRAÇOS
Eduardo Galeano
Tratar a memória como coisa viva: assim faz Galeano quando escreve. Sua memória pessoal é a nossa memória coletiva, da América. Este seu novo livro é o testemunho de pequenos episódios, que contam a história de nosso povo e revelam, com amor ou revolta, a dramática realidade de nosso continente. 217 p. E-243 Cr\$ 48.000,00

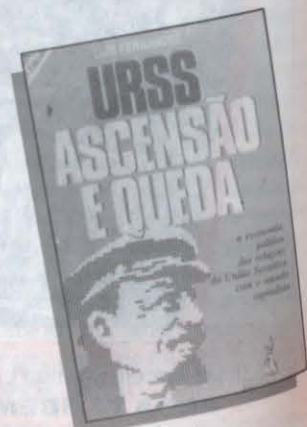
CHE-PARRA – Latino-América
Piedade Carvalho
"Ler este livro de Piedade Carvalho é mergulhar fundo numa sinfonia brilhante, onde cada instrumento aparece com a nitidez de uma estrela, iluminando nossa consciência e nosso coração, acordando no mais escuro compartimento de nosso ser a nossa quase moribunda esperança." Sérgio Ricardo
100 p. E-223 Cr\$ 28.000,00

QUERIDA ILHA
Hélio Dutra — 2ª edição
O apaixonante testemunho de um brasileiro que acompanhou, por dentro, todo o processo da revolução cubana. Hélio Dutra conhece Cuba a fundo, vivendo lá desde o fim da II Guerra Mundial. Alguns tópicos do seu livro: A reforma agrária, As reformas urbanas, A alfabetização, A mulher cubana e a revolução, A saúde em Cuba, etc. E-240 Cr\$ 70.700,00

O PILÃO DA MADRUGADA
Neiva Moreira
Os repórteres são os narradores do cotidiano e do futuro. Este livro é a reportagem com um desses repórteres. Aqui, na mais longa entrevista que já concedeu, Neiva dá o testemunho do que viu e participou. Ele narra episódios marcantes, e permite ao leitor conhecer e avaliar fatos não apenas desconhecidos mas, sobretudo, tergiversados na "história oficial". José Louzeiro
464 p. E-208 Cr\$ 38.000,00

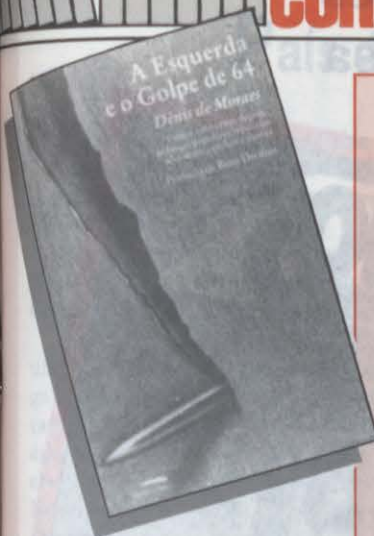
DESENVOLVIDO PARA A MORTE
Repensando o desenvolvimento do Terceiro Mundo
Ted Trainer
O simples desenvolvimento, sem um planejamento adequado, leva a aberrantes desequilíbrios na distribuição da renda mundial. O modelo neoliberal, aplicado a nossos países, acaba por privilegiar os interesses das classes altas do Terceiro Mundo, das corporações multinacionais e dos países ricos. 240 p. E-245 Cr\$ 66.000,00

URSS - ASCENSÃO E QUEDA
Luiz Fernandes
O livro analisa as consequências econômicas, sociais e políticas da opção do Leste pela "economia de mercado", bem como os antecedentes e desdobramentos dos dramáticos acontecimentos que sacudiram a União Soviética recentemente. É leitura obrigatória para os que queiram se situar diante das profundas transformações em curso nos países do Leste e refletir criticamente sobre a viabilidade do socialismo. 270 p. E-256 Cr\$ 43.000,00



ATENÇÃO: Se, por motivo de insuficiência de estoque, faltar algum livro de seu pedido, a entrega será feita parcialmente e completada posteriormente.

CORRESPONDÊNCIA



A ESQUERDA E O GOLPE DE 64

Dênis de Moraes

O autor reexamina criticamente o papel das forças de esquerda no processo que culminou com a deposição do presidente João Goulart.

379 p. E-202 Cr\$ 52.000,00

CANUDOS: A GUERRA SOCIAL

Edmundo Moniz

É a primeira história sobre o movimento sertanejo, na Bahia, que teve seu ponto culminante ao final do século XIX.

370 p. E-170 Cr\$ 53.000,00



UM MUNDO INTOLERÁVEL

O liberalismo em questão

René Dumont

René Dumont, reconhecido universalmente por seus trabalhos sobre o Terceiro Mundo, a ecologia e a paz, faz um balanço das ameaças que pesam sobre a Terra e sugere medidas para impedir uma catástrofe que pode atingir as próprias fontes da vida em nosso planeta.

240 p. E-203 Cr\$ 65.300,00

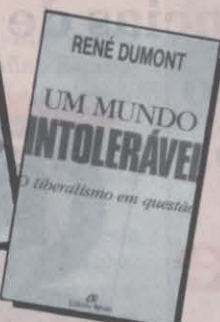
DESENVOLVIMENTO E CONVERGÊNCIA

Celso W. Bueno

Os países do Terceiro Mundo jamais chegarão a reproduzir os padrões de produção e de consumo das nações ricas, simplesmente porque esses padrões dependem de transferências de recursos vindos dos próprios países do Terceiro Mundo. O único desenvolvimento viável é o que optimize o uso de recursos naturais e humanos de cada região, do que resultarão sóbrios, equilibrados social e ambientalmente.

Celso W. Bueno foi durante 10 anos membro da equipe técnica das Nações Unidas para a área do desenvolvimento.

242 p. E-214 Cr\$ 52.000,00



SER HOMEM SER MULHER

Dentro e fora do casamento

Mirian Goldenberg

O livro é composto de dois estudos: "A construção social da identidade masculina: sexo e casamento em camadas médias urbanas" e "A Outra em família: um estudo de casos". A autora entrevista homens que falam de seus casamentos e relacionamentos extraconjugais e os familiares da Outra. Mirian Goldenberg, nestes estudos antropológicos, propõe uma série de importantes reflexões e questionamentos sobre o que é ser homem e ser mulher na sociedade brasileira.

126 p. E-259 Cr\$ 46.000,00



LEGISLAÇÃO AMBIENTAL BRASILEIRA

Subsídios para a História do Direito Ambiental

Ann Helen Wainer

O autor se propôs a fazer um levantamento histórico da legislação ambiental no Brasil, desde ordenações portuguesas, quando já havia real preocupação com a questão, ressaltando-se principalmente a importância da cultura do pau-brasil, até modernamente, com a atualíssima Lei nº 7347/85, que cuida da ação civil pública por danos ao meio ambiente.

138 p. E-246 Cr\$ 70.351,00

Nome

Endereço

Bairro Cidade

Estado CEP Tel.

Profissão

Estou Efetuando o Pagamento por:

Cheque(s) nominal(ais)

Reembolso Postal

Vale Postal Ag. Lapa

Autorizo o débito no meu cartão de crédito: _____

que tem validade até ____/____/____ No valor de Cr\$

Nº do Cartão:

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: / / _____

Assinatura do comprador

Preços válidos até: 20.10.92

| CÓD. | QUANT. |
|------|--------|
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |
| | |

CADERNOS Nº 154

Busque a verdade, sem as distorções causadas pela visão preconceituosa das grandes agências de notícias, todas do primeiro mundo.

Assine

PROMOÇÃO!
 NOS PAGAMENTOS À VISTA
 SUA ASSINATURA VALERÁ
 15 MESES (NA ANUAL) E
 30 MESES (NA DE 2 ANOS)



PREÇOS E FORMAS DE PAGAMENTO

| TIPO DE ASSINATURA | À VISTA Espécie/Cheque Nominal/Cartões/Vale Postal/Reemb. Postal | PARCELADO Pagamento por Cheques Nominais |
|--------------------|---|--|
| 1 ano | A Cr\$ 192.000,00 | B 1 cheque de Cr\$192.000,00 para 30 dias |
| 2 anos | C Cr\$ 384.000,00 | D 2 cheques de Cr\$ 192.000,00 para 30/60 dias |

No pagamento a prazo, o(s) cheque(s) só será(ão) depositado(s) em 30 ou 30/60 dias conforme opção.
 A cobrança pelo reembolso postal acompanha o critério.

PEDIDO DE ASSINATURA

Nome:
 Endereço:
 Bairro:
 Cidade: Estado:
 CEP: Tel.:
 Profissão:

Minha opção de assinatura é: (A) (B) (C) (D)

Estou Efetuando o Pagamento por:
 Cheque(s) nominal(ais) à Editora Terceiro Mundo Ltda.
 Reembolso Postal
 Vale Postal Ag. Lapa
 Autorizo o débito no meu cartão de crédito: _____
 que tem validade até ____/____/____

Nº do Cartão:

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

DATA: / / _____

ASSINANTE

CADERNOS Nº 154 • PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 30/09/92

Editora Terceiro Mundo Ltda. • Rua da Glória, 122 - 1º andar • Glória • 20241 • Rio de Janeiro • RJ • Telex: 21 33054 CTMB BR
PEÇA TAMBÉM PELO TELEFONE (021) 252-7440 OU PELO FAX (021) 252-8455

Capa:

Os deserdados

São Paulo, que não pode parar, reflete nas ruas uma situação perversa, que faz a maior parte dos brasileiros ser clandestina dentro do próprio país. A população marginalizada vive espremida no centro nervoso da cidade.



Página 22

SUMÁRIO

2 CARTAS

MINORIA

4 A trajetória cigana

SAÚDE

10 Renasce uma esperança

ECONOMIA

12 Norte-Sul: o difícil diálogo econômico

CORRUPÇÃO

18 Por um novo jeito de ser brasileiro

CAPA

22 Os deserdados

COMPORTAMENTO

28 Capoeira de rua

30 PANORAMA NACIONAL



▲ As tímidas iniciativas de alguns governos não conseguem impedir que a Aids avance rapidamente sobre o continente africano, onde o contágio se dá em sua maioria pelas relações heterossexuais

40



▲ Num mundo sem opções ideológicas, a economia divide a humanidade em dois lados, e os países do Terceiro Mundo atravessam a fase mais crítica

12



▲ Pressionados pela crise econômica, por um lado, e pela exigência de promover um desenvolvimento sustentável, por outro, os países do Sul reivindicam ajuda financeira para tornar viável a preservação de suas florestas **48**

AMÉRICA LATINA

32 Colômbia: O difícil caminho à paz

35 O combate à pobreza

37 Cuba: Os desafios da revolução

ÁFRICA

40 Aids: Dormindo com o inimigo

ÁSIA

43 Japão: Os jovens se rebelam

ORIENTE MÉDIO

44 Arábia Saudita: Aliado fiel

MEIO AMBIENTE

46 Wangari Maathai:
Um cinturão verde

FLORESTAS

48 Fogo cruzado

ECONOMIA

51 Canadá: A ameaça da
fábrica global

54 PANORAMA INTERNACIONAL

PÁGINA ABERTA

60 O Brasil vai vendo
o bonde passar...

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

Publicação com informação e análise
das realidades e aspirações dos
países emergentes

Diretor: Neiva Moreira
Diretor Adjunto: Pablo Piacentini
Editora: Beatriz Bissio

Subeditores: Claudia Guimarães, Elias Fajardo
Consultores Especiais: Darcy Ribeiro (Brasil),
Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano
(Uruguai) e Juan Somavia (Chile)
REDAÇÃO: Aldo Gamboa (Brasil), Roberto
Bardini (México), Carlos Pinto Santos (Portugal),
Cristina Canoura (Uruguai)
SUCURSAIS: Paulo Cannabrava Filho (São
Paulo), Clóvis Sena e Memélia Moreira (Brasília),
José Carlos Gondim (Amazônia), Antônio de Pádua
Gurgel (Vitória), Angela Carrato (Belo Horizonte).
REVISÃO: Cléa M. Soares e Valdenir Peixoto.
DEPTO. DE ARTE: Tell Vilhena (editor), Carlos
Gomes (capa e projeto gráfico), Sílvia H. Pompeu,
Zaney da Silva, João C. Monteiro. FOTOS: France
Press, André Louzeiro, Marcus Sanches.
Foto de Capa: Ricardo Beliel
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Jessie Jane V.
de Sousa (diretora), Juliana Iocoty, Alba
Caldas, Silvia Arruda, Mônica Pérez e Marcelo Knupp
EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Macário Costa
(chefia), Andréa Corrêa e Kátia Prado
ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes

CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:
Mauro Mendes - Rua da Glória, 122 1º andar
CEP 20241 - Rio de Janeiro - Brasil
☎ (021) 252-7440/232-3372/232-1759/222-1370

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO
utiliza os serviços das seguintes agências:
ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA
(Irã), IPS (Inter Press Service), SALPRESS
(EI Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA
(Palestina), e o pool de agências dos Países
Não-Alinhados. Mantém também intercâmbio
editorial com as revistas: *Africa News* (Estados
Unidos), *Tempo* (Moçambique), *Altercom*
(Itália-México-Chile), *Third World Network* (Malásia),
Israel and Palestine Political Report (Paris) e
Against the Current (EUA)
Fotos: Agence France Press (AFP)

SUCURSAL DE LISBOA:
Diretor: Artur Baptista
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro
10/1º andar. Lisboa, 1.200 - Tel.: 32-0650.
Telex: 42720 CTM-TE-P

Uma publicação da Editora Terceiro Mundo:
Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106
20241 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
☎ (021) 242-1957/222-1370 - Redação
☎ 232-1759 / 232-3372 - Administração
☎ (021) 507-2203 - Publicidade e Marketing
Fax: 55 21 252-8455 - Telex: (021) 33054 CTMB-BR
Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo
Alternex: Caderno

cartas

Leitora atenta

Aguardei ansiosamente o n° 152 desta revista, esperando uma reportagem com uma análise política mais profunda do que a que nos foi apresentada na n° 151, sobre o escândalo PC e as apurações da CPI. Fiquei surpresa quando não encontrei a reportagem tão esperada! Ainda no n° 152, na página 1, acima do sumário, há um resumo do que vamos encontrar nas próximas páginas. A página 53 indica uma reportagem sobre o tabu do assédio sexual e a sociedade islâmica. Quando li o sumário, a mesma página 53 indicava um artigo sobre democracia. Ao chegar a esta página, era o artigo sobre democracia que estava lá (por sinal, muito bom). Minha surpresa também foi grande acerca dos conflitos na ex-Iugoslávia que a revista também não abordou como eu esperava.

Eu compreendo que é muito difícil satisfazer a todos os desejos e expectativas dos leitores, mas quando se trabalha com Educação, os alunos não querem saber se nós dominamos o assunto ou não; eles querem respostas às suas perguntas.

Não dá para ler jornais e revistas tendenciosos. Prefiro aguardar as reportagens e análises dos profissionais da revista **cadernos do terceiro mundo**. Continuo aguardando.

Mônica Gomes
Anchieta - RJ

No número anterior, publicamos o texto *Lições da crise*, que nos parece bastante esclarecedor sobre a situação atual. A análise que faz a nossa equipe é que, independente do desfecho que venha a ter a crise, é preciso utilizar este momento histórico para realizar reformas reais e profundas na sociedade brasileira, que passa pela redistribuição de renda, a moralização da vida pública e a democratização da informação. O povo - que neste momento demonstra nas ruas sua justa indignação - não pode ser, mais uma vez, usado como massa de manobra de políticos só interessados em manter o *status quo*. Quanto ao pedido de abordarmos a crise iugoslava, faremos o possível para atender à leitora, mesmo não sendo um país do Terceiro Mundo.

Imparcialidade

Espero que a revista continue no mesmo nível, falando a verdade, e mostrando os problemas pelos quais os países do Terceiro Mundo passam. Esta é a única revista no Brasil em que se pode confiar plenamente, porque se sabe que não há nenhum interesse escuso por trás. Continuem imparciais.

João Araldi Júnior
Lagoa Vermelha - RS

Horários bancários menores

Preocupado com a queda de qualidade no atendimento prestado ao público em todos os bancos e as longas esperas nas filas, o Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro tomou a iniciativa de fazer uma publicação dirigida aos clientes. Eles também vêm sendo prejudicados pelo fechamento de agências e redução do número de bancários, com demissões sucessivas, política adotada por todos os bancos nos últimos anos, embora o setor financeiro seja um dos poucos que não foram atingidos pela forte recessão.

O sindicato tem lutado para reverter este quadro, reivindicando o fim das demissões e a ampliação do horário de atendimento ao público (de 9 às 17 horas), com dois turnos de trabalho. Esta medida foi adotada temporariamente em Belo Horizonte e deu certo. Tanto que o governo resolveu adotá-la em todo o país para o atendimento aos aposentados e pensionistas do INSS.

Entretanto, esta situação tende a se agravar com a decisão dos banqueiros comunicada formalmente à Executiva Nacional dos Bancários durante as negociações da campanha salarial em curso. O projeto pretende acabar com o horário da manhã, abrindo os bancos somente ao meio-dia, encurtando mais ainda o tempo de atendimento ao público.

Secretaria de Imprensa do
Sindicato dos Bancários do Rio

Livros em espanhol

Sou assinante desta revista e da *Cadernos del tercer mundo*. Sou também estudante de espanhol. Outro dia, me perguntaram se a revista espanhola era

INTERCÂMBIO

- **Valeska Fernanda Pincovai**
R. Santa Ubaldesca, 191
Bairro Jaguaré
05323 - São Paulo - SP
- **Maristela Pincovai**
R. Santa Ubaldesca, 191
Bairro Jaguaré
05323 - São Paulo - SP
- **Luiz Donizeti Nunes**
R. João Giacomini 160
JD Luiza Maria
13600 - Araras - SP
- **Jose Clóvis Zambito**
Cx Postal 213
Candido Mota
19880 SP
- **Noel A. Tavares de Jesus**
R. XV de novembro, 108
89665 - Capinzal - SC
- **Francisco M.C. Pinto**
Caixa Postal 2027
Agência Pta. Negra
59085 - Natal - RN
- **Martim C. De Moraes Júnior**
Rua Duque de Caxias s/nº
Três Passos
98600 - Brasil - RJ
- **Dino**
Cx Postal 1389
30160 - Belo Horizonte - MG
- **Luciano Seixas de Aguiar**
R. Joaquim Tomás de Aquino, 42
P. São Caetano
28100 - Campos - RJ
- **Gisele Moura**
Rua Bueno de Paiva, 200/801
Bairro Méier
20720 - RJ
- **José Carlos Santana**
UFV W 101 A, apto.433
36570 - Viçosa - MG
- **Adriana Botelho Campos**
R. Ouro Preto 1393, 32
Sto. Agostinho
30170 - Belo Horizonte - MG
- **W. Nogueira Silva**
Des. Gomes Parente, 1210
João XXIII
60520 - Fortaleza - CE
- **Marcela Meza Baeza**
Correo de Niebla
Valdivia
10ª Región
Chile
- **Orlando Ribeiro da Silva**
Itamarati Norte
Caixa Postal 89
78.300-000 - Tangará da Serra
Mato Grosso

tida, nos impõe a necessidade de solicitar de todos os amigos da nossa publicação.

Agradecemos a solidariedade e o apoio continuado que dão sentido a nosso trabalho.

Sílvia Gil

Casa de las Américas
Havana - Cuba

Cidadania latina

Quero parabenizá-los pelas matérias verdadeiras e corajosas, publicadas nesta revista, sobre nosso país, a América Latina e o Terceiro Mundo; sobre nossa árdua caminhada libertadora, tão cheia de espinhos, mas inextinguível.

Considero que o momento, para a cidadania consciente da América Latina, deve ser de afirmação e destemor. Por maiores que sejam as pressões econômicas e as ameaças diretas ou veladas, o dever é resistir e mostrar ao Império do Norte e a seus associados nipo-europeus que o direito e a dignidade têm mais força do que o poder do dólar.



Continuem nessa linha independente e antiimperialista e contem com o apoio de todos os que têm consciência e acreditam num mundo melhor, mais humano, justo e fraterno.

Luiz Felipe Haddad

Niterói - RJ

Tanto a cadernos do terceiro mundo quanto a *cuadernos* são mensais. Uma série de problemas internos (editoriais e gráficos) obrigaram-nos, no caso citado pelo leitor, a juntar dois meses em um só. O assinante não será prejudicado, pois receberá 12 números se sua assinatura for anual. Medidas de organização interna recém-adotadas e um novo tipo de relacionamento com a gráfica farão com que não haja mais atrasos na publicação de nossas revistas. Desde 1988, não recebemos a revista *Novembro* de Angola. Suspeitamos de que ela tenha encerrado sua publicação.

Caminhar da História

Conheço essa respeitada revista há muito tempo, e sempre ouço pessoas idôneas elogiarem-na. Com o caminhar da História, sentimos a necessidade de nos informarmos melhor, para estarmos em dia com as mudanças. Esta revista realiza um bom trabalho.

Adilson Luiz Pereira

Goiânia - GO

Cuba amiga

Durante muito tempo, enviamos gratuitamente a revista Casa de las Américas a um grande grupo de amigos. De todos eles recebemos uma valiosa colaboração: cadernos do terceiro mundo publicou matérias sobre a aguda crise econômica que Cuba atravessa. A consequente escassez de papel, que só podemos conseguir em moeda conver-

ASSINATURAS: REPRESENTANTES DOS DIFERENTES ESTADOS

Aracaju 211-1912, Alagoas 241-5311, B. H. 271-3757, Belém 235-2446, Brasília 226-2202, Ceará 281-4242, Cuiabá 321-3529/322-7442, Curitiba 223-3290, Florianópolis 44-7683, Paraíba 322-7536, Pernambuco 224-4486 / 224-1421, Porto Alegre 27-1025, R. de Janeiro 252-7440 / 252-1742, São Paulo 573-8562 / 571-9871, Vitória 229-9247

A trajetória cigana



FOTOS: RICARDO FUMARI E MARCELO OLIVEIRA/IMAGENS DA TERRA

Patrícia Terra

Segundo pesquisas recentes, a origem dos ciganos seria o noroeste da Índia: o romanê (língua cigana) e os dialetos daquela região apresentam muitas semelhanças. Apesar de grande parte do próprio povo apontar o Egito como ponto de partida da sua eterna caminhada, a hipótese foi tão levada a sério que, em 1977, a Índia concedeu a eles a condição de "cidadãos hindus em exílio". Na Índia se encontra, hoje, a maior colônia cigana do mundo.

Mas os ciganos não são tão preocupados com as perguntas "de onde viemos?", "para onde vamos?". Para eles, basta obter uma carteirinha de apátrida — fornecida pela ONU desde 1976 — para garantir a entrada na maioria dos países.

Além da Índia, o povo tem outras preferências. No Oriente Médio e no Paquistão, eles são numerosos. A Península Ibérica conta com a maior concentração da Europa e vem seguida pela Iugoslávia, Romênia, Hungria, Bulgária e Tcheco e

Eslováquia. Na América Latina vivem, hoje, um milhão e meio, dos quais 800 mil estão no Brasil, segundo dados da Unesco.

Para o início da longa viagem, os estudiosos partem de uma pista. Há indícios de que o povo tenha permanecido na Pérsia por muitos séculos e, depois da invasão mongol, no século XIII, tenha traçado pelo menos duas rotas. Uma, a oeste, passando pelo centro da Europa até chegar à Grécia. A palavra "cigano" vem de "atingano", seita de músicos e adivinhos que os gregos confundiam com os ciganos. Outra rota, ao sul, atravessando a Síria e a Palestina, rumo ao Egito.

A chegada à Europa deu continuidade à histórica perseguição que perdura hoje. Chegaram a ser escravizados no Leste Europeu e na Península Ibérica: acusados de filhos do Diabo, foram submetidos a uma legislação criada pelos reis católicos Fernando e Isabel, e que durou três séculos.

O primeiro cigano a pisar no Brasil foi João Torres, em 1574, em um grupo de degredados de Portugal. Depois, com a vinda de D. João VI, caravanas foram despejadas aqui, e eles se tornariam os primeiros oficiais de justiça da Corte. Estas duas primeiras levas foram formadas por gente do grupo Calon (Portugal e Espanha). Mais tarde, durante a Primeira Grande Guerra, viariam os Rom, de grupos extra-ibéricos. O grupo Rom se subdivide, no Brasil, nas tribos Roraranê, Calderash e Matchuaia.

Neste século, o preconceito se expressou em manifestações radicais. Durante o nazismo, morreram 600 mil e, na Guerra Civil Espanhola, milhares foram torturados e fuzilados. O etnocídio fez com que o povo passasse a querer esconder sua identidade. E hoje, apenas a quinta parte dos ciganos do mundo se conservam nômades.

Com tal descaracterização, veio então a possibilidade de rompimento do elo que uniu o povo através dos tempos.

Hoje, numa tentativa de preservar a cultura da etnia, 300 organizações ciganas são ligadas à União Romani Internacional, com sede na Iugoslávia e filial nos Estados Unidos.



O Centro de Estudos Ciganos (CEC) foi criado no Rio de Janeiro em 1987. Em sua presidência, hoje, se encontra Marcos Rodrigues, que foi nômade por

37 anos e agora é secretário de promoção social da prefeitura de Conceição de Macabu (RJ). O embrião para a formação do CEC foi um encontro no lançamento do livro de Cristina da Costa Pereira, professora de Literatura da UFRJ.

Os ciganos se tornaram uma paixão na vida de Cristina e ela foi fundamental na tomada de consciência do grupo que vive no Rio. "Neste final de século, ou o cigano se organiza e mantém a tradição ou será apenas lembrado através de sua cultura. Alguns dados de sua filosofia têm que ser preservados: o amor à liberdade e o desejo de caminhar pela Terra – isto é, estar em todos os países sem ter um território delimitado – e a valorização da disper-

são como aspecto fundamental para sua sobrevivência enquanto povo", diz a escritora.

Outro não-cigano envolvido na defesa do povo é o deputado federal Roberto Freire (PPS). Ele considera a etnia como uma das minorias mais marginalizadas do mundo, contra a qual se atribuem crimes não-cometidos por seus representantes, enquanto lhes negam mínimos direitos de cidadãos. "É necessária uma campanha no Brasil para que as barracas dos nômades sejam reconhecidas como domicílios transitórios, para garantir a privacidade de seus donos", afirma o deputado.

Na Igreja, os ciganos também encontram apoio. A Pastoral dos Nômades do Brasil, que tem à frente o Padre Renato Rosso, desenvolve um trabalho pioneiro de alfabetização de crianças ciganas nos acampamentos sem interferir nos hábitos culturais.

Os vários dialetos – Os ciganos do grupo Rom falam romanê. Os do grupo Calon falam calin. As diferenças são pequenas, mas existem. Por onde passou, o cigano apreendeu a língua local. Resultado: a base linguística de todos os grupos é a mesma, mas cada um tem suas particularidades. O romanê foi escolhido para a unificação por ser o mais difundido. É a língua pura, a mais completa, a que todos os ciganos entendem e a que só eles entendem. A língua não tem grafia, é só falada, e através da oralidade a tradição vem sendo transmitida. O desconhecimento do romanê pelos não-ciganos é a maior garantia de sobrevivência da etnia. Trata-se de uma identidade codificada, a verdadeira pátria desse povo.

Durante séculos, os ciganos aprenderam as línguas de outros países, sem nunca revelarem a sua. Aprenderam, no entanto, a falar, não a escrever. É recente o fato de ciganos alfabetizados na língua do país onde vivem. Até pouco

tempo, a maioria não sabia ler nem escrever. Contudo, a alfabetização se tornou cada vez mais necessária. As profissões exercidas pelos homens – ferreiro, tacheiro, trançador de couro – foram substituídas pela produção em série, e o povo passou a se dedicar ao comércio, que exige certo grau de instrução.

A sedentarização facilitou o acesso à cultura ocidental e, hoje, no Brasil, há muitos ciganos exercendo medicina, direito, lecionando e até trabalhando como juízes.



O talento – Eles são considerados imbatíveis no manejo de metais. Fazem utensílios de cobre, consertam objetos e esculpem portões e grades de ferro. Alguns são donos de indústrias metalúrgicas (há várias em Campinas – SP). A cestaria e o artesanato em madeira são a especialidade dos ciganos eslavos e romenos, respectivamente.

Há muitos dedicados às artes circenses e parques de diversões. Orlando Orfei, por exemplo, é cigano do grupo Manush e dono de circo. A Escola Nacional de Circo, no Rio, é dirigida por ciganos.

A música é outra atividade típica. Usam violino, violão, contrabaixo, acordeom, pandeireta e o czmbalom – instrumento de cordas percutidas, talvez originário da Índia. Os ciganos são mestres em música flamenca. Afinal,

No Leste europeu eles eram escravizados e na Península Ibérica foram submetidos a uma legislação repressiva criada pelos reis católicos Fernando e Isabel

*Durante o nazismo
morreram 600 mil
ciganos e na Guerra Civil
Espanhola milhares
foram torturados e
fuzilados*

eles a criaram, juntamente com os mulçumanos e os judeus. Estes três povos foram muito perseguidos no século XIV. A palavra "flamenco" vem do árabe "flaminou", que quer dizer "camponês foragido".

As mulheres trabalham com afazeres domésticos e adivinhação do futuro. A quiromancia (leitura das linhas das mãos) e a cantomancia (leitura da sorte no baralho) são usadas por todas as ciganas. Elas trabalham com o baralho comum e com o baralho cigano, originário da Espanha.



Vida familiar –

A sociedade é patriarcal para fora e matriarcal para dentro. A família é a estrutura social mais importante. Em seguida, vem a tribo e, depois, a "nação cigana". Existem três festas indispensáveis: o casamento, o batizado e o culto aos antepassados. O que o mais velho e a mais velha disserem é lei. Eles guardam os segredos passados de pais para filhos e, portanto, são os mais sábios. O homem mais velho, o "barô" da tribo, é quem decide o destino de todos, não sem antes consultar a mulher mais velha, a "mamio-bi". Nos impasses, é acionada a "krisromani", uma comissão formada pelos velhos.

O ritual dos antepassados é feito três dias depois que uma pessoa morre, repetindo-se 41 dias depois, seis meses depois e um ano depois. O ritual – "Pomana" – acontece aos sábados, com um banquete cuja mesa fica intacta. Nela, há flores, frutas, comidas, o retrato do morto, uma vela ace-

sa e uma garrafa de vinho fechada. Terminada a cerimônia, tudo isto é jogado em um rio ou no mar.

A festa do casamento dura três dias. Os noivos em geral são pré-adolescentes, cujos pais já escolheram seus parceiros desde o nascimento. O casamento é um negócio, feito por dote, para promover o equilíbrio econômico entre os grupos. O noivo submete a noiva a

teste de virgindade durante a festa. A noiva usa vestido vermelho no segundo dia e, como todas as casadas, passa a usar lenço na cabeça. O lenço – "dicró" – é como uma aliança. Os casamentos ciganos são marcados para a época do período fértil das noivas, a fim de agilizar o nascimento de novas crianças. Casados, os jovens passam a morar com os pais do noivo, até obterem independência financeira. A ligação ideal é com primo de segundo grau.

Os batizados também são muito alegres. Assim que receber a primeira mamada, a mãe dirá no ouvido do bebê um nome de origem cigana, que lhe será dado para protegê-lo do mau-olhado. Através de um segundo nome, a criança será conhecida no mundo dos não-ciganos.

Todos acreditam em um só Deus e na reencarnação (talvez uma herança hindu). A fé de cada grupo se adapta ao país em que vive por mais tempo. Há ciganos católicos, espíritas, protestantes, mas todos procuram suas mães, tias e avós para saber como andam seus destinos. Todas as formas de adivinhação são atribuídas à vontade de Deus, o "Devel".

Discriminação – É contra os nômades que o preconceito social se manifesta mais. No Brasil, eles viajam em caravanas com várias famílias e pertencem ao grupo Calon. Procuram terrenos baldios para acampar nas redondezas das cidades. Os maiores problemas aparecem na convivência com a vizinhança: tudo de ruim que acontecer perto de um acampamento é atribuído aos ciganos.

Certa vez, no Rio, foi roubada uma televisão e as investigações começaram a partir de um acampamento cigano, próximo ao local do crime. A maior surpresa do policial foi quando o cigano por ele abordado lhe exibiu a nota fiscal de compra do aparelho.



Quanto à crença de que os ciganos carregariam as crianças das cidades quando partissem, os estudiosos têm uma explicação. Para eles, isto vem do fato de

que, nos séculos XII e XIII, os nobres tinham filhos fora do casamento e, querendo se livrar dos bastardos, entregavam as crianças aos ciganos.

No Brasil, o preconceito hoje pode até ser considerado pequeno, se comparado ao de muitos países europeus. Na Albânia e na Bulgária, ainda hoje velhas ciganas seriam queimadas em praça pública, a exemplo do que acontecia na Inquisição. Em muitos países, crianças ciganas são proibidas de frequentar escolas.

Para melhorar a relação da etnia com as sociedades com as quais convive, os movimentos pró-ciganidade pretendem basicamente destruir a idéia de que o cigano é bandoleiro. Para eles, há ladrões entre os ciganos como os há entre os não-ciganos. O objetivo é fazer-se conhecer dentro dos limites da tradição do povo, mostrando que o cigano é livre das opressões e não das responsabilidades. Eles querem é manter sua unidade dentro da diversidade do mundo.

A voz cigana – "A terra é minha pátria, o céu é meu teto, a liberdade minha religião". "Em cima, o céu; embaixo, a terra; no meio, os ciganos". "Cão que não anda, não come". As três frases acima são ditos que bem definem a cultura andarilha da etnia. O cigano não compreende as eternas guerras travadas no mundo pela delimitação do espaço comum: em sua concepção, o planeta é um só e, em suas terras, todos têm o direito de andar. O pensamento dos homens, mulheres e crianças é regido pelos mesmos princípios. Trata-se de uma cultura primitiva, naturalista, com forte moral interna e incrível capacidade de adaptação.

Depoimentos

Vamos conhecer agora o que pensam alguns ciganos que, no Rio, se organizam em favor da etnia.

– **Oswaldo Macedo** é o “barô” do Centro de Estudos Ciganos, aquele a quem todos ouvem, o mais velho. Ele é médico e acaba de lançar um livro sobre seu povo: *Ciganos: natureza e cultura*. Sedentário, ele pertence ao grupo Calon. Suas palavras: “Nós temos o senso inato da natureza, sempre consideramos as coisas do mundo numa perspectiva total. Nada é isolado ou indiferente. Somos um todo organizado em conexão solidária, viva, como se fosse um acorde. Cultura, para nós, é um ideal que aconteceu. A nossa cultura, que se confunde com a nossa identidade, é parte da estrutura natural, é um elevado conceito de valor. Os meninos são iniciados e adestrados nas astúcias, nos artificios solertes dos animais. Aprendem e apreendem os ruídos, os pios, os rangidos vivos e miados manhosos que regem a comunicação entre os animais. Os ciganos emitem sons para aproximar ou afastar animais. Rastejam e caminham nos bos-

ques e nas florestas sem ruído. Tem pedras de anéis que, à noite, adquirem fosforescência semelhante aos olhos de felinos.

A mãe é o fundamento da sociedade. O castigo corporal é exercido pelas mulheres, exclusivamente. Não há menino cigano sem casa. Para a família cigana, a identidade só sobrevive pela tradição e autoridade, e o filho é impregnado da convicção de que encarna o pai aos poucos, atingindo a encarnação plena com o casamento. O ‘barô’ e o ‘kaku’ (feiticeiro) transmitem os interditos às crianças: não contar os sonhos, não comer as sementes das frutas e, na caça, não matar as fêmeas.



O exercício de poder no Brasil sempre foi arbitrário: nunca considerou a oca, a barraca e o zungu como respeitáveis domicílios dos índios, ciganos e negros, respectivamente. A sobrevivência cigana segue, como lobos, as leis instintivas

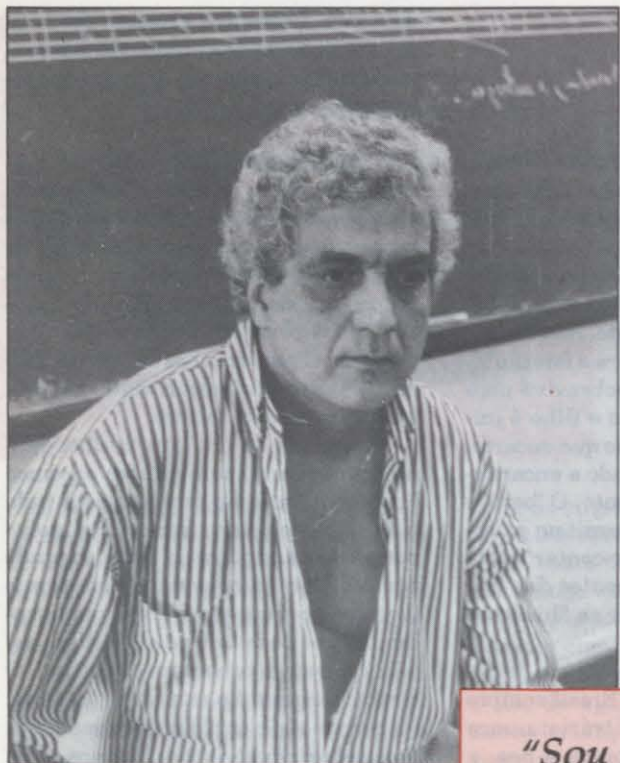
da horda. Presenças arcaicas dos tempos em que homens ainda não falavam e se guiavam pelos animais que chegavam primeiro.”

– **Esmeralda Liechocki** é a mulher mais velha do CEC. Cartomante, atende em seu apartamento em Copacabana mas acampa todos os finais de semana em Resende (RJ). É do grupo Calon, casada com um Manush desde os 12 anos de idade, com quem teve cinco filhos. É poetisa, com um livro publicado e outro por lançar. Aqui, ela fala um pouco de sua cultura.

Sobre a mulher: “Uma mulher gajina (não-cigana) tem quatro ou cinco homens ao mesmo tempo e está tudo bem. Uma cigana, nunca. Primeiro porque seria expulsa da tribo, segundo porque as tradições não permitem e terceiro porque, para abrir um baralho, não se pode ter vida libertina, senão não se tem cobertura espiritual. O corpo da cigana é o santuário da alma. As pernas são o órgão máter, onde está o segredo da procriação. Usamos saias compridas, com um bolso embutido no avental que vai até a barra (é o ‘pipê’). De adorno, eu só uso ouro, esmeralda, rubi e uma aliança de cobre que todas as casadas usam para afastar o mal da união.”



“Neste final de século, ou o cigano se organiza e mantém sua tradição ou desaparece e será lembrado apenas através de sua cultura”
Cristina da Costa Perelra



tros estudam e eram. A gente entende de cristais e pedras e pode ler a sorte através das cartas, das linhas das mãos e dos pés, dos olhos, ou usando conchas, dominó, varretas, dados, moedas e pérolas, ou, ainda, analisando o vento, o brilho dos espelhos, a fumaça dos incensos, os astros e o resto de café que a pessoa deixa na xícara. Também fazemos magia no tronco do carvalho. Somos druidas.

Cada pessoa nasce predestinada. O

umas privadas especiais, preparadas com cevada e cerveja, de modo que nenhum bicho se aproxima. Sabemos nos livrar das doenças. Não há risco, por exemplo, de cólera entre nós, que somos muito limpos."



Sobre o estigma de que são ladrões: "Cigano é muito esparto. Se você pesar dois quilos de abóbora e a balança der mais, eu vou ficar quieta. Se der o troco

errado, o problema é seu. Isso não é roubar, é ser ladino. Agora, se a gente vai pagar no caixa e fica todo mundo olhando desconfiado, aí dá vontade de testar a espartezza das pessoas. São roubadas quando menos esperam. É o que chamamos 'a gente rouba e eles nem vêem'."



Sobre sexo e casamento: "A menina aprende tudo sobre menstruação desde os quatro anos. A que não quiser se casar, o que é raro, passa a ser estudiosa de alguma coisa. Quando a mulher está grávida, o homem também 'fica'. O casal não mantém relação sexual a partir do sexto mês e até a criança ter dez dias de vida. O homem faz retiro. Achamos que ninguém pode viver feliz se é casado e tem amantes. Quando um casal quer se separar e acha que o pão e o vinho perderam o sabor, é sinal de que o amor acabou. A tribo se reúne e decide a separação. Depois, os dois não podem mais nem pegar na mão um do outro: têm que manter uma relação só de amizade. No caso de quererem casar com outras pessoas, a tribo se reúne de novo para avaliar. Todas as vezes em que você é fiel a você mesmo, tem 99% de chances de acertar. É preciso usar a intuição para ser feliz. Cada vez que você se deixa manipular, perde um pouco do seu equilíbrio."

Sobre a adivinhação: "Nós podemos ultrapassar a barreira do tempo e saber o que vai acontecer amanhã. Ou-

"Sou um cigano integrado, como o são Charles Bronson, Wagner Tiso, Carequinha e Rita Hayword"

Antonio Guerreiro - Músico

predestino é o que Deus traçou e o destino é o que pode ser mudado. Cada pessoa nasce com um carma. Fazemos o que podemos na adivinhação, menos nas segundas-feiras, que são dias dos nossos antepassados, e nas sextas-feiras, os dias de Devel. Nestes dias, fazemos oração e recolhimento ou, quando é lua cheia, fazemos fogueiras e comemos umas coisas para fortificar os dons. Os homens dançam com adagas e as mulheres fortificam as mãos no fogo: a palma virada para pegar energia e desvirada para descarregar o negativo."

Sobre o acampamento: "Em uma barraca, existem 80 famílias, separadas por cortinas que ninguém se atreve a abrir para ver o que acontece do outro lado. Quando acampamos, limpamos o mato, queimamos o terreno e fazemos

- Antônio Guerreiro, sedentário de primeira geração, é filho de mãe Calderash e pai Calon. Leciona Harmonia e Análise Musical na UNI-Rio. Está no segundo casamento, com duas não-ciganas, mas procura manter as tradições. Ele diz que não separa os dois mundos. "Faço música erudita. Sempre toquei de ouvido, mas também estudei. Não ligo para a minha ciganidade enquanto estou compondo. Quando dou aula, aí sim, tenho que me esforçar para conseguir o equilíbrio entre a minha natureza intuitiva e a racionalidade dos alunos. Na UNI-Rio, todo mundo sabe que eu sou cigano mas, se sumir alguma coisa, ninguém vai pensar que fui eu que roubei. Sou um cigano integrado, como o são também Charles Bronson e Wagner Tiso. Carequinha e Rita Hayworth eram ciganos muito queridos. A mesclagem cultural pode ser medida através de palavras e expressões da língua portuguesa que fazem parte da língua cigana. Pileque, calão, pândega e 'vou dar o pira' são alguns destes casos."

- Nífer Cortez é cigana Calon, professora de dança flamenca e bailarina do grupo Fuego Gitano. É divorciada de um não-cigano, com quem teve três filhos. Também se dedica à cartomancia. Vamos saber o que ela diz.

Sobre a dança: "Não me prendo a coreografias. Sigo os ritmos. A 'seguidilha' é 1, 2, 3, 4, 5. A rumba é em dois tempos. Crio dentro disto uma ligação quase telepática com o guitarrista. Coreografia é algema, e dom nenhum pode ficar aprisionado."

Sobre a adivinhação: "O cigano é paranormal. Capta as informações da natureza e, por isso, também é puro. É como se tivéssemos todo o universo dentro do corpo. Nossa vidência vem acompanhada pela energia de nossos antepassados. São pelo menos dez anos para se aprender a botar cartas; as sequências de 40 e 52 cartas oferecem mais de mil respostas. Começa-se a aprender aos cinco anos. Não estou aqui para desvendar os segredos do



Esmeralda Liechocki: a arte do baralho

nosso ganha-pão para os não-ciganos. É nossa profissão. Se eu fosse cambalacheira, já teria divulgado tudo para ganhar dinheiro."

Sobre o preconceito: "Na época de D. Felipo, as ciganas tinham as orelhas cortadas e eram jogadas em fogueiras dentro de gaiolas. Nossa força vem muito do fogo, pois foi nele que perdemos muito e é dele que tiramos nossa energia. A salamandra, o elemental do fogo, queima o negativo."

Uma vez, minha filha escolheu uma roupa em uma loja e a vendedora tirou a roupa da mão da menina, perguntando se ela sabia quanto custava a peça. Era cara, e eu paguei na hora, em dinheiro vivo. A vendedora ficou com a cara no chão."

Barrados no baile

Robert Tulej seguia o conselho de Michael Jackson e, de acordo com a letra de um dos seus sucessos, fugia quando racistas apareciam nas discotecas. Agora, nem precisa mais ir embora porque nenhum local o admite.

Robert, um cigano de 16 anos, diverte-se em Ceska Lipa, cidade mineira de 40 mil habitantes ao norte da Tcheco e Eslováquia. Ele prefere ser chamado de *romani* e não de cigano.

O exílio dos bailes foi um golpe para este rapaz, que vive para dançar. Para a juventude *romani* de Ceska Lipa, Robert é quase uma lenda. Ele tem a imagem de um bailarino e a de um líder. É inteligente, sincero, expressa-se com facilidade. Sua irmã Marta diz que "poderia ser o político ideal".

Enquanto seus amigos o convertem em ídolo, Robert faz o mesmo com Michael Jackson. Com seus cabelos negros e encaracolados, ele se parece com o cantor americano e também imita sua dança.

Robert acha que a culpa da exclusão dos jovens dos clubes não é só dos racistas, mas de alguns *romanies* mais velhos, que bebem e se tornam violentos. "Não nos deixam entrar porque pensam que faríamos o mesmo", acrescentou.

Os problemas para as crianças *romanies* começam na escola, onde normalmente seu desempenho é baixo. Nas casas ciganas, de famílias tradicionalmente numerosas (é comum haver entre 7 e 8 filhos), há pouco espaço para sentar-se e estudar. As crian-

ças são, quase sempre, enviadas a escolas especiais para alunos menos dotados. Elas se queixam de que os professores "nos tratam como cachorros". Robert frequentou uma escola normal, mas não concluiu o curso, como quase todos os *romanies*.

No início, pensava que o baile e não a educação o levaria ao emprego. Há dois anos ele e nove amigos criaram um conjunto musical, com apoio do grupo Iniciativa Cívica Romani - ICR. O espetáculo que montaram percorreu várias cidades e se apresentou em Praga. Por um tempo o grupo atuava uma vez por mês, mas agora "não há mais pedidos. Ninguém se preocupa com o conjunto, trabalha por ele ou o representa", assinalou.

Sua irmã Marta, que trabalha para a ICR, disse que as prioridades mudaram. É preciso dedicar mais tempo à deterioração das condições de vida dos ciganos, e sobra pouco tempo para dar atenção aos bailarinos. Todos concordam que as coisas pioraram desde 1989. Antes do fim do comunismo havia racismo, afirma Robert, mas estava escondido. "Estava nas pessoas e queriam expressá-lo, mas não tinham onde fazê-lo", disse.

Hoje, não há mais nada a temer: todos dizem o que pensam. Por isso, Robert tem sentimentos misturados sobre as novas liberdades: "É muito perigoso. A democracia, por exemplo: ela existe, mas nem todos a têm. Vivemos livres mas como em um jardim do qual não podemos sair."

Renasce uma esperança

Projeto humanitário ajuda crianças carentes a se recuperar e dá apoio a suas famílias

Há pelo menos um ano, para algumas crianças carentes que foram internadas no Hospital da Lagoa, no Rio, a esperança renasceu. Elas têm sido beneficiadas pelo projeto Renascer – Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente –, criado e desenvolvido pela médica-clínica Vera Regina Cordeiro e pela psicóloga Neusa Suely Costa. Esta organização não governamental não tem fins lucrativos e seu presidente, o Dr. Reinaldo Menezes Martins, é um conhecido e respeitado pediatra.

Fundadora e chefe do setor de medicina psicossomática (que procura incluir a análise psicológica do paciente no diagnóstico e tratamento dos casos) do hospital, a Dra. Vera lida com a dor humana há mais de 17 anos e afirma que não há sofrimento maior do que o que vê na pediatria: “Cuidamos da pior dor pela qual o ser humano pode passar, que é a da criança gravemente doente e miserável com a mãe totalmente desamparada. Muitas delas são mães solteiras.”

Segundo a doutora, o problema da medicina, hoje, é não levar em conta a influência do fator social no processo de cura: “As condições sociais são determinantes. Para uma criança pobre ficar boa da tuberculose, por exemplo, é preciso que seus pais ganhem o suficiente para comprar medicamentos, alimentos nutritivos e para morar num lugar decente; para terem, enfim, um pouco de estabilidade na vida.”

Vera afirma também que, ao contrário do que se pensa, quando um paciente tem alta não quer dizer que esteja curado: “O que ocorre é que ele não precisa mais ocupar o leito do hospital, mas deve continuar o tratamento em casa, para ficar bom realmente.” Os médicos da pediatria observavam que a criança tinha alta e voltava algum tempo depois até pior, e sabiam que

isso ocorria porque as mães não tinham como comprar os remédios. “Tudo o que fazíamos era em vão, pois sabíamos que a causa da doença não eram só os micróbios ou as bactérias, mas toda a situa-

ção bio-psico-social em que a criança vivia”, conta ela.

Antes da ideia do projeto, Vera e Neusa Suely chegavam a dar dinheiro do próprio bolso para as mães compra-

Fotos: André Louzeiro



Segundo Vera Cordeiro, o Renascer é baseado na solidariedade humana

rem remédios e alimentos. Foram até apelidadas de "irmãs de caridade". "Alguns colegas reprovaram, dizendo que isto não resolvia nada. Mas nos desesperava ver aquelas crianças tão desassistidas", lembra Suely.

Em outubro de 1991, a Dra. Vera reuniu 50 pessoas no playground do edifício onde mora e fundou a associação. Um lençol foi rifado para ter algum dinheiro para começar. Hoje, são 500 sócios (que pagam uma mensalidade de 10 mil cruzeiros) e algumas doações isoladas. Até o espaço para a sede da associação, no Parque Laje, é "emprestado", já que o aluguel é simbólico. Conta também com 45 voluntárias, que atuam no atendimento das crianças e adolescentes, na administração, captação de recursos, divulgação e distribuição de medicamentos e alimentos.

O projeto – O Renascer entra em cena na alta hospitalar da criança. No hospital mesmo é feita uma triagem para escolher, dentre os casos, os mais críticos e carentes de apoio. Isto é feito através da análise da situação social e do quadro clínico de cada paciente.

Depois, estes pacientes são cadastrados e, de acordo com as suas necessidades, recebem medicação, alimentação, acompanhamento psicológico, encaminhamento para emprego, pois a ajuda se estende também aos familiares. "Funcionamos como uma família que apóia e acolhe a família da criança doente. Afinal, é preciso um mínimo de estabilidade para poderem continuar vivendo", diz Vera. Existem outras maneiras de ajudar como, por exemplo, consertando a TV de G. N., de 10 anos, com um tumor cerebral incurável, para que ele tivesse alguma diversão quando fosse visitar a família, no período de licença hospitalar; ou dando um estojo de manicure para Maria S., mãe de L. – de um ano e quatro meses, com neuropatia congênita – para que ela pudesse trabalhar.

Hoje, 27 famílias estão cadastradas e recebem ajuda sempre que precisam.

Solidariedade – Uma das regras é que as pessoas beneficiadas, superadas as dificuldades, devem retribuir ajudando a associação de alguma forma. Um exemplo disso é Sueli P., mãe de Bruno (a primeira criança a ser beneficiada), falecido em março último aos 11 anos, vítima da Aids, adquirida através

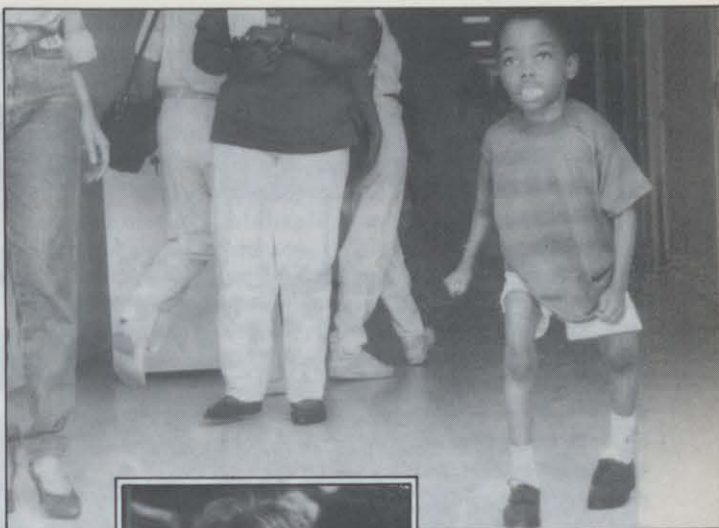
de transfusão sanguínea. Hoje, ela é uma das voluntárias do projeto.

Aristides S. não é criança, mas foi paciente da Dra. Vera, o que o tornou coordenador de um grupo de voluntários que vai, todos os sábados, entreter as crianças internadas na pediatria do Hospital da Lagoa. Levando material para desenho e inventando brincadeiras, eles animam e fazem sorrir até as mães presentes.

No que diz respeito às doações, a imaginação é o que conta. Suely relata que já ganharam uma água-marinha (pedra semipreciosa), uma TV a cores, um relógio de parede e até 80% da bilheteria de uma apresentação dos Flautistas do Rio (cujos integrantes pertencem à Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro). "A gente aceita qualquer coisa. O que pode ser pouco para alguém, pode ser tudo para nós", diz ela. Vale também ajuda humana: "Nós queremos implantar um sistema de computadores, pois estamos crescendo. Já ganhamos até os recursos para montar nossa infra-estrutura. Só nos faltava alguém que entendesse de informática. E apareceu uma analista de sistemas oferecendo sua ajuda", conta Suely, sorridente.

Até hoje, não há casos de "alta das famílias" beneficiadas. "Mesmo depois que alguma criança, infelizmente, morre, nós continuamos dando auxílio terapêutico para as mães que necessitam", conta Suely. Só agora é que a associação está estipulando um prazo de ajuda de quatro meses, podendo ser prolongado sempre que necessário.

Outro fator que o Renascer quer combater é a total falta de conhecimento sobre saúde e higiene por parte dessas famílias. "Por isso", explica Sofia Beatriz, uma das voluntárias, "estamos fazendo também cartilhas com informações básicas, que auxiliem na pre-



Neusa Suely afirma que um dos objetivos do projeto é proporcionar assistência material e psicológica, não só para as crianças como também para suas famílias

venção e no tratamento das doenças, de uma maneira acessível e numa linguagem fácil". Sofia Beatriz trabalhou na Abrapia (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) e trouxe com ela muito da experiência adquirida ali.

A Dra. Vera lamenta a falência da educação e, principalmente, da saúde: "O sistema público de saúde está completamente abandonado. Quando entrei no Hospital da Lagoa, há 14 anos, ele era lindo, bem equipado, tudo funcionava. Hoje, não há nem medicamentos. É muito frustrante e angustiante." Porém, a frustração não é desculpa para a imobilidade. "Não adianta esperar que os órgãos governamentais façam algo; a mudança deve partir de cada um. Não se pode mais viver no seu mundinho. Como diz o líder tibetano Dalai Lama, espiritualidade é você ver a dor do seu vizinho. A sociedade deve começar a caminhar junto. Devemos transformar a indignação dos nossos tempos em ação", conclui a Dra. Vera, emocionada. **Patrícia Costa**



Rodada Uruguai - 1986. Um ano e meio de atraso

NORTE-SUL: o difícil diálogo econômico

Sérgio Pereira

Num mundo sem opções ideológicas, a economia divide a humanidade em dois lados, e os países do Terceiro Mundo atravessam a fase mais crítica

O final da década de 80 foi pródigo em fatos que agitaram a cena mundial. Da queda do Muro de Berlim à reviravolta nos países do Leste europeu, há muito a história não era revirada em tão pouco tempo. Ao contrário da área político-ideológica, a economia não provocou mudanças com ares de espetáculo. A sobriedade deu o tom. Se o mundo respira aliviado ante a impossibilidade de um conflito nuclear (talvez não tão aliviado assim, se considerarmos a partilha do arsenal da extinta União Soviética), na economia o clima é de expectativa. A Guerra do Golfo ameaçou lançar o mundo numa terceira crise de petróleo e a Rodada Uruguai do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt) completou um ano e meio de atraso. Enquanto isso, os países do Terceiro Mundo atravessam sua fase mais crítica.

50 anos de distanciamento – A crise em que os países em desenvolvimento estão afundados não é nova. Sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, as diferenças entre ricos e pobres tornaram-se mais marcantes. Mas, foi a década de 80 que consolidou o que se vê hoje. Principalmente, a partir da moratória do México, em 1982, a comunidade financeira internacional percebe que a dívida externa do Terceiro Mundo não pode ser paga.

O fluxo de capitais, que desde o início dos anos 70 ia em direção aos mais pobres, assume o sentido inverso, de forma dramática. Esse sangramento, a título de pagamento, é obtido principalmente por saldos cada vez mais elevados na balança comercial. Vende-se tudo e compra-se o mínimo possível. Para completar, nos anos 80 os preços internacionais dos produtos básicos caíram, ao passo que subiram os dos industrializados, fazendo com que o índice de relação de trocas dos países periféricos despencasse. O Terceiro Mundo, tradicional exportador do setor primário e bom comprador de bens industrializados, quebrou a cara. Não é à toa que os anos 80 foram chamados de “a década perdida”.

Equilibrar as trocas – O momento atual, portanto, é de preocupação. É em tal contexto que se tenta avaliar o hiato que existia, o buraco que se observa e o abismo que poderá se criar entre o Norte e o Sul. Mesmo com essa distância entre realidades tão antagônicas tendendo a aumentar, observa-se um esforço contrário. Até oficial. Organismos internacionais dedicam-se ou foram criados para buscar a redução nas diferenças existentes. O Gatt é um deles. Desde sua criação, o Gatt vem se reunindo, periodicamente, a fim de diminuir as diferenças econômicas sob o prisma do comércio entre os países-membros.

As rodadas Kennedy, Dillon e Tóquio buscaram um sistema que não privilegiasse os ricos em detrimento dos pobres. Ao menos na teoria. Prova de que o trabalho não foi completo está no início da Rodada Uruguai, em 1986. Prevista para ser concluída em 1990, a rodada está emperrada. Para a advogada e assessora da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Soraya Saavedra Rosar, são pequenas as chances de fracasso, embora existam.

O acordo final não sai, hoje, em função de dois pontos principais: a relutância da Comunidade Européia – CE em reduzir seus subsídios à agricultura e a questão da inclusão dos serviços, por parte dos Estados Unidos.

Segundo Soraya Rosar, a questão agrícola é mais sensível. O governo norte-americano está envolvido na redução dos subsídios à agricultura, desde que a

CE também ceda. Mas não é tão fácil. A Europa não considera subsídio o pagamento ao produtor para que ele deixe de produzir. Soraya explica que o Gatt trabalha com três categorias de subsídios: os **vermelhos**, proibidos, e que dão direito a retaliações; os **amarelos**, acionados quando o país prejudicado prova que foi afetado por subsídios, e que podem também dar direito à retaliação; e os **verdes**, que são aceitos internacionalmente.

“A CE quer que essa ajuda ao produtor seja incluída entre os subsídios verdes”, diz antes de disparar: “O grande vilão é a França, que não aceita negociar.” A assessora da AEB lembra que a Alemanha tem uma posição mais flexível.

A Comunidade Européia só acena com alguma chance de entendimento caso seja incluída no acordo uma cláusula chamada *rebalance*. “Ao reduzir os subsídios em determinados produtos, a CE poderia compensar essa redução com um aumento de tarifa em outro, ou seja, seria uma troca de proteção”, explica Soraya.

Guerra comercial – Quem poderia sair perdendo, nesse caso, seriam os países pobres, incluindo o Brasil. Norte-americanos e europeus entrariam em acordo para seus produtos, e os países em desenvolvimento estariam sujeitos a sobretaxas. A soja brasileira entraria na alça de mira. Para se ter uma idéia do tamanho do prejuízo, basta lembrar que a soja representou mais de

US\$ 500 milhões na pauta de exportação brasileira, somente no período de janeiro a abril. A Europa é o grande mercado para o produto, que enfrenta a concorrência americana.

O impasse diante desse e de outros pontos nevrálgicos pode ocasionar uma verdadeira guerra comercial, onde as potências centrais estabeleceriam suas próprias regras. “Os riscos para o Brasil e demais países do Terceiro Mundo são enormes, porque os Estados Unidos e a CE têm condições de continuar subsidiando”, afirma Soraya. Quem perde são os pobres.

O fato é que, hoje, o Gatt tenta evitar que posições unilaterais, principalmente de países ricos, venham a aumentar as desigualdades existentes. Apesar das boas intenções, existem casos como o dos Estados Unidos, onde se mantém uma legislação que permite retaliações a parceiros comerciais considerados desleais. Não é necessário dizer que, normalmente, os retaliados são países do Terceiro Mundo, embora potências como o Japão estejam com frequência nas listas negras norte-americanas. O problema é que, mesmo existindo uma estrutura como o Gatt para examinar o que é ou não é leal em termos comerciais, quem decide, no final das contas, é o próprio governo norte-americano.

O momento é de preocupação com a distância que poderá se criar entre o Norte e o Sul, depois do hiato que existia e do abismo que se observa

Listas negras - A famosa Seção 301 lista, anualmente, aqueles países que, de alguma forma, atentaram contra o que os norte-americanos consideram "livre comércio". O United States Trade Representative Office (Ustr) divulgou, há pouco, a última lista negra. O Brasil está lá, de novo. A causa apontada é o não-reconhecimento das patentes farmacêuticas.

Este tipo de comportamento é contrário às regras do Gatt, mas, até o momento, pouco ou nada parece estar sendo feito. Segundo Soraya Rosar, apesar de a CE criticar duramente a posição americana, há uma legislação equivalente para a proteção dos interesses europeus. "A Comunidade Européia trabalha sob a forma de sobretaxas e quotas. Existe um dispositivo chamado *undertaking*, que dá chance ao país acusado de aceitar quotas, ao invés de ter seus produtos sobretaxados", explica.

A incapacidade do Gatt em riscar do mapa comercial mundial procedimentos como este é sinal claro do desgaste e enfraquecimento do acordo. O futuro é nebuloso para o Gatt. Segundo Soraya Rosar, consta do documento a ser aprovado a criação de um órgão substitutivo chamado *Multilateral Trade Organization*. A principal diferença estará na departamentalização. Serão setores específicos para serviços, propriedade intelectual, bens etc. A orientação dos trabalhos, no entanto, deverá ser a mesma.

Em caso de fracasso da Rodada Uruguai, na opinião da assessora da AEB, as diferenças Norte-Sul aumentariam ainda mais. Como não é a primeira vez que dificuldades são encontradas, Soraya Rosar não acredita no pior. "É importante a existência de um foro internacional para a resolução de contenciosos comerciais, e o suco de laranja brasileiro é prova disso. Após anos de discussão, o mercado japonês finalmente se abriu para o produto", observa.

Para o advogado e economista Arlindo Assumpção, "a Rodada Uruguai, como qualquer outra negociação do Gatt, está dentro de uma perspectiva mais ampla". Em sua opinião, não se trata de um simples relacionamento entre dois grupos, de dois, três ou quatro países. "Existe uma situação de concorrência entre os países centrais, às vezes extremamente acirrada", diz Assumpção, que também é mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica - PUC do Rio de Janeiro.

Ele considera que o "mundo caminha para

uma situação de unipolaridade, sob a hegemonia dos Estados Unidos. E justifica: "Quem poderia contrariar essa hegemonia, a União Soviética, não existe mais." O que restou do império soviético não está interessado ou não tem poder suficiente para reavivar a situação da guerra fria ou da bipolaridade. "Considerada esta perspectiva global, existem, na verdade, dois grupos de países, atualmente: os ricos e os pobres", completa.

Matriz tecnológica - Arlindo Assumpção vê o controle da matriz tecnológica como a causa principal da disputa entre os Estados centrais. "A disputa não é mais ideológica nem é mais estritamente política, porque os Estados nacionais não têm somente a lógica do poder político. Esta lógica está vinculada à lógica do poder econômico, e a Rodada Uruguai reflete tal situação."

Mas os problemas que causam enormes desigualdades no mundo não se limitam ao âmbito comercial. Fatores como educação, saúde pública e tecnologia também têm importância vital.

Para o diretor nacional do Centro Interamericano de Comercialização (Cicom), Genival de Almeida Santos, como os meios de comunicação tornaram o mundo extremamente pequeno, os problemas ganham dimensão global e devem ser analisados com cuidado. "As soluções para as deficiências do Terceiro Mundo só serão alcançadas num sistema de cooperação internacional", afirma.

A base, para Genival Santos, está na educação. "Podemos observar que as populações mais pobres estão mais sujeitas ao analfabetismo, que leva a posições políticas equivocadas." Uma posição que se torna



Bush e Collor. O Brasil pega carona no modelo neoliberal e tenta entrar no Primeiro Mundo

Qualidade de vida no mundo

| País | Renda per capita (US\$) | Inflação (mai-mai) % | PNB/PIB (bi US\$) | Balança Comercial (bi US\$) | Salário Mínimo (US\$) |
|----------|-------------------------|----------------------|-------------------|-----------------------------|-----------------------|
| EUA | 20.910 | 3,5 | 5.237,71 | -66,20 | 663/mês |
| Japão | 23.810 | 2,1 | 2.920,31 | 78,23 | 17,5/hora |
| Alemanha | 20.440 | 4,6 | 1.271,96 | 12,90 | 21,0/hora |
| França | 17.820 | 3,1 | 1.000,87 | -5,60 | 880/mês |
| Espanha | 9.330 | 6,5 | 358,35 | -33,10 | 593/mês |
| Brasil | 2.540 | 676,29 | 375,15 | 10,62 | 81/mês |
| Chile | 1.770 | 17,4 | 22,91 | 1,50 | 92/mês |
| Nigéria | 250 | 16,0 | 28,3 | 3,4 | N/D |
| S. Leoa | 200 | 111,0 | 0,81 | -0,04 | N/D |

Fontes: FMI, OCDE, GATT, BIRD

especialmente preocupante quando se observa que a pobreza não está recuando. Tendências de crescimento populacional, segundo o diretor do Cicom, prevêm que, nos próximos anos, quase 80% da população mundial vão estar localizadas em países de rendas média ou baixa.

“As populações com grandes contingentes de analfabetos não têm lideranças políticas ou empresariais qualificadas”, diz o diretor do Cicom. Isto é visível em reuniões para solução de contenciosos, como no Gatt. A diferença numérica e qualitativa entre delegações e representantes de países desenvolvidos e subdesenvolvidos é gritante. Para Almeida Santos, o problema continuará enquanto o Sul não for capaz de competir e de se impor. “As diferenças entre ricos e pobres dependem de nós também. Não se deve esperar por caridade”, alerta.

O caso brasileiro — Há pouco mais de dois anos, o presidente Fernando Collor e sua equi-

pe anunciaram que a jornada dos anos vindouros levaria o Brasil ao seletor e abastado Primeiro Mundo. O caminho seria uma abertura econômica, muito questionada, de modo a expor a indústria nacional ao mercado externo. Para se defender e sobreviver à ultracompetição, o empresário brasileiro seria obrigado a produzir com maior qualidade e menor preço. Era a síntese da receita. O Brasil pegava carona no modelo neoliberal, que fez sucesso na América Latina recém-democratizada dos anos 90.

Para o diretor do Cicom, o isolamento leva ao atraso. “Ninguém tem o monopólio da ciência, da inteligência, da tecnologia e lembra que tudo isso se desenvolveu em consequência de maciços investimentos, o que não ocorreu por aqui”, diz. Parece óbvio que a própria situação não favorece a novos investimentos internos e externos. Com uma economia que não anda há anos, apesar de várias receitas milagrosas e choques, o Brasil é um risco. “Não conheço nenhum esforço econômico que dê resultados com um índice inflacionário como o nosso, longo e alto”, completa Genival Santos.

O Brasil vinha adotando, desde meados da década de 50, a chamada política de substituição de importações, que visava a produzir aqui o que antes se importava. A indústria nacional se desenvolveria protegida por uma redoma oficial. Durante quase 20 anos, criou-se todo o tipo de mecanismo para desencorajar e até mesmo proibir as importações. Tal processo de desaceleração acentuou-se após a crise do petróleo (1973), quando o país gastava muito na compra do produto. Preocupado em produzir cres-



A soja brasileira na alça de mira da sobretaxa. Se ela vier, os prejuízos serão enormes

centes superávits comerciais, com vistas a saldar seus compromissos externos, o Brasil chegou aos anos 90 como uma das mais fechadas economias do mundo. Tal política colecionou críticas e contribuiu para a formação de uma indústria cara e defasada em relação aos avanços tecnológicos.

A partir de março de 1990, o governo passou a adotar medidas que facilitaram as importações. Os destaques ficaram por conta do fim da obrigatoriedade do Programa de Importação e da extinção do Anexo C, que listava os produtos com autorização de importação temporariamente suspensa.

Melhor imagem – Para Soraya Rosar, que já acompanhou diversas fases da Rodada Uruguai, em Genebra, a política adotada pelo Brasil, por mais questionável que seja, chamou a atenção do Gatt. “O Brasil conquistou um papel mais ativo nas discussões. Não chegou a aumentar o poder de barganha, mas melhorou a imagem do país”, diz a especialista. Em sua opinião, isso se deu mais em função da queda de algumas barreiras não-tarifárias do que pela redução das alíquotas do imposto de importação.

A abertura, no entanto, é controversa. “Houve abertura de quê? Das nossas fronteiras ao capital estrangeiro?”, questiona Arlindo Assumpção, para afirmar logo depois: “Não existe mais diferenciação entre o que é estrangeiro e o que é nacional. A abertura do

O Banco Mundial prevê dias melhores para o Terceiro Mundo, com taxas de juros mais baixas, recuperação dos preços reais e crescimento da renda “per capita”

presidente Collor é uma tentativa de pegar o bonde da história.” Em sua opinião, o governo vê como única saída nossa agregação às forças do liberalismo ne-keynesiano. “Liberalismo antagônico aos interesses do caráter nacional e que só existe para os países subdesenvolvidos, pobres e fracos”, dispara.

A verdade é que o Primeiro Mundo parece estar cada vez mais distante. A Organização das Nações Unidas divulgou, em meados de 1990, um estudo que comparava a qualidade de vida no mundo, baseado em dados da “década perdida”. De 130 países, o Brasil ficou em 80º lugar. Superou o Chade, Serra Leoa, Burquina Faso, Mali e Níger, entre outros.

Mas nem tudo é pessimismo, quando se trata de Terceiro Mundo. Mais recentemente, o Banco Mundial divulgou um relatório que aponta perspectivas econômicas para os anos 90. As conclusões mostram que o Terceiro Mundo vai conhecer dias melhores. As taxas de juros devem cair, os preços reais das commodities devem se recuperar a partir da segunda metade da década, e a renda *per capita* deve crescer na ordem de 3% nos próximos dez anos. O que deve puxar tais indicadores é o desempenho das exportações terceiro-mundistas, que tendem a aumentar de maneira significativa. O relatório só não diz se isso significa uma volta, com força total, ao modelo exportador que contribuiu muito para estarmos onde estamos.

As corporações à frente dos Estados

O tratamento diferenciado entre países ricos e pobres passou a ser estabelecido na Rodada Tóquio do Gatt, nos anos 70. Os ricos foram obrigados a conceder determinadas vantagens, ou excepcionalidades, aos países pobres. Para o professor Arlindo Assumpção, um especialista em Relações Internacionais, é necessário agora o estabelecimento de regras de outra fatia de mercado, que é controlado por empresas provenientes desses países centrais.

“Nas negociações multilaterais da Rodada Uruguai”, explica, “os governos dos Estados nacionais simplesmente refletem a nova realidade,

que é a de um controle mais eficaz sobre determinadas fatias do mercado internacional, no caso os serviços”.

As nações centrais e as empresas transnacionais controlam a matriz tecnológica mais avançada nesse setor, mas precisam internacionalizá-lo. De acordo com Assumpção, esse processo tem de estar sob rígido controle político e operacional. “A disputa na Rodada Uruguai”, esclarece, “se dá entre os países centrais, representando os interesses dos detentores das matrizes tecnológicas, e os da periferia, que disputam as eventuais possibilidades de acesso futuro à pro-

dução, comercialização ou financiamento das atividades ligadas aos determinados serviços”.

As conclusões, segundo o professor, dependem de um acordo entre os Estados Unidos e os líderes dos outros dois megablocos – a Comunidade Européia e o Japão –, que por sua vez defendem a potencialidade de conglomerados privados que possuem a propriedade e a capacidade de gerar e gerir tais serviços. “Estes continuam a tratar os povos da periferia como meros coadjuvantes, simples objetos da história”, conclui.

Sérgio Pereira

COISAS DE VALOR

Para o Mercantil, o seu bem-estar e a sua tranqüilidade são da maior importância. E, para facilitar sua vida, o Mercantil oferece todos os produtos e serviços de que você precisa. As melhores opções de aplicação, facilidades no crédito e assessoria financeira para pessoas físicas e jurídicas.

O Mercantil quer cuidar de tudo para você. E, por isso, oferece um atendimento especial. Personalizado. Porque tudo que tem valor para você também tem valor para o Mercantil.

MERCANTIL 

O Banco que dá valor a você.

Eva Spitz



Por um novo jeito de ser brasileiro

*A corrupção é uma perversão
que nasce nos sistemas políticos e
econômicos ou é inerente
ao ser humano?*

O estado de catalepsia que se vê ultimamente em rostos cansados dos brasileiros é sinalizador de uma doença que parece não ter cura. As denúncias de corrupção envolvendo o presidente da República, que sacudiram violentamente os meandros do poder e envergonharam muita gente boa, são apenas a ponta do iceberg.

No Brasil, carinhosamente acolhido em reportagens e em teses acadêmicas, o indefectível "jeitinho brasileiro" não faz mais graça. Nem quando aparece como pastiche em alguma telenovela. Jeitinho brasileiro, a rigor um eufemismo de corrupção, é a pedra no caminho, a praga que está levando a maior parte da população brasileira ao desânimo e à falta total de fé em um futuro mais justo e decente.

Será que o tal jeitinho enraizou-se? Afinal, o que se vê é um estado de ocupação da corrupção que impregna diversos segmentos da sociedade brasileira, desde o feirante ali da esquina até o programinha "ingênuo" de TV, como é Você decide, que coloca como escapatória para o sujeito a alternativa da malandragem. Passa pelo pai ou mãe, que procuram moldar seus filhos nos padrões puxassaquistas de obter favores, pelos comerciais de televisão mal-intencionados, pelo dono de supermercado, que superfatura com os produtos estocados, e por tantos outros exemplos.

Atualmente identificada na figura endemoniada de PC Farias e seu infeliz parceiro, Fernando Collor de Mello, a corrupção, por outro lado, é figurinha fácil até nos países de tradição calcada no rigor e na ética, como a França da Revolução Francesa (lembrar do ministro da Saúde que recentemente vendeu sangue com Aids). A corrupção já deixou suas marcas no Japão, foi denunciada na extinta União Soviética e em outros países do Leste europeu, até bem pouco tempo sob orientação socialista.

No mundo ocidental, a cada novo caso há uma espécie de brio que se insurge do mar de lama, levando presidentes, ministros e governadores ou políticos a renunciarem, como frequentemente ocorre nos Estados Unidos, por exemplo, onde a corrupção é combatida como se fosse elemento estranho, indesejável ou o próprio mal.

A pergunta é: a corrupção é uma perversão que nasce nos sistemas políticos e econômicos, ou é inerente ao ser humano?

Para falar sobre esse complexo tema foram ouvidos o professor Muniz Sodré, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, um dos mais respeitados estudiosos da comunicação no país; o filósofo Carlos Henrique Escobar, que acabou de assombrar os meios acadêmicos com uma tese de doutorado (que será publicada breve), em que aproxima Nietzsche e Marx, nos quais é reconhecido especialista; e, por fim, o psicanalista e deputado federal Eduardo Mascarenhas.

*Jovens se levantam
contra a corrupção
que está levando a
população ao desânimo
e à falta de fé num futuro
mais justo*

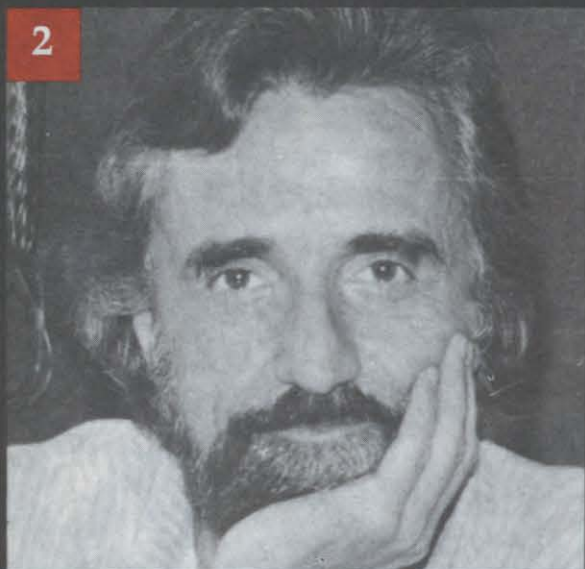
RICARDO FUNARI



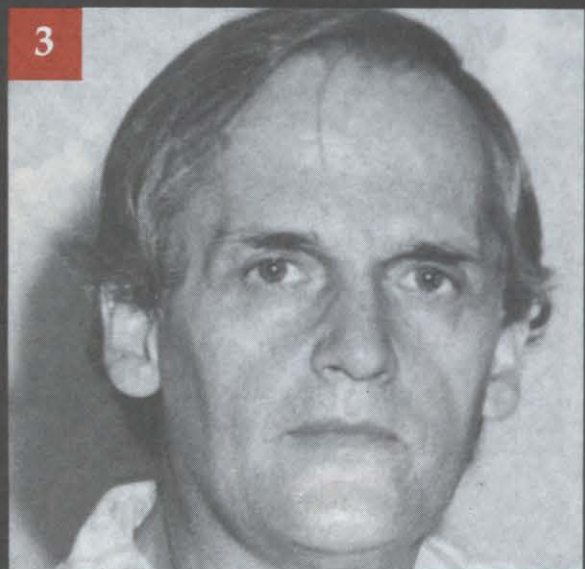
1



2



3



1 Professor Muniz Sodré

A ética como uma obrigação social

“A perversão é uma errância, um desvio de caminhos pequenos, que não estavam previstos nos sistemas de partida, mas que se oferecem como objeto apetecível. Portanto, falar em perversão é o mesmo que chover no molhado, rodear o objetivo, que pode ser gozoso. Já a perversão social tem outro *approach*.”

“Seria o esquecimento deliberado das grandes finalidades ético-sociais em função de objetivos que surgem no percurso do sujeito, não só como indivíduo, mas como uma fruição. Pode ser um governante, um grupo, uma classe ou uma instituição. Nesse processo de desvio da grande finalidade, a perversão aparece quando uma classe social ou grupo manejando as regras do poder – como o poder sobre os impostos recolhidos – deixa de lado os objetivos que preside para satisfazer (com esses recursos amealhados e com o poder obtido com a maioria) seu interesse pessoal e grupal. Ele troca o macro pelo micro. Os mecanismos de realização dessa inversão são chamados comumente de perversos. Então, a perversão é sempre uma troca do todo pela parte.”

“Na perversão sexual, o indivíduo troca o corpo externo por detalhes desse corpo. Um exemplo é o filme de Buñuel, *El*, em que o pé é simulacro do corpo feminino e substitui, de modo fetichista, o corpo da mulher. Ele goza com a parte. Socialmente o mecanismo é o mesmo.”

“Ao invés de levar em conta o todo social, o grupo investe no poder. Ora, o poder de natureza democrática tem que expressar as diferenças, os diferentes grupos sociais. Ele é a expressão da diferença. Quando o poder em um estado democrático inverte a mão e expressa apenas um grupo, ele é perverso. E o que é que está pervertido? A ética.”

“Ética se entende como normas de regulamentação e ocupação de um território humano. Ela é constituída de regras que organizam a morada do ser humano em determinado espaço, em função do que se considera e deseja como o bem. É esse o sentido de ética em Platão e Aristóteles.”

“É preciso que a sociedade gere mecanismos globais de interação com as pulsações individuais e os comportamentos. Onde há ética há essa intenção.”

Exemplo: no Japão, a economia, a política, a educação, está tudo ligado à tradição. A empresa que emprega o operário tem um sentido de responsabilidade com o futuro desse empregado forjado e encaminhado pela família. Este indivíduo está historicamente preparado para abrir mão do seu conforto em função do “bem” social.

“A ética, mais do que uma questão religiosa, é uma prática, uma circulação e imposição de obrigações. Ela é concreta. Não é uma abstração. É a incidência da norma organizadora na prática social.”

2 Carlos Henrique Escobar

Capitalismo, um sistema imoral

“**A** crise moral pertence ao sistema capitalista. Porém, complexamente. De um lado, o capitalismo se faz sobremaneira de uma série de relações entre capitalismo e trabalho, entre mercado e consumo, publicidade e vendagem, além de trocas de outro tipo, até sexuais – o chamado contrato-matrimônio. Todas essas trocas sustentadas em uma troca desigual. No caso do trabalhador, passa pelo salário, e é no interior do salário que se dá a exploração. Marx é quem faz a análise disso. É uma relação que garante a mais-valia e a acumulação de riqueza. Logo, é uma relação injusta ou, mais precisamente, escandalosa.

“No que concerne às relações de sexo ou com a justiça ou ainda com a política (o plebiscito), todas elas passam pelo poder econômico. Isto é, existe uma tirania do poder econômico em todas as relações econômicas, políticas ou genericamente no sistema capitalista. Se, de um lado, aquilo que chamaríamos crise moral está estabelecida no interior desse sistema, de outro, ela funciona com regras.

“Logo, uma crise moral no sistema é mais um desfuncionamento do que um problema moral. O capitalismo precisa funcionar. Ele é uma dinâmica de acumulação ampliada. Qualquer exigência de relações justas ou que impliquem a plenitude da vida vai conflitar com essas regras. O sistema é imoral mas pode ter crises de funcionalidade. Estas crises podem ser chamadas de imorais.

Por outro lado, existem comportamentos que subvertem as regras querendo fazer valer a vida. Exemplo: liberdades sexuais, uso de tóxico ou a liberdade de usufruir as misturas e fazer uso disso em nome do prazer e da liberdade. O sistema pode chamar isso de perverso e de imoral. O Inamps é as duas coisas: injusto e escandaloso.

“Nos socialismos reais – é necessário separá-los do marxismo, que propugnava o fim do Estado, e do marxismo comunista, que pressupõe sociedades de Estado forte – o que se viu foi, por exemplo, a Europa do Leste que nem fez a revolução: foi ocupada pelo Exército Vermelho.

“A questão moral é ambígua. Tem que se separar moral de ética – moral, enquanto regras gerais que se impõem por uma ética, demandada de cada um. O que a gente faz é uma defesa da ética em nome da multiplicidade – que cada um possa escolher a sua singularidade no diverso. Essa multiplicidade ética não exclui a aliança entre grupos. Mas só valerão os grupos quando as pessoas forem livres e se decidirem pela sua singularidade.

“No Brasil, nesse momento de crise moral, não estamos decidindo por uma nova realidade. Estamos confirmando o sistema capitalista no modelo europeu. Queremos que os empresários, os trabalhadores e os salários, ainda que tratados injustamente, funcionem.”

3 Eduardo Mascarenhas

Pela bestialidade sublimada

“**E**u tenho uma idéia da natureza humana um pouco diversa da idéia marxista. De acordo com a marxista, a natureza humana seria um produto da inscrição social do sujeito no lugar que ele ocupa no sistema de produção. Sua identidade dependerá da hierarquia ocupada na sua atividade profissional ou na classe social. Não discordo dessa definição, mas ela não me satisfaz porque, além desse fator, existem outros que independem da configuração histórica e cultural.

“Existe algo que atravessa todos os seres humanos, sejam eles de que época histórica e classe social forem. Por exemplo: ao fazer uma avaliação sobre a história da humanidade e a dos próprios países socialistas, o que assistimos é a história da bestialidade interrompida aqui e ali por curtos períodos de bestialidade menor. Exemplo: o estado de paz da Europa atual. Bestialidades menos explícitas e mais sutis: violência racial, violência contra as minorias sexuais, contra as mulheres, contra os pobres e a dos poderosos do universo econômico contra os países do Terceiro Mundo. A própria atividade esportiva é uma forma de violência sublimada, porque regozija-se com a derrota alheia. Existe o deleite pela violência.

“E isso me distancia de uma posição marxista que pressupõe a violência como produção do capitalismo, que se fundamenta na exploração do homem pelo homem, na mais-valia, tudo isso travestido de legitimidade de valores éticos. Sem desconsiderar a validade dessas críticas, creio que elas não esgotam o assunto. No socialismo nunca houve corrupção como no capitalismo, mas sempre vigorou o tráfico de influências. Na democracia, a questão da cidadania pretende que ninguém é anginho, e que por isso cada qual deve fiscalizar o outro. A sociedade deve fiscalizar o Estado.

“A questão se torna mais crítica nos países onde a democracia não foi expandida para a sociedade. Nos lugares onde prevalece o capitalismo selvagem vigoram as formas brutalizadas de exploração porque ingressam na área de miséria e desgraça alheia. O que engendra essa forma de violência é o caldo de cultura para outras formas de violência.

“Quando se acrescenta a isso um processo recessivo – uma coisa é ser sempre pobre, outra coisa é empobrecer – o social pode tornar essa natureza humana mais ou menos civilizadamente perversa. Todo desafio que envolve as lutas políticas, econômicas e culturais visa, em última instância, a tornar a bestialidade mais civilizada, mais sublimada do que nas suas exposições.”

Os deserdados



São Paulo, que não pode parar, reflete nas ruas uma situação perversa, que faz a maior parte dos brasileiros ser clandestina dentro do próprio país. A população marginalizada vive espremida no centro nervoso da cidade

Beatriz Cardoso

Hora do rush em São Paulo. Automóveis e pedestres disputam cada espaço livre no centro da cidade, onde a densidade populacional chega a 1.200 pessoas por menos de um quilômetro quadrado. Em meio a essa superpopulação flutuante, na praça da Sé, dois garotos e uma menina, com idades entre seis e 14 anos, cheiram esmalte sintético e cola de sapateiro, enquanto assistem à encenação de uma campanha de prevenção contra a cólera.

O grupo teatral usa elementos do folclore nordestino para atrair a atenção de quem passa. Afinal, grande parte da população da megacidade é oriunda do Norte e Nordeste do país.

Olhos vidrados, as crianças fitam o colorido bumba-meu-boi bailando na praça. Para elas, o "show da saúde" é pura fantasia. Festa incomum no dia a dia.

Corpos entorpecidos pela química barata tentam



FOTOS: RICARDO BELIEL

enganar a fome e o frio. Não temem o vibrião colérico e sim a "outra" cólera: a das ruas. Fúria, violência e abandono. Mas para os quase 17 milhões de habitantes da Grande São Paulo – aglomerado urbano que aglutina 39 municípios geminados – a ameaça de uma epidemia de cólera é mais assustadora do que a miséria. Pelo menos para uma população marginal que não consta dos censos de produtividade econômica, não é consultada nas pesquisas de opinião pública nem tem domicílio oficial fixo. É formada por batalhões de crianças de ruas, mendigos, catadores de papel, velhos, alcoólatras, desempregados, migrantes etc.

Habitantes anônimos da Região Metropolitana de São Paulo, com seus 8.051 quilômetros quadrados, concentram-se na mancha urbana contínua de "apenas" 1.700 quilômetros quadrados, onde está localizado o sistema nervoso da megacidade.

A cidade que não pode parar reflete nas suas ruas uma situação sócio-econômica perversa, que faz a

maior parte dos brasileiros – moradores dos grandes centros urbanos – ser clandestina dentro do próprio país.

Pobre cidade rica – Ela é, sem dúvida, a capital do principal pólo cultural, industrial e comercial da América Latina. Mas São Paulo, com cerca de 10 milhões de habitantes, espremidos em 950 quilômetros quadrados de asfalto, não gera apenas riquezas e contradições. Também produz cerca de 12 mil toneladas de lixo e outras 2,5 mil toneladas de entulho por dia. Destes, apenas 10% serão absorvidos pelos dois incineradores e pelas duas usinas de compostagem da cidade. O restante vai parar em três aterros que se encontram praticamente esgotados.

São Paulo seria um centro de desperdício de recursos reaproveitáveis ou, literalmente, "nafragaria" no lixo se o empobrecimento da população não tivesse gerado um novo segmento social: os recicladores da miséria.

Eles são mais de 20 mil catadores de papel, e circulam pelos principais bairros da cidade. A grande maioria é de desempregados, que encontram no refúgio urbano não só uma forma de subsistência como também, em alguns casos, o próprio alimento.

Embora sejam vistos apenas como "reviradores de lixo" ou como "vira-latas humanos", eles são os precursores da coleta seletiva de lixo, hoje tão em voga nos debates ambientais. E não é à base de tração animal nem a motor que toneladas de lixo não-orgânico diariamente são retiradas das ruas da cidade.

Através de quilômetros e quilômetros de avenidas, ruas e vielas, é o esforço de homens e mulheres, à frente de seus carrinhos, que aciona o processo de reciclagem urbana, feito com mãos nuas, sem luvas ou qualquer outro dispositivo de segurança. Anualmente, garimpam mais de 5,5 milhões de toneladas de lixo doméstico produzidas na Grande São Paulo.

Marginalizados, até mesmo pelos proprietários dos 200 ferros-velhos da região (que absorvem o lixo metálico), os catadores de papel dão os primeiros passos para serem reconhecidos como uma parcela produtiva da sociedade.

Desde 1988 funciona a Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare). "Com essa onda ecológica, talvez comecem a respeitar o nosso trabalho", espera João Amado Teodoro, presidente da entidade.

Mas, a "descoberta" do reciclável pode ser uma faca de dois gumes, pois, mais uma vez, alijaria estas pessoas do processo econômico. Eles temem que a indústria da reciclagem favoreça às empresas coletoras de lixo bruto, que se transformaram em um verdadeiro "cartel", liderado pela Vega-Sopave. A empresa é hoje a quarta maior do mundo neste segmento.

Os defensores destes "garis" sem carteira assinada pregam um modelo terceiro-mundista de coleta seletiva, que atenda não só aos aspectos sanitários e ecológicos como também ao sócio-econômico. Afinal, na era do desperdício e da recessão, o lixo ainda é uma alternativa de trabalho.

A rainha da rua – Não muito longe da sede da Coopamare já foram iniciadas as atividades debaixo do viaduto do Glicério, no bairro oriental da Liberdade. As quartas-feiras são sagradas para o “povo sofredor das ruas”. É dia de sopão, feito com os restos da feira-livre das redondezas.

Homens e mulheres; velhos, jovens e crianças; desempregados, migrantes ou os “perdidos na cidade” (alcoólatras e doentes mentais). Quem tiver fome e vontade de ajudar é bem recebido pela irmã Ivete, que há cerca de uma década coordena este ritual.

Não é necessário qualquer atestado religioso de pobreza para estender uma lata ou vasilha plástica em direção ao grande caldeirão, que circula num carrinho entre os convivas da rua. Sopa quente no inverno ou no verão.

Quarta-feira de manhã é dia da coleta de alimentos. Tudo aquilo rejeitado por quem pode escolher e comprar é ingrediente do sopão. Não restos de lixo, mas as sobras do desperdício: verduras amassadas ou cozidas pelo calor, legumes “bichados” ou “machucados”, as aparas de peixes que a “madame” não aprecia... Tudo isso é iguaria na panela vazia.

Quem faz a rima e remexe o panelão é Cinira Silva, 48 anos – 15 de rua –, mineira de Sacramento, criada em Bauru, interior de São Paulo. Cinira afirma que, quando era “mocinha”, queria ser jornalista e ir para os Estados Unidos, lutar contra o preconceito. Admirava Luther King e Malcolm X.

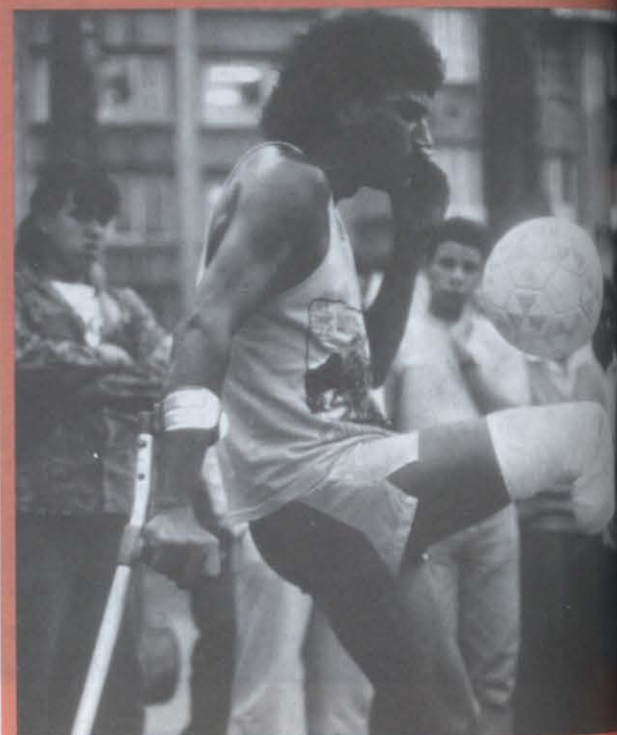
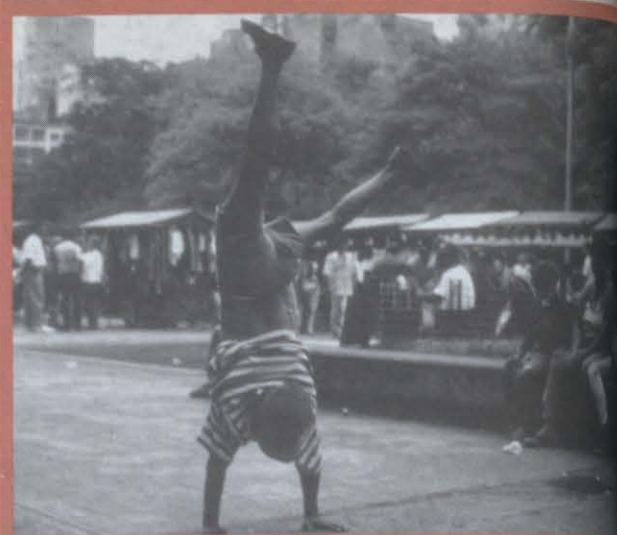
“Hoje vejo aquela tragédia de Los Angeles e sinto uma grande tristeza”, diz, antes de tomar novo fôlego: “A minha vontade é ir lá e trazer todo mundo para o Brasil.” Cinira garante que é da rua e é negra, mas faz questão de dizer que tem “informação”. Ela lembra que se acostumou a ler jornal pendurado em bancas, ouvir rádio de “orelha” e assistir televisão em vitrine de loja.

Desse tempo, Cinira só guarda uma desilusão amorosa e o sonho de continuar a estudar. Reminiscências da “rainha da rua”, que amou Zé Pretinho até a morte. “Nosso amor virou prosa e verso. Foi meu primeiro amor na vida. E único. Das outras pessoas eu apenas gostava”, diz uma Cinira emocionada.

Mas não é dele a filha de quem se orgulha. “Foi fruto de um erro do passado”, confessa. Erro maior, para ela, foi separar-se da pequena Priscila, de apenas três meses. “Não queria ela vivendo por aí e, ao mesmo tempo, não conseguia sair da rua”. Criada pela irmã de Cinira, a menina tem hoje 13 anos. Só recentemente descobriu que a mãe é “da rua.” Há um ano Cinira tenta acostumar-se com a vida “entre quatro paredes”. Tudo por amor à filha. “Já fui cozinheira internacional, diplomada no Senac”, recorda: “Estive duas vezes na Europa, com meus antigos patrões. Depois, acabei na rua. Os outros patrões tratam a gente com desprezo, como se fosse bicho.”

Na casa da irmã, sente-se acuada. “Parece difícil acreditar que quem viveu na rua catando lixo, dormindo debaixo de viaduto, cobertor de jornal e achaque de polícia, está sofrendo. Mas é meu caso. Tenho minhas amarras com a liberdade das ruas.”

Para a rainha da rua, que quer defender os negros



de todas as partes do mundo, é difícil entender as regras “da gente de bem”. É ela quem diz: “Eu não tinha hora para comer, dormir ou tomar banho. Fazia amor como os animais, sem malícia. O Deus que a gente cultua nas ruas é o mesmo Deus que está nas casas. Mas as pessoas cultuam um Deus tirano... e eu nem posso rezar de bermuda.”

Cidade clandestina – Apesar dos grandes edifícios, São Paulo é predominantemente uma cidade horizontal, onde a maioria tem de lutar pelo mais elementar direito de cidadania: a moradia. Favelas, cortiços e loteamentos clandestinos são o último estágio de quem viu morrer o sonho da casa própria. O próximo passo é o viaduto, a praça, a rua...

Cerca de 70% da população vive em situação irregular de moradia, sem condições de ter casa própria



Aos 17 anos, Perninha, no alto à esquerda, afirma: "Eu sou o crime". Abaixo, o esportista exhibe seu talento. Cinira (no alto), a rainha da rua, ajuda a fazer o sopão dos pobres. E é com o mutirão (acima) que o favelado paulista resolve a falta de teto

ou pagar aluguel: mais de 1,3 milhão de pessoas (8% do total) ocupam as quase 1.200 favelas só na capital. Outros 3,5 milhões de habitantes se espremem em 88 mil "cortiços" espalhados pela cidade (com cômodos familiares de até três metros quadrados).

Há mais de 400 mil imóveis irregulares e 11,3 milhões de metros quadrados ocupados ilegalmente. Já chegam a 2,4 milhões as pessoas que moram em loteamentos clandestinos. Elas estão alijadas do mercado de consumo, que espalha mais de um milhão de anúncios pelos muros, paredes e outdoors.

Mas até mesmo a miséria produz uma "economia

capitalista selvagem". O mercado imobiliário de cortiços, apesar de ilegal, movimenta cerca de US\$ 26,2 milhões. Pouco menos que os US\$ 28 milhões que circulam no setor oficial de locação de residências, no município de São Paulo.

Mais difícil é calcular o volume financeiro que desaparece nos cofres sem fundo dos responsáveis pelos loteamentos clandestinos.

A alta rotatividade entre os agentes clandestinos que comercializam terras alheias (os grileiros urbanos) e também entre as vítimas que adquirem um pedaço de terra e repassam para terceiros, alimenta o círculo vicioso.

Favelização – Essa é uma das principais razões que aceleraram o processo de favelização do município de São Paulo. Anualmente, as favelas recebem mais 300 mil habitantes. O número de favelados cresceu mais de 1.000% nas últimas duas décadas, enquanto a população sequer chegou a dobrar de tamanho. Esses índices vão refletir sobre toda a região metropolitana.

Hoje, os técnicos sabem que as favelas não são mais "soluções temporárias de moradia". A remoção de uma família favelada custaria US\$ 10 mil, enquanto a urbanização e a implantação de um sistema sanitário, com o apoio da comunidade, ficaria em apenas US\$ 1,3 mil. Por isso mesmo, a palavra de ordem desta população "marginal" é o mutirão.

Já existem cerca de 130 mutirões espalhados pela Grande São Paulo. Cerca de 10 mil moradias estão sendo construídas dentro deste processo. Outras 20 mil estão sendo projetadas pelos movimentos populares. Há mutirões de até mil casas.

Homem ou mulher, criança ou velho, nas horas de folga, transformam-se em pedreiros, marceneiros ou eletricitistas. São os "sem-teto" e "sem-terra" na luta por um lar na Grande São Paulo, codinome de núcleo urbano nascido da explosão populacional da mais rica capital estadual brasileira.

A iniciativa comunitária não vai resolver problemas crônicos de uma cidade que sofreu um processo de urbanização brutal, como São Paulo. O crescimento desordenado gerou não só um caos ambiental, como também social.

Eu sou o crime – Se as ruas são reinos, as praças são verdadeiras cidades. "Esta é minha praça. Aqui, todo mundo me conhece", garante RGL, 17 anos, na escadaria da praça da Sé. Com um sorriso malandro, ele anuncia: "Eu sou o crime." A aparente autoconfiança é traída pelos olhos desconfiados e o jeito acuado de quem está sempre à espera de uma emboscada.

Ele é mais um menino sem infância que tenta ser "gente grande" para sobreviver na megacidade. Velho, mendigo, bêbado, criança ou camelô, todos o chamam de *Perninha*. Apelido que ganhou aos nove anos, depois de um acidente de carro – guiado por ele mesmo – que o deixou com uma perna defeituosa.

Para *Perninha*, a deficiência física é mais um "sinal" para ser reconhecido entre os meninos de rua. Ar-



A Grande São Paulo tem 17 milhões de habitantes e aglutina 39 municípios geminados

rastando a perna esquerda, ele percorre dezenas de quilômetros diariamente, circulando pelo centro da cidade, fazendo novos "contatos", procurando cola de sapateiro ou "desviando-se" da polícia.

A família de RGL abandonou a cidade Moreno, no sertão pernambucano, para tentar a sorte na cidade grande. Ele tinha apenas cinco anos e duas pernas perfeitas. O pai logo voltou para Pernambuco deixando R. e dois irmãos. "Ele disse que estava cansado de viver com minha mãe", conta.

Quatro anos depois, RGL deixou a escola de lado para tornar-se "aviãozinho" – *office-boy* do narcotráfico. O "serviço" era pago com pouco dinheiro, mas maconha e cocaína suficientes para deixá-lo dependente dos traficantes.

"Aos oito anos, já sabia pilotar", vai lembrando: "Os grandes me levavam para 'puxar' carro." Foi numa dessas "aventuras" que sofreu o acidente.

A despeito dos esforços da mãe, dona Geralda, "o chamado da rua" foi mais forte. A partir daí, a trajetória de *Perninha* é semelhante a de outras crianças que vivem nas ruas de São Paulo. Já passou seis vezes pela Fundação do Bem-Estar do Menor. Na última, promoveu uma rebelião que durou uma noite inteira. "Fiquei com quatro reféns. Televisão, rádio, toda a imprensa foi até lá. Ninguém saiu ferido, mas eu não volto mais pra aquele lugar. Muita gente quer a minha cabeça."

São Paulo precisa parar

A Grande São Paulo responde por cerca de 35% do PIB brasileiro, que é de US\$ 370 bilhões (chega a US\$ 460 bilhões, computada a economia informal). Dentro do Terceiro Mundo, com um PIB oficial de US\$ 129,5 bilhões, a região poderia orgulhar-se de ter um PIB *per capita* de US\$ 7,4 mil – três vezes maior que a taxa média do país.

No entanto, é o retrato sem retoques dos contrastes sócio-econômicos do Brasil: os 10% mais ricos respondem por 30% de toda a arrecadação; cerca de 45% da população têm uma renda familiar de US\$ 60 a US\$ 480.

Impera a concentração de riqueza e empobrecimento geral, embora os padrões salariais sejam os mais altos do país. Ao mesmo tempo que repassa parte de sua renda para outros estados brasileiros mais pobres, a Grande São Paulo recebeu um grande fluxo de migrantes a partir de 1950 – quando assumiu a frente da industrialização brasileira. A população passou de 2,6 milhões (em 1950) para 17,5 milhões (1990). Um

aumento de quase 700%. A densidade populacional é superior a 135 habitantes por hectare.

Os ufanistas dão vivas às previsões de a metrópole paulista vir a ser a maior cidade do mundo no ano 2000, com mais de 21 milhões de habitantes, superando a Cidade do México. Se na década de 50 vigorava o lema "São Paulo não pode parar", hoje está claro que ela tem que parar



antes que se torne uma megametrópole do subdesenvolvimento industrializado.

Pelas ruas circulam 4,5 milhões de veículos – equivalente a 1% da frota mundial de veículos de passeio –, que despejam toneladas de gases no ar: em média, um carro lança 500 gramas de dióxido de carbono a cada 50 quilômetros. Sem áreas verdes para oxigenar o ambiente, imensas bolhas de condensação – ilhas de calor – vão promover verdadeiras "tempestades" climáticas: as inversões térmicas, que são rotina no período do inverno.

Este mosaico de contradições é apenas uma face da Grande São Paulo, que hoje assiste ao início de uma desconcentração industrial e da desmetropolização. O poder econômico estende seus tentáculos para o interior do estado. Essa inversão talvez seja o primeiro passo para que a megálope "pare" para uma reflexão. E encontre um caminho alternativo que promova o equilíbrio e a união entre a São Paulo legal e a São Paulo clandestina.

Perninha posa de líder entre os meninos e meninas que circulam pelas praças, parques e terrenos baldios do centro de São Paulo. Ídolo de pés de barro e vida curta, como tantos outros. Nas listas dos grupos de extermínio, que já assassinaram mais de 150 crianças em seis meses, ele é o próximo a morrer.

Olhos baixos, mente dizendo não temer a morte. Mas todos sabem que é mais uma bravata do menino que, ironicamente, sonhava em ser piloto de carro da polícia. Tudo pela paixão à velocidade.

Filhos do medo - A história de *Perninha* é igual a de mais de 1.700 crianças (segundo a Secretaria do Menor do Estado de São Paulo) que circulam pelas ruas da cidade. Isso sem contar com as quase 6.200 crianças e adolescentes que estão "carimbados" como infratores pelo Juizado de Menores.

Eles são os "meninos de rua", filhos da miséria, da desagregação familiar e da discriminação sócio-econômica típica dos grandes centros urbanos superpopulosos. Segundo o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, os números oficiais sobre São Paulo estão muito longe da realidade.

Entidades reconhecidas estimam que na Grande São Paulo exista 1,3 milhão de desempregados. Deste total, cerca de 500 mil foram despejados de suas moradias. Assim, novas crianças estão nas esquinas, pedindo esmolas ou oferecendo pequenos serviços para ajudar no orçamento doméstico.

A segunda maior metrópole do mundo tem, no mínimo, cerca de 6,8 milhões de crianças na faixa entre 0 e 17 anos. Se o percentual de famílias pobres é superior a 42%, é quase certo que 3,5 milhões de crianças, sem condições de serem absorvidas pela escola, cedo irão engrossar os batalhões de mão-de-obra infantil clandestina.

Na falta de outras opções, as ruas passam a ser a "casa" de quem já perdeu tudo, inclusive a infância. A



Na Praça da Sé, corpos infantis entorpecidos pela química barata tentam enganar a fome e o frio

maioria só vai sobreviver ao frio, à desnutrição e à carência familiar recorrendo às drogas - cola de sapateiro e esmalte sintético (no início), maconha, cocaína e crack, depois.

Um levantamento feito pela Polícia Federal indica que a população jovem brasileira, menor de 18 anos, é de 60 milhões. RGL é um deles. E como outros, teme chegar à maioridade. Acredita que os erros do passado não serão perdoadas pela sociedade. E muito menos pelos grupos de extermínio.

Por isso mesmo ele se esgueira pela sombra, perdendo-se entre ruelas e bares. Teme a noite e o sono. Uma nova modalidade de extermínio entre os executores e "justiceiros" é lançar um tijolo ou uma pedra na cabeça das crianças, enquanto estão dormindo. Sem marcas de balas ou outra violência, a tijolada deixa a idéia de que tudo não passou de uma briga nas ruas.

Já passam das 20h quando *Perninha* junta-se a outros garotos. "Eles estão me dando cobertura para dormir", diz. O local seguro pode ser os fundos de um bar, o quarto de uma prostituta, os corredores de um velho prédio ou até mesmo um buraco cavado entre os escombros de uma casa demolida. E ele não sabe também que tudo isso é crime.

CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO
ASSINATURAS ▶

Rio de Janeiro

(021) 252-7440 / 232-3372

São Paulo

(011) 573-8562 / 571-9871

Belo Horizonte

(031) 271-3757

Brasília

(061) 226-2202

Curitiba

(041) 223-3290

Aracaju

(079) 211-1912

Florianópolis

(0482) 44-7683

Capoeira de rua

Menores descobrem, através do esporte, a chance de uma vida melhor



Patrícia Costa

Eles são de todas as idades: Leandro tem 12 anos; Rafael, 7; Carlinhos, 14; Júlio, 10. Todos têm, pelo menos, duas coisas em comum: são meninos de rua e adoram capoeira.

O "Recriança", criado pela Fundação Rio Esportes, em 1987, e coordenado pelo Mestre Camisa – o mais conhecido mestre de capoeira do Brasil –, é um projeto que desenvolve várias atividades ligadas ao esporte como atletismo, vôlei, basquete, futebol e capoeira. Hoje, com 37 núcleos, o "Recriança" está espalhado em favelas, escolas de samba, comunidades carentes e áreas onde a concentração de meninos de rua é maior, como na praia de Copacabana

(em vários pontos ao longo da orla), perto do Clube Fluminense, em Laranjeiras, e na praça que substituiu o chamado Buraco do Lume, no Centro do Rio de Janeiro.

Professor Canguru (ou Walder Velasco), do Grupo Abadá de Capoeira, trabalha com meninos de rua há, pelo menos, 5 anos, e garante que, dentre todas as atividades esportivas, a capoeira é a que mais se aproxima do mundo das crianças: "Desde o momento em que a gente chega aqui, eles ficam querendo fazer a roda, mas a gente os disciplina a esperar."

Disciplina – Eis um dos fundamentos da capoeira ensinada pelo professor Canguru e sua equipe. Ele afirma que, ao contrário do que muita gente pensa,

a capoeira não incita à violência e nem ajuda a melhorar a "performance dos assaltos" que os meninos possam cometer. E prova isso dizendo que o índice de assaltos no comércio em volta do local onde praticam diminuiu bastante: "O que a gente ensina é o oposto. A capoeira é uma arte, uma filosofia de vida, como diz Mestre Camisa. E é nossa faz parte da nossa história." E é com ela que os meninos de rua mais se identificam e mais gostam. Eles ficam menos agressivos, sentem vontade de mudar de vida, de ser alguma coisa. O professor afirma que isso é devido ao trabalho de conscientização desenvolvido entre as crianças: "Elas se sentem valorizadas, importantes, e passam a confiar em nós e a acreditar num futuro melhor." A característica comum entre os

menores infratores, segundo ele, é que não dão valor a si mesmos, vivendo na perspectiva do "amanhã eu posso morrer mesmo". Canguru já conviveu com muitos garotos e garante que o esporte pode "salvar" muitos deles: "As crianças só precisam de uma oportunidade, só querem um pouco de atenção e respeito. O esporte proporciona isso."

A roda de capoeira é o lugar mais democrático que existe, segundo Canguru. Tamanho e idade não fazem diferença. Carlinhos tem 14 anos; olhos de criança e corpo de adulto, não se sente inferior ao jogar com Rafael, um franzino menino de 7 anos, que dá um banho de malandragem. O companheirismo e o respeito são características marcantes na roda. Até quando um pé acerta um rosto sem querer, os meninos pedem desculpas uns aos outros. As crianças são tratadas de igual para igual pelos capoeiristas, e procuram imitá-los. Canguru diz que o exemplo é o melhor ensinamento.

Trabalho desconhecido - Leandro tem 12 anos e vive na rua desde os quatro. Conheceu Canguru em São Gonçalo há quatro anos e desde então, o segue seja onde for: "Eu quero ser professor de capoeira também." Sorriso tímido, corpo magro, na roda de capoeira ele revela agilidade e alegria. Como ele, são em média 30 garotos que, diariamente, esperam a chegada da "turma da capoeira" para praticarem.

Muitas pessoas interrompem a correria diária do Centro para assistirem ao trabalho do "Recriança". Porém, apesar de já ter cinco meses de atividade no local, muitos não sabem do que se trata. O aposentado Alberto Schawrz, de 60 anos, exclama: "É da prefeitura, é? É muito bom ver que estão pensando nesses garotos, que ficam largados e abandonados na maior parte do tempo." A secretária Márcia Terra, 24, concorda: "Essas crianças nunca tiveram nada na vida, nenhuma opção. Não têm família, não têm carinho, e convivem com a vio-

lência desde muito cedo. Esse trabalho é muito bonito."

Mas nem todos eles são órfãos. A família de Everaldo, 11 anos, mora em Olinda, Nova Iguaçu, mas ele prefere a rua: "Aqui é melhor, posso fazer o que eu quiser, sou livre." É essa liberdade que está na cabeça de quase todos: Alex, Mauro, *Pidão*, Rafael, *Ratinho*, Carlinhos, *Macaco*, *Faustão*, Zé Carlos, todos se sentem à vontade nas ruas. Alguns fugiram de casa porque apanhavam, outros foram abandonados, mas o fim da história é sempre o mesmo: estão na rua porque não existe outro lugar para eles.

Chance de mudar - O "Recriança"



"Os garotos só querem um pouco de atenção e respeito. O esporte proporciona isso"

acabou de fazer um convênio com o Projeto Olímpico da Mangueira, que recebe menores de rua que têm potencial para tornarem-se futuros atletas. O núcleo do Buraco do Lume acabou de encaminhar 10 meninos, que terão alimentação adequada, uma ajuda de custo e treinamento no esporte que escolherem. O professor de Educação Física Luiz Henrique Gama afirma que um deles poderá ser um futuro João do Pulo: "Se, subnutrido como ele é, já pula 2 metros e quinze sem pegar impulso, imagine o que não alcançará tendo apoio e alimentação adequada."

Mestre Camisa também ofereceu um outro convênio entre o projeto e as academias de capoeira do Rio de Janeiro. A coordenadora geral do "Recriança", Lillian Cardoso, explica que isso ainda não foi oficializado, mas que o objetivo será "formar monitores de capoeira entre os menores de rua, através de bolsas de estudo e apoio pedagógico."

Filosofia histórica - Existe também um outro projeto da prefeitura chamado "Capoeira", cujo objetivo, além de tirar os meninos da rua e ensinar-lhes valores positivos, busca divulgar a capoeira como uma arte que faz parte da cultura brasileira. Tonico Santos, professor

de Educação Física e coordenador geral do projeto, explica: "Queremos levar a capoeira para as escolas, mostrar sua importância na formação histórica do Brasil, em como ela foi um instrumento de libertação social e individual na época da Independência. Queremos ensinar como a capoeira é uma terapia corporal que integra o corpo e a mente e tem elementos que contribuem para a boa formação do indivíduo. Por isso, temos não só o ensino prático como também cartilhas e apostilas com esse material didático." O projeto "Capoeira" existe também há cinco anos e tem 18 núcleos espalhados em escolas municipais e comunidades carentes.

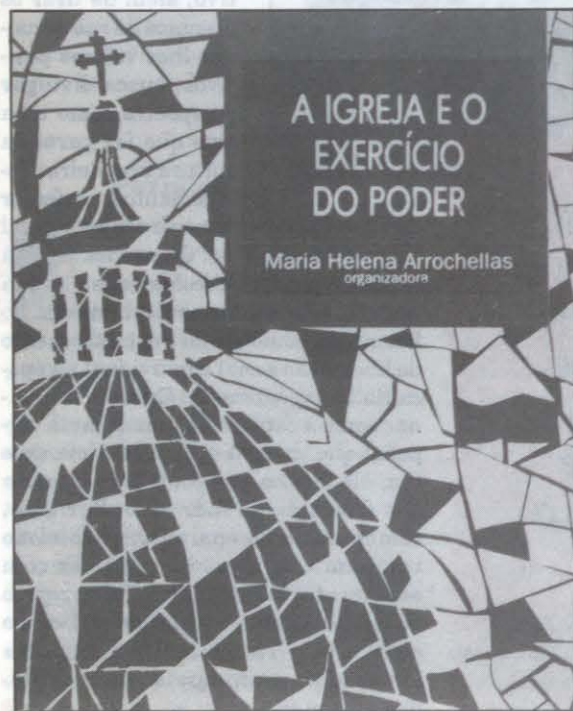
O poder da Igreja

Já está nas livrarias *A Igreja e o exercício do poder*, organizado pela coordenadora do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, Maria Helena Arrochellas. Resultado de um seminário realizado em outubro de 1990, o livro é uma coletânea de textos que discutem o poder da Igreja católica e analisam o percurso deste poder ao longo da história, bem como sua posição junto à sociedade contemporânea.

A primeira edição, em março de 1991 na *Revista de Cultura Vozes*, esgotou-se em um mês, mas o Vaticano, intervindo indiretamente, acabou afastando frei Leonardo Boff da direção da revista e proibiu uma reedição.

O Centro Alceu Amoroso Lima recorreu, então, ao Instituto de Estudos da Religião (Iser) para publicar a segunda edição em livro, cujo lançamento foi acompanhado por um debate com o jurista Fábio Comparato. Conduzindo sua exposição em torno do tema "comunhão", Comparato mostrou como esta idéia central da Igreja, no momento de sua fundação, e baseada no princípio da igualdade, foi sendo modificada e esquecida em prol de um poder de dominação sobre a fé: "É preciso que os homens obedeçam não à vontade de um homem, mas à lei, como norma geral consentida por todos os homens numa posição de igualdade. E essa igualdade é uma situação de comunhão."

Com artigos de Leonardo Boff, Milton Schwantes, Clodovis Boff e Fábio Comparato, entre outros, o livro é um importante documento de reflexão sobre o momento de mudança por que passa a comunidade católica e a instituição da Igreja como um todo.



Desapropriação

Duas mil seiscentas e cinquenta famílias resistiram à tentativa de despejo de uma área conhecida como Agulhas Negras, com 30 mil metros

FOTO: J.R. RIPPER



quadrados, situada no bairro da Boa Esperança, em Campo Grande, no Rio de Janeiro. O terreno era usado como cemitério de carros roubados e para desova de cadáveres. O despejo foi iniciado em 24 de junho. Houve confronto entre os posseiros e a Polícia Militar — mesmo com a presença do oficial de Justiça —, mas as famílias não saíram. O juiz da 2ª Vara Cível de Campo Grande, Roberto de Abreu e Silva, expedira um

mandado de reintegração de posse em favor da Companhia Atlântica Brasileira (Ciab) proprietária do terreno. Mas, diante da resistência das famílias, o mesmo juiz suspendeu o mandado por 60 dias.

Mônica Ramos Pedreira, assessora jurídica da Secretaria de Urbanização, Habitação e Assentamentos Humanos do Estado, tentou um acordo com a empresa, para transformar a área em loteamento popular. Como a Ciab negou a proposta, a Secretaria entrou com um pedido de desapropriação. No início de setembro, a desapropriação foi efetivada. Os posseiros se organizaram em uma associação de moradores e já foi feito o cadastramento das famílias e um levantamento topográfico do terreno.

A ocupação do terreno teve o apoio de moradores vizinhos e do padre Argemiro, da paróquia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, que organizou, inclusive, uma listagem das crianças e inválidos, para recolhimento de donativos.

Projetos para crianças

No Rio, a Secretaria Estadual de Esporte e Lazer tem promovido diversos projetos junto às comunidades carentes, visando o princípio de igualdade de oportunidade para todas as crianças, independente de sua condição física ou social. O Projeto Gandula, por exemplo, que também lida com crianças deficientes, fornece treinamento, lanche, transporte e remuneração aos participantes, além de lugares cativos nos dias de jogos no Maracanã. Outros projetos visam às comunidades carentes, como a do Morro do Estado, localizado no Centro de Niterói, com 25 mil habitantes. A exemplo do Projeto Mangueira, o objetivo é aumentar o índice de escolaridade e diminuir o número de menores infratores através de atividades esportivas. Há ainda o Projeto Esporte-Educação, que desenvolve jogos estudantis nas escolas públicas. Baseado na política educacional implantada com pleno sucesso em Cuba, o projeto trata o esporte como um importante aliado para a saúde e na prevenção contra as drogas. Até hoje, mais de 55 mil crianças e adolescentes participaram destes projetos.

País do futuro

O quarto volume da pesquisa *Crianças e adolescentes - indicadores sociais*, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), traz dados sobre o perfil da população até os 17 anos levantados em 1990.

São estarrecedores e mostram o Brasil longe das metas que as Nações Unidas estabeleceram no Encontro Mundial de Cúpula pela Criança.

Cerca de 35 milhões de crianças e adolescentes do país estão vivendo uma situação de pobreza, em famílias cuja renda mensal *per capita* chega no máximo a meio salário mínimo. Menos de 20% desse universo moram em casas com ligação de esgoto, enquanto apenas 28% contam com água potável. Se a taxa de escolarização, na faixa dos sete aos 14 anos, chega a 84%, apenas 26,5% dos jovens têm mais de oito anos de estudos. No início dos anos 90, cerca de quatro milhões de crianças estavam fora da escola.

Sete milhões e meio de brasileiros menores de 14 anos representam hoje 11,6% da população economicamente ativa, muito embora a Constituição proíba o trabalho até essa faixa de idade.

E o futuro?

Sindicalismo

A nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda está disposta a ajudar no processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Em troca, quer o compromisso da garantia de emprego para os trabalhadores da siderúrgica e um desembolso de US\$ 1,5 milhão, que deverá preparar a CSN para ser vendida.

A diretoria, ligada à corrente Força Sindical e encabeçada por Luís Rodrigues de Oliveira, o *Luisinho*, defendeu a privatização durante a disputa pelo sindicato. Há três mandatos consecutivos, o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda era dominado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Pelos acordos já efetuados, a privatização que se avizinha dará aos metalúrgicos o direito de adquirir 20% das ações da CSN, enquanto 12% ficarão com a Caixa de Benefícios dos Empregados. Ao Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj), caberiam 15% do controle. O restante deverá ser dividido num *pool* de empresas privadas, cada qual tendo direito a um limite de 6% das ações.

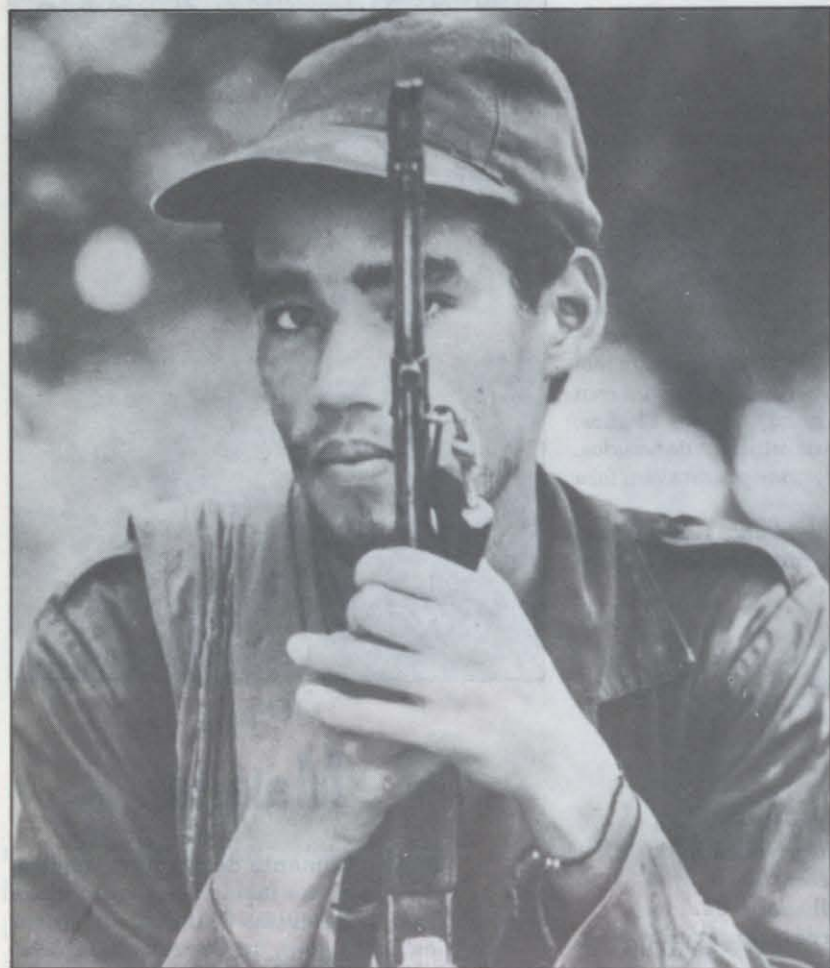


Malária

O desenvolvimento de um novo medicamento contra a malária no Centro Pluri-disciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas (Cpqba), da Universidade Estadual de Campinas, não vai ser interrompido. Isso mesmo depois da multinacional Rhône-Poulenc Rorer anunciar o lançamento, no ano que vem, de uma nova geração de medicamentos contra a doença, sem a garantia de que a nova fórmula chegue ao mercado brasileiro. Em 1990, a malária atingiu cerca de 560 mil pessoas no Brasil.

O novo medicamento desenvolvido em Campinas é feito à base de artemisinina, uma planta de origem chinesa que está sendo adaptada às condições ambientais do país. A pesquisa é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa de São Paulo, devendo contar também com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). A expectativa é de que, em cinco anos, o remédio esteja disponível no mercado.

O produto do grupo farmacêutico franco-americano Rhône-Poulenc Rorer também é derivado da artemisinina. Ao que tudo indica, o laboratório chegou mais depressa à fonte chinesa. O paluther, como é chamado o novo medicamento, vai ser usado no tratamento dos casos mais graves de malária, onde remédios convencionais, como a cloroquina e o quinino, já não atuam com eficácia.



O difícil caminho da paz

A dois anos do armistício firmado com o governo, a Aliança Democrática M-19 considera positivos os resultados alcançados

Marcelo Montenegro

A Colômbia é um país no qual o caos está incorporado à vida cotidiana de um extenso segmento político, social, econômico e cultural.

Em menos de um ano, três aspirantes à presidência da República foram assassinados pela violência política e o terrorismo dos narcotraficantes: Luis Carlos Galán, a quem o atual presidente sucedeu como candidato do Partido Liberal; Bernardo Jaramillo, da União Patriótica, dirigente de uma frente de esquerda que suscitou grande apoio popular, em um país marcado pelo bipartidarismo de liberais e conservadores; e Carlos Pizarro León Gomez, o dirigente máximo da Aliança Democrática M-19, ex-comandante do Movimento 19 de Abril (M-19), o primeiro dos grupos guerrilheiros da Colômbia que assinou um acordo de paz com o governo, em março de 1990.

Em meio a essa escalada de violência, o acordo do governo com o M-19 abriu uma esperança para o entendimento. "Foi um pequeno pedaço de paz

que se estabeleceu num país em guerra", segundo a definição de um desses dirigentes, Rafael Vergara, durante uma entrevista exclusiva a cadernos do terceiro mundo.

Num cenário em que muitos apostam na guerra, é no mínimo difícil ser defensor da paz. Mais ainda quando assassinam o dirigente máximo do partido ou, como ocorreu em junho passado, quando quase todos os líderes do movimento tiveram sua prisão decretada em um processo que já devia ter sido arquivado, de acordo com os tratados de paz.

Por isso, a primeira pergunta que fizemos foi se o M-19 estava satisfeito com os resultados do armistício de 1990 e se o preço que estava pagando não era muito alto.

"Existe uma filosofia do processo de paz que está por trás das decisões que tomamos", explica Rafael Vergara. "Nós vimos que cada ato de guerra dava uma justificativa para continuar com o confronto. E se a guerra tivesse algum limite poderíamos ter pensado que, em algum momento, alguém iria ganhá-la. Mas o conflito que ocorre na Colômbia

bia, não será ganho por ninguém. Ele acabou deformando tanto o sistema institucional que surgiu até uma legislação de guerra. A guerra se converteu, por outro lado, em um lucrativo negócio para muita gente", acrescentou.

O M-19 percebeu, então, que a vida cotidiana para a maioria da população transcorria, paradoxalmente, como se não estivesse em guerra. "Nós, colombianos, chegamos ao ponto de não nos assombrarmos mais diante da morte. As finanças nunca foram afetadas pela militarização da vida política. A economia não deixou de crescer, e isso foi o que nos fez refletir. Em qualquer grupo humano, quando a morte já não comove é porque algo muito grave está acontecendo", diz o dirigente.

Consequências do acordo - Transcorridos mais de dois anos da assinatura do tratado de paz, apesar do assassinato do dirigente Carlos Pizarro e dos muitos obstáculos que enfrenta a reintegração dos ex-combatentes à vida civil, a Aliança Democrática M-19 se considera definitivamente inserida na vida política nacional.

"Temos aceitado as consequências do acordo de maneira profunda. Passamos por vários processos eleitorais nestes dois anos, e por uma Assembléia Constituinte; elegemos 19 dos 70 membros dessa Constituinte e ingressamos no atual governo, o que significou uma ruptura do histórico bipartidarismo, quando Antonio Navarro aceitou o cargo de ministro da Saúde. Há 150 prefeituras em todo país governadas por uma coalizão da qual participa a Aliança Democrática M-19. Temos nove senadores e 13 deputados, em apenas dois anos de vida política, e a nova Constituição incorporou uma parte do programa pelo qual lutamos durante tantos anos, pelo qual morreram tantos companheiros. Somos um partido que realmente está inserido na vida civil do país. Como dissemos: 'Se tivéssemos que voltar à prisão, voltaríamos. Mas não vamos voltar para trás.'"

Os que apostam na guerra - Apesar deste esforço pacifista, na Colômbia as armas ainda

(Da esq. para dir.)
Horacio Serpa, assessor do governo; Sergio Romero Cuevas, mediador internacional, e Alfonso Cano, dirigente das Farc (da esq. para dir.), durante as negociações de Tlaxcala, suspensas desde maio

Rafael Vergara:
"Quando a morte já não comove, como na Colômbia, é porque algo muito grave está ocorrendo"



têm muito peso. Uma prova disso é o impasse em que se encontra a negociação, iniciada em julho de 1991, entre o governo de Cesar Gaviria e a Coordenação Guerrilheira Simón Bolívar, que reúne os grupos que continuam na luta armada.

Segundo Rafael Vergara, a

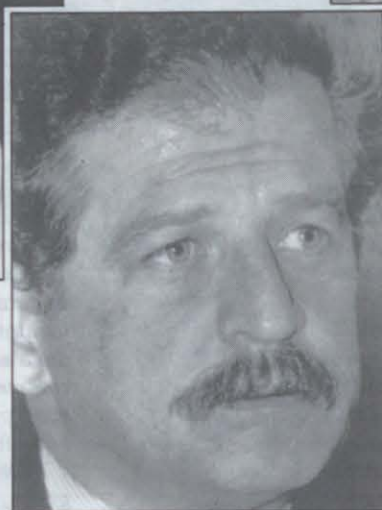
paralisação desta negociação indica a ausência de vontade de paz de ambas as partes, porque cada um confia em derrotar militarmente o adversário. "Nós acreditamos que, para encontrar o verdadeiro caminho da paz, deve haver um terceiro interlocutor nessas negociações, e que esse interlocutor deva ser um representante da sociedade civil. Se realmente há um processo de deposição de armas, esse processo deve comprometer a sociedade em seu conjunto", enfatizou.

Esta última condição evitaria, segundo o dirigente, a repetição de fatos como os que ocorreram em junho passado, quando um juiz decretou a prisão preventiva de 31 membros da direção do M-19, no processo pela ocupação do Palácio da Justiça, ocorrida em 1985, quando morreram 60 pessoas entre juizes, conselheiros de Estado, integrantes da guerrilha e pessoas que se encontravam no local. O indulto estabelecido nos tratados de paz invalidava quase todos os efeitos práticos daquela ordem judicial.





Bernardo Jaramillo (esq.), Luis Carlos Galán (abaixo) e Carlos Pizarro (dir.): três candidatos à presidência mortos em menos de um ano



Diálogo interrompido - Iniciada em março deste ano, em Tlaxcala, México, a terceira rodada de diálogo entre o governo colombiano e a Coordenadoria Guerrilheira Simón Bolívar foi interrompida dois meses mais tarde em meio a uma enxurrada de acusações recíprocas.

"Embora tivessem prometido em um documento comum recomeçar as reuniões antes de novembro, os fatos posteriores indicam que a ruptura se prolongará por mais tempo", prevê Rafael Vergara, destacando as informações de que o governo Gaviria teria expedido uma ordem de prisão

contra os negociadores da guerrilha que estavam em Tlaxcala.

"O governo trata os negociadores como se estes devessem aceitar suas ordens. O Poder Judiciário, além do mais, tem dado um péssimo exemplo com essas ordens de prisão contra o M-19, deixando a impressão de que, dentro de quatro ou cinco anos, poderão ser reabertos os processos contra a Coordenadoria que agora está negociando a paz", afirmou.

O M-19 considera que a assinatura dos acordos criou um desequilíbrio no caos reinante no país.

"Em meio à escalada de violência, fizemos um apelo à reflexão sobre a paz e o futuro das guerrilhas cruzadas que se travam na Colômbia. Existe a chamada *guerravelha*, produto dos conflitos camponeses históricos, originados na disputa pela terra. Existe a guerra que desencadeou o narcotráfico, que pareceu atenuar-se com a entrega de Pablo Escobar e agora se incrementa novamente com sua fuga. E existe, além do mais, o terrorismo dos comandos paramilitares", lembra Villamizar.

Essas "guerras cruzadas", que afetam grande parte do território colombiano, é o "equilíbrio do caos" que o M-19 tentou quebrar quando negociou o armistício com o governo. "Agora devemos impedir que o caos volte a se instalar novamente, porque já nos convencemos: a melhor guerra é a que não se faz. E é melhor investir esforços na paz que continuar desgastando-nos na guerra", concluiu.

Ingresso na Internacional Socialista

O M-19 participa como observador da IS há 10 anos. Por sua condição de organização armada, no entanto, nunca pediu o ingresso formal. Depois de firmado o armistício com o governo, em março de 1990, a organização guerrilheira Movimento 19 de Abril (M-19) se transformou no partido político Alian-

ça Democrática M-19 e mais tarde solicitou seu ingresso como membro pleno à IS.

"A Internacional Socialista foi a organização internacional que mais participou no processo de negociação entre o governo da Colômbia e o M-19. Foi a instituição responsável por esse processo e à qual lhe entregamos nossas

armas. Não fizemos a entrega de nossas armas ao governo, nem tampouco à sociedade colombiana."

"Nós deixamos as armas, e a Internacional Socialista encarregou militares europeus e latino-americanos para que se responsabilizassem, tecnicamente, de seu destino", diz Rafael Vergara.

O combate à pobreza

Micaela Ramada

A cooperação entre o poder municipal e a sociedade civil de Medellín permite implementar soluções criativas para enfrentar a pobreza

Medellín é algo mais que uma importante cidade colombiana. É um nome associado, quase por reflexo condicionado, à violência, ao narcotráfico, à justiça pelas próprias mãos.

Nesta cidade, tão sacrificada por todos estes problemas, surgiu em meados da década passada uma experiência interessante de cooperação entre o Estado e a sociedade civil. Mais que isso: a partir daquela experiência, as organizações não-governamentais (ONGs) da Colômbia começaram a se estruturar a nível nacional e hoje estão agrupadas em uma federação.

Em 1985, a situação social de Medellín – considerada a cidade mais perigosa do mundo – era dramática. O prefeito eleito, William Jaramillo Gómez, do Partido Liberal, atual ministro das Comunicações, convocou uma velha amiga sua, Lucía de la Cuesta de Londoño, para ajudá-lo a trabalhar em favor do desenvolvimento de zonas marginais e criou para ela um cargo honorário, o de “prefeita cívica”.

“Éramos muito amigos, e Jaramillo conhecia minha trajetória como voluntária, durante quase 30 anos, em diversas entidades”, comenta Lucía. Dada a gravidade da situação das zonas periféricas, a prefeita entendeu que a única saída era convocar todas

as organizações não-governamentais que trabalhavam em Medellín para unir esforços com o poder estatal.

A proposta de uma ação comum foi muito bem recebida pelo prefeito e entusiasmou o representante da ONU na Colômbia, Luis Taíz, que lhe deu todo o apoio, assim como o então presidente, Virgílio Barco, cuja principal bandeira era a erradicação da pobreza absoluta.

“Foi uma experiência linda e triste ao mesmo tempo”, comenta a prefeita. “Linda porque o movimento que iniciamos cresceu e hoje já temos 2.200 organizações não-governamentais reunidas em 22 federações”.

O lado triste, na sua opinião, se deve ao fato de ter comprovado “a indiferença das classes dirigentes em todos os seus níveis, o religioso, o político, o empresarial e inclusive entre as próprias ONGs. Neste último caso, não era necessariamente indiferença, mas sim uma certa dificuldade de passar do discurso para um trabalho efetivo e direto junto ao lumpem, com todos os sacrifícios que ele requer. Mas, felizmente, essa experiência inicial teve um grande impacto. Hoje em todos os cantos de Medellín há uma ONG trabalhando”.

“Revolução Pacífica” – Depois que foi aceita sua sugestão de convocar as ONGs para o trabalho, um dos seus primeiros passos foi organizar um encontro com todas elas. A reunião aconteceu em



“Na América Latina, há mais de 130 milhões de pobres e essa cifra não pára de crescer, apesar dos esforços feitos”



Para Lucía de La Cuesta Londoño (ao alto), a caridade não soluciona o problema das populações carentes

novembro de 1986, e dela participaram 480 entidades, de todas as partes do país.

“Como tudo que é humano, este encontro foi ao mesmo tempo um êxito e um fracasso”, afirma a prefeita cívica. “Foi um êxito, porque o intercâmbio de informações leva as pessoas a verem as coisas de forma diferente. Mas, de certa maneira, também fracassou porque não tínhamos um objetivo específico.”

O encontro, porém, deixou um resultado concreto: a designação de um comitê – organizado por setores – para coordenar o trabalho em favor da erradicação da miséria. Este comitê trabalhou com o apoio da ONU durante um ano elaborando os estatutos de um grêmio de ONGs. Em novembro de 1987, aconteceu o segundo encontro.

Fruto de todo este trabalho conjunto é o atual plano de desenvolvimento, chamado de “Revolu-

ção Pacífica”, que contempla as organizações não-governamentais não só como executoras da política social, mas incorpora seus critérios na elaboração da política social oficial. “Acho que é um passo muito importante”, afirma.

No entanto, a prefeita cívica reconhece que a meta de erradicar a miséria está longe de ter sido alcançada. “O principal avanço se deu na consciência das pessoas humildes. Agora compreendem que não se deve esperar por dádivas e sim trabalhar em busca de um futuro melhor.”

Olhando para o futuro – “Na América Latina há mais de 130 milhões de pobres! E a cifra não pára de crescer. Só posso dizer então que na Colômbia as ONGs estão no caminho certo”, afirma. Esta constatação não impede uma leve autocrítica: “Até agora temos trabalhado muito empiricamente. Se pretendemos ser verdadeiros atores do desenvolvimento temos que fundamentar nosso trabalho em pesquisas sérias. Mas o momento exige também que a teoria acompanhe a prática para que as propostas sejam realistas.”

O mandato de Jaramillo Gómez terminou recentemente e foi eleito prefeito de Medellín Luis Alfredo Ramos, um homem que vem da iniciativa privada e sem antecedentes políticos, mas Lucía Londoño permanece no cargo.

Ao contrário do que ocorre quando entra uma nova administração, que deixa de lado todos os projetos da anterior, sem levar em consideração se são bons ou ruins, o atual prefeito deu mostras de que pretende continuar a experiência de Jaramillo Gómez de cooperação com as ONGs.

Experiência pioneira

Na Europa, os cidadãos podem pagar os impostos definindo o destino que desejam para seu dinheiro. Motivado com este exemplo, o governo de Medellín estabeleceu uma lei, chamada *Acordo 23*, que permite que os devedores do município paguem seus impostos investindo em um dos programas sociais que esteja incluído no Plano de Desenvolvimento Municipal. “Executamos nos últimos meses seis programas desta forma”, revela Lucía de la Cuesta.

O procedimento é simples: de comum acordo com os secretários, as ONGs incluem seu projeto no Plano de Desenvolvimento e vão em busca dos devedores do município, demons-

trando-lhes que podem sanar sua dívida contribuindo diretamente com um projeto social. O atrativo para o devedor é que, desta forma, pode acompanhar pessoalmente a execução da obra, e confirmar que seu dinheiro foi empregado de forma correta.

“A receptividade é maravilhosa. De empresários a donas de casa, a iniciativa é sempre acolhida com entusiasmo”, diz Lucía. O programa “Juventude com Futuro” é um dos projetos executados através do *Acordo 23*. Neste caso, o capital provém do imposto predial de moradores de áreas carentes.

“Estas pessoas vibram ao visitar o programa, que consiste em selecio-

nar 200 jovens não-escolarizados de Medellín que já estiveram em quadras juvenis e dar-lhes uma preparação para a vida. O contribuinte se sente participante da experiência”, explica Lucía.

Uma das metas do programa é capacitar estes jovens para obter uma fonte de renda. “Não falamos de emprego porque atualmente temos em Medellín uma taxa de 20% de desemprego. Quando estes jovens viram que eram levados em conta pela sociedade, se motivaram tanto que exigiram a ampliação do programa. Nosso objetivo principal não é trabalhar pelas pessoas e sim com as pessoas.”

Os desafios da revolução cubana

O fim da antiga União Soviética e do bloco socialista obriga o governo cubano a implementar reformas econômicas e a diversificar seu comércio exterior, para superar o drástico desabastecimento de matérias-primas e produtos de consumo



Havana: na capital, se sente mais a escassez de transportes e produtos alimentícios

Moniz Bandeira*

A República Democrática Alemã (RDA) era considerada o Estado, entre aqueles do Leste europeu, onde a população alcançara o melhor padrão de vida. Era o próprio modelo do *socialismo real*. Erich Honecker, ex-líder da RDA, acreditava que o povo estava contente e satisfeito porque tinha comida e moradia. Muitas vezes, chegava a perguntar: "Qual dos países socialistas do mundo está melhor do que nós?" E acrescentava: "Vocês querem *perestroika* e *glasnost* ou prateleiras cheias de mercadorias?"

Cortava, assim, qualquer conversação sobre a necessidade de reformas. Seu argumento também se baseava no

fato de que, embora possuísse menos terras férteis que a União Soviética, a RDA conseguira resolver o problema de alimentação, tanto que, inclusive, exportava carne e manteiga, e seu programa de construção de casas constituía um êxito.

Entretanto, o povo não quis aquele modelo de socialismo real. A RDA não poderia subsistir sem as cercas de arame farpado ao longo de suas fronteiras, sem o Muro de Berlim e o apoio das tropas da URSS. E, por isso, desapareceu.

Cuba, ao contrário, jamais teve um padrão de vida que pudesse ser comparado ao da RDA. Desde 1961, quando os Estados Unidos lhe impuseram o bloqueio, vive em regime de racionamento, com o povo a sofrer grandes vicissitudes

com o povo a sofrer grandes vicissitudes e carências, a consumir somente a quantidade que lhe outorga a *libreta*¹.

Esta situação se agravou profundamente desde o desmoronamento da URSS e dos demais países do bloco socialista, o que provocou o desaparecimento do Comecon². O país sofreu uma redução, em torno de 60%, de sua capacidade de importação. As prateleiras, diferentemente do que se passava na extinta RDA, estão vazias. Não há mercadorias e a escassez de combustível



uma certeza de que iria agravá-la, uma vez que os exilados poderiam tratar de reaver seus privilégios e propriedades como casas, terrenos, etc., o que acarretaria um conflito de consequências imprevisíveis.

O bloqueio se mantém – Em 1959, quando a revolução triunfou, Cuba possuía uma população aproximada de seis milhões de habitantes, dos quais cerca de 700 a 800 mil fugiram para Miami, no curso dos anos posteriores. Se, hoje, o regime cubano desmoronasse, a emigração para os Estados Unidos, em consequência de uma sangrenta e inevitável guerra civil e do caos econômico, se-

A escassez de combustível obrigou a população a aderir em massa à bicicleta. Mas, apesar das dificuldades, a maioria da população está solidária com o governo de Fidel Castro



ameaça de paralisação o próprio Estado.

Apesar disso, Cuba resiste. Percebe-se que a grande maioria da população está solidária com o governo e disposta a defender o regime, em caso de uma intervenção estrangeira, com a esperança de que ainda venha a superar a situação de dificuldades.

Sem dúvida alguma, quaisquer que sejam as críticas e as restrições que alguns setores, internamente, possam fazer ao regime, Fidel Castro continua como o líder indiscutível e o elemento de aglutinação do povo, ainda a gozar de grande popularidade.

Não se deve, por conseguinte, cometer o erro de analisar o que se passa em Cuba pelo prisma do que aconteceu no Leste europeu. A população cubana, ao que tudo indica, está consciente, na sua maioria, de que a queda do regime não aliviaria, substancialmente, a situação lá existente. Antes, pelo contrário, há

ria não mais de 700 ou 800 mil pessoas, mas sim de dois, três ou quatro milhões.

Tais consequências seriam terríveis para os Estados Unidos, que não possuem recursos disponíveis para investir em Cuba, tanto que até agora não o fizeram no Panamá e na Nicarágua. Se tivesse bom senso, o governo norte-americano deveria colaborar para que a adaptação de Cuba à nova conjuntura internacional se processasse de modo lento, gradual e sem maiores traumas. Evidentemente, o fim do bloqueio econômico, desumano e sem sentido, que

há 31 anos os Estados Unidos promovem contra Cuba não vai elevar o preço do açúcar, nem baratear o petróleo. Em suma, não vai aliviar, rápida e substancialmente, a situação de Cuba. Porém, ao mantê-lo, os Estados Unidos concorrem para agravar a crise em que aquele país se debate, sobretudo depois que a URSS e o chamado bloco socialista desapareceram, sem abater o prestígio de Fidel Castro e destruir o regime ali implantado.

Ao endurecer o bloqueio, os Estados Unidos incorreram em um erro inconcebível, impedindo que o regime revolucionário possa evoluir, gradativa e pacificamente, e ajustar-se à nova conjuntura internacional.

Fidel Castro, com seu apurado senso de honra e dignidade, não vai recuar e render-se – o que significaria sua liquidação – enquanto subsistir o estado de beligerância entre Cuba e os Estados Unidos (*covert actions*), que a CIA estimula.

Reformas econômicas e políticas

Não obstante, o governo cubano começou a empreender significativas reformas econômicas, tal como aconteceu quando a Assembléia Nacional do Poder Popular, durante as sessões realizadas entre 9 e 13 de julho, mudou vários pontos da Constituição, a fim de abrir espaço para a iniciativa privada e o capital estrangeiro, promovendo assim, a reestruturação não apenas política, mas principalmente econômica, do regime implantado a partir da vitória da revolução, em 1959.

O “caráter irreversível” que se atribuía aos bens da propriedade estatal desapareceu do texto da Constituição, o que permitirá ao governo cubano transferir terras, centrais açucareiras, fábricas, etc. a particulares, nos casos em que se destinem a fins de desenvolvimento econômico e social e não afetem os fundamentos econômicos, sociais e políticos do Estado.

Também o comércio exterior deixou de ser “função exclusiva” do Estado, que

se limitará a dirigi-lo e a controlá-lo, abrindo, assim, o caminho para o surgimento de empresas, privadas ou mistas, que operem com exportação e importação.

A Constituição passou a reconhecer, igualmente, a propriedade de empresas mistas, isto é, de capital privado e do Estado, sociedades econômicas e associações, as quais se regem no uso e desfrute de seus bens, tanto pela lei como pelos tratados, seus estatutos e regulamentos próprios.

Escassez de combustível – Cuba, efetivamente, tem que buscar vários caminhos para outra vez inserir-se no mercado mundial. O desmoronamento da URSS e do chamado bloco socialista, com o qual Cuba mantinha 80% do seu comércio internacional, acarretou-lhe uma perda de cerca de 60% de sua capacidade de importação, o que levou o governo de Fidel Castro a promover drástica redução no consumo, tanto do combustível quanto de todos os outros produtos.

Em 1991, Cuba estava a funcionar com metade do combustível de que necessitava, da ordem de 13 a 14 milhões de toneladas de petróleo. Até dezembro daquele ano, a finada URSS, nos estertores da agonia, não cumprira seus compromissos e não embarcara sequer uma tonelada de petróleo para Cuba. E Fidel Castro, que acompanhava atentamente a evolução dos problemas do Leste europeu, alertou a população para a possibilidade de que Cuba viesse a contar apenas com a terça parte dos transportes e produção de energia, uma vez que a perspectiva era de que a situação piorasse ainda mais.

De fato, piorou. Boris Yeltsin, presidente da Federação Russa, está menos disposto ainda a cumprir os compromissos da finada URSS, tanto porque sua produção caíra quanto porque ele, pessoalmente, opõe-se ao regime existente em Cuba.

Em consequência, a frota automobilística em Cuba está, em grande parte, paralisada não só pela escassez de combustível, mas também pela falta de peças de reposição. Esse problema, que afetou a frota de tratores e prejudicou enormemente a colheita de açúcar, ameaça levar todo o sistema de transportes (caminhões, ônibus, etc.) ao colapso. Para uma grande parte da popu-

O apoio da juventude ao governo tem sido fundamental em uma época de profunda crise econômica

lação só restam as bicicletas como meio de locomoção.

Inúmeras fábricas, igualmente, pararam por falta de combustível ou de matéria-prima. E os operários, ou foram para outra frente de trabalho ou recolheram-se às suas casas, dispensados do emprego, mas ganhando 70% do salário, o que aumenta ainda mais a inflação, porquanto há extraordinário excesso de meio circulante, em contraposição a uma quase absoluta carência de bens e serviços para compra.

O racionamento de outros produtos de consumo, como vestuário e alimentação, atingiu seus limites mais drásticos. As quantidades outorgadas, através da *libreta*, constituem o mínimo necessário à extremamente parcimoniosa manutenção das famílias.

Diversificar o comércio – Apesar desse quadro, a grande maioria da população, segundo se sabe, está disposta a defender a revolução, que lá erradicou, pelo menos, o analfabetismo e a miséria, existentes nos demais países subdesenvolvidos da América Latina.

Lá, não subsiste o contraste entre os que muito possuem, os ricos, e os que nada têm, os pobres oprimidos. A escassez e os sacrifícios foram repartidos igualmente pela população. A pobreza, pelo menos, está socializada. E enquanto todos souberem que a *libreta* de racionamento está distribuindo os produtos sem privilégios, o sentimento de solidariedade se manterá.

O governo de Fidel Castro desenvolve todos os esforços para vencer tamanhas vicissitudes. Sua esperança consiste na diversificação do comércio exterior – mercados e pauta de exportações – com base na biotecnologia e na engenharia genética, ou seja, na produção de fármacos e medicamentos.



Em outras palavras, o governo cubano pensa em corrigir “erros e tendências negativas”, a fim de devolver ao processo da revolução vitoriosa de 1959 a “originalidade e a força criativa”, que constituíram suas mais valiosas características. Ao que tudo indica, compreendeu que um dos seus grandes erros, pelo qual está pagando um alto preço, foi tratar de mudar o modo de produção, mas não o modo das relações internacionais de Cuba, de um país neocolonial, transferindo sua dependência dos Estados Unidos para a ex-União Soviética.

A grande contradição da revolução de Fidel Castro foi, ao lutar pela independência nacional de Cuba, deixá-la enveredar pelo caminho do socialismo dependente.

¹ O professor Muniz Bandeira acabou de regressar de Cuba

¹ Libreta: Caderneta que possuem todos os cidadãos, onde está disciplinado o fornecimento, pelo Estado, dos produtos de primeira necessidade

² Comecon (ou Came): Conselho de Assistência Econômica Mútua, criado em janeiro de 1949 com o objetivo de desenvolver a cooperação econômica e técnico-científica multilateral e bilateral entre os países socialistas

Dormindo com o inimigo



Segundo os cientistas, de cada 200 pessoas que contraem a Aids no mundo a cada hora, a metade é de africanos

As tímidas iniciativas de alguns governos não conseguem impedir que a Aids avance rapidamente sobre o continente africano, onde o contágio se dá em sua maioria pelas relações heterossexuais

Juliana Iooty

No ano 2015, a população de Uganda, país da África Central, será de cerca de 20 milhões de habitantes, apenas quatro milhões a mais do que possui hoje. Ao contrário do que se possa pensar, este crescimento populacional reduzido não se deve a campanhas de controle da natalidade, à guerra civil ou à fome, que também já fizeram milhares de vítimas em vários países africanos.

A Uganda, assim como outros países do continente, perderá um enorme contingente populacional, caso nada seja feito para conter um outro fator de redução da população em toda a África: o vírus da Aids.

Espalhado por todo o continente, o HIV (Human Immunodeficiency Virus), avança como um inimigo invisível e silencioso, contaminando milhares de pessoas e desestabilizando ainda mais a vida social, política e econômica de vários países da África.

Dez anos após o primeiro caso da doença ter sido registrado no continente, a Aids já é a maior causa de morte entre os adultos de algumas cidades. Segundo as estimativas de cientistas e pesquisadores, de cada 200 pessoas que contraem o HIV no mundo a cada hora, a metade é de africanos.

Apesar do perfil de soropositivos ter mudado do início da década até hoje — atualmente, o número de heterossexuais contaminados supera o dos cha-

mados grupos de risco, como prostitutas e homossexuais — sua virulência não diminuiu. No distrito de Rakai, sul de Uganda, estima-se que um terço de todos os adultos seja portador do vírus.

O avanço da Aids em países subsaarianos, como o Malawi, Ruanda, Tanzânia, Zâmbia, Quênia, Mali e Zaire, tem preocupado os cientistas. A doença formou um cinturão em torno da África Central, mas sua verdadeira abrangência dificilmente será traçada com precisão. Segundo o africano As Sy El-Hadj, membro da ONG *International Council of Aids Service* (Icaso), os meios disponíveis para detectar a doença são escassos. “A não-disponibilidade de testes e reativos dificulta o trabalho dos profissionais de saúde”, afirma. “Nós não se-

beremos jamais o verdadeiro estado da soropositividade das pessoas", prevê El-Hadj.

Os prognósticos são desanimadores. De acordo com um relatório do Programa Mundial de Aids da Organização Mundial de Saúde (OMS), dos 12 milhões de pessoas portadoras do HIV, dois milhões – cerca de 1,5 milhão de adultos e 500 mil crianças – já desenvolveram a doença. O relatório diz ainda que até o fim do século, o número de contaminados triplicará, e grande parte estará na África.

Sistema de saúde precário –

Apesar da Aids estar disseminada em todo o mundo, o quadro africano inspira cuidado e preocupação maiores. O impacto da doença ali é mais violento, se for considerada a precariedade do sistema de saúde da maioria de seus países.

A saúde foi um dos setores mais esquecidos pelos governantes nas últimas décadas. Segundo um informe divulgado pela Organização das Nações Unidas em parceria com a OMS e o Unicef em meados de 1991, grande parte das doenças que ocorrem na África – a maioria infecto-contagiosa, como a malária e a esquistossomose – poderia ser evitada através da assistência médica preventiva e do saneamento básico.

O relatório afirma ainda que os problemas de saúde são "um legado da persistente crise econômica, e de algumas políticas adotadas para superá-la". Os gastos com a saúde em todo o continente sofreram uma vertiginosa queda durante a década de 80, e só recuperaram uma pequena parte do que antes era investido anualmente do Produto Nacional Bruto. Para cada cidadão, os governos da África subsaariana investem em média 3,50 dólares em saúde por ano, ainda de acordo com este informe.

Em média, de cada cinco africanos apenas três têm acesso a algum serviço de saúde. O Unicef estima que em Abidjã, capital da Costa do Marfim, os hospitais tenham aproximadamente um médico para cada 700 a 800 pessoas, enquanto nas zonas rurais sem hospitais há um médico para cada 77 a 80 mil pessoas. Além disso, em algumas cidades, quase 80% dos leitos estão ocupados com os pacientes de Aids.

Os africanos enfrentam ainda outro drama: alguns médicos se recusam a atender aidéticos, com medo de uma

possível contaminação. "Há países em que 30% dos profissionais de saúde estão com o vírus, e isso gerou preconceito em relação ao tratamento de aidéticos. Sabemos de casos, inclusive, em que os médicos interrompem o tratamento das doenças mais comuns, pensando ser Aids", diz El-Hadj.

Na sua opinião, "é difícil cuidar dos doentes de Aids quando ainda existem tantas doenças mais simples para serem erradicadas. Os hospitais não têm estrutura para cuidar de aidéticos e de doentes de malária ao mesmo tempo", afirma.

Para agravar ainda mais este quadro, muitos países africanos viveram longo tempo sob guerra civil, o que deixou centenas de hospitais destruídos. "A guerra cria um ambiente favorável à disseminação de todas as doenças, inclusive da Aids", diz.

Pouca informação – O grande número de adultos contaminados pelo HIV – entre portadores e aqueles que já desenvolveram a doença – tem efeito devastador no campo social e econômico. Os reflexos da doença na incipiente indústria africana, na produção agrícola e até mesmo nos quadros do governo, ameaçam o desenvolvimento do continente, porque a Aids atinge sobretudo homens e mulheres em idade economi-

camente produtiva. Ou seja, além do drama pessoal e familiar que significa, a morte de todas as pessoas contaminadas com a doença deixará um enorme vazio de mão-de-obra agrícola e industrial.

Como muitas doenças infecto-contagiosas, a Aids não conhece fronteiras e classes sociais, afetando da mesma maneira camponeses e membros da elite africana. Em 1987, o presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda anunciou publicamente que um dos seus filhos havia morrido de Aids, o que abriu espaço para a discussão do assunto, até então um tabu naquele país.

No entanto, o exemplo de Kaunda foi único até o momento. As medidas levadas a cabo pelos governantes dos países mais afetados para prevenir a doença se limitam ao financiamento de campanhas de informação.

Como a transmissão da doença no continente é feita, basicamente, através de contato heterossexual – cerca de 80% dos casos –, a melhor forma de prevenção é através do uso de preservativos. O governo do Zaire, por exemplo, tem o programa de "marketing social" de maior êxito até hoje. As campanhas realizadas neste país conseguiram aumentar as vendas de preservativos no país de um milhão para 3,6 milhões de unidades em apenas três anos.

Cobaias de países ricos

Amparados pelos números alarmantes da Aids na África, centros de pesquisa e laboratórios do Norte se utilizam da lógica de mercado para garantir a permissão para realizar testes de vacina no continente. Eles alegam que, se estes países não têm dinheiro para comprar drogas como o AZT, que são muito caras, devem permitir testes de vacinas experimentais.

A iniciativa destes laboratórios, como o Instituto Pasteur, da França, e o National Institute of Health (NIH), dos Estados Unidos, pode não ser muito filantrópi-

ca. O desenvolvimento de vacinas testadas na população africana ameaça transformar o continente num vasto campo de ensaios.

A metodologia aplicada nestes testes tem graves falhas éticas. Após selecionar os tipos de vacina que teriam mais êxito, estas seriam testadas em milhares de pessoas não-contaminadas com o HIV. Estas pessoas seriam estimuladas a continuar normalmente seus hábitos sexuais – mesmo pertencendo a grupos de risco – sem garantia de estarem imunizadas contra o vírus.



A morte ou incapacitação de todos os africanos contaminados pela Aids deixará um enorme vazio na mão de obra agrícola e industrial

Mas, na opinião de El-Hadj, as campanhas podem não ser a solução para o problema. Ele acredita que para as pessoas estarem receptivas à informação é preciso que as suas necessidades básicas sejam atendidas. "Não podemos ir a uma comunidade que mal tem recursos para lutar contra a malária, e lhes propor meios de prevenção, como a utilização de preservativos ou de produtos como o espermicida. A luta contra a Aids passa necessariamente pela luta contra a pobreza", enfatiza.

Mulheres, vítimas em potencial - No relatório divulgado ao final da VIII Conferência Mundial da Aids, patrocinada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em Amsterdã, em julho passado, se assinala que até o fim da década

dos portadores; hoje, já chegam a 40%. A posição da Igreja católica - que condena o uso dos preservativos em muitos países do Terceiro Mundo - aumenta o risco das mulheres contraírem a doença. A Igreja afirma que o grande fator de disseminação é a promiscuidade sexual, a multiplicidade de parcei-

ros, ignorando que o maior responsável pela contaminação de mulheres - como demonstra o caso africano - são os próprios companheiros, que escondem o fato de manter relações extraconjugais com prostitutas e até mesmo com outros homens.

Na África, o crescente número de mulheres contaminadas poderá trazer graves consequências econômicas e sociais, porque elas são fundamentais no trabalho de plantio e colheita, além de serem responsáveis pelas tarefas domésticas e pela educação dos filhos.

As crianças, aliás, são outra vítima da disseminação do vírus da Aids no continente. Só em uma maternidade de Nairóbi, capital do Quênia, mais de 10% dos mais de 150 bebês que nascem por dia estão contaminados por suas mães. A estimativa do Unicef é de que cerca de 5,5 milhões de crianças na África central e do leste ficarão órfãs na próxima década devido à doença de suas mães.

Um problema de todos - Para enfrentar o fenômeno da Aids, As Sy El-Hadj acredita que, além de reestruturar o sistema de saúde e divulgar informação, os governos devem "dividir a responsabilidade com a população". Para ele, as organizações não-governamentais devem atuar no combate ao HIV por estarem mais próximas da realidade que vivem os cidadãos africanos.

Além da colaboração das ONGs e dos próprios governos africanos, a luta no combate ao HIV na África precisa de

novos aliados. A maioria de seus países é pobre, e não tem condições de suportar financeiramente os custos dos remédios e da tecnologia utilizada hoje em todo o mundo no combate à doença.

"É preciso que os países desenvolvidos enviem ajuda. É o momento de, além de discursos, estabelecer mecanismos de ação prática. Do contrário, a Aids continuará avançando para além das fronteiras e afetará toda a humanidade", diz El-Hadj.

Exemplo de solidariedade

Um bom exemplo de participação é a atuação da Federação de Empregados de Uganda, que promove cursos sobre a Aids nas fábricas de açúcar, e leva unidades móveis que exibem filmes educativos sobre a doença às cidades que não têm energia elétrica.

Ainda em Uganda, hospitais recebem grupos de voluntários para cuidar dos aidéticos. Vinhos de vilarejos pobres, por ve-

zes distantes, eles são treinados para dar atendimento médico e psicológico aos doentes. O trabalho na maioria das vezes não é remunerado.

"As comunidades estão se encarregando dos doentes de Aids, assim como se encarregam dos velhos ou dos órfãos. Elas têm uma tradição de responsabilizar-se por aqueles que precisam", disse El-Hadj.

Os jovens se rebelam

Suwendrini Kakuchi

As empresas japonesas, que durante muito tempo contaram com uma força de trabalho que cumpria jornadas de mais de 10 horas e raramente mudava de emprego durante toda sua vida, estão sendo obrigadas a fazer mudanças para se ajustar ao pensamento do novo trabalhador japonês.

Segundo a maior empresa de empregos daquele país, a "Recrutamento", este ano quase todas as companhias prometeram aos seus novos contratados uma redução da jornada semanal, da média anual de 42 para 33,2 horas.

O salário inicial médio é de 1.461 dólares, incrivelmente alto para o japonês agora na meia-idade e que começou há 20 anos com cerca de metade. É evidente que o custo de vida era menor na ocasião, mas não a ponto de justificar essa diferença salarial, já que as taxas de inflação são muito baixas no Japão.

Outra importante mudança é que o trabalhador da nova geração não esconde que, para ele, o seu tempo livre tem prioridade sobre o emprego. "Não penso em trabalhar tanto quanto fez meu pai. Em casa, mal o víamos porque passava todo o tempo zelando pelo seu escritório", disse Mionoru Haruki, um bancário de 25 anos.

Haruki é o típico jovem japonês. Em vez de lealdade e submissão — duas características comumente associadas à velha geração, que colocava o emprego acima das suas famílias —,



Rompendo com a tradição de seus pais, os jovens se recusam a trabalhar em excesso e passam a valorizar seu tempo livre

os mais jovens dizem que trabalham para se divertir.

Tradicionalmente, os japoneses procuravam estabilidade no emprego e ficavam a serviço da companhia que os contratava desde que se formavam até se aposentarem. A maioria dos novos empregados, em contrapartida, diz que não hesitaria em mudar de empresa, se oferecessem melhores condições.

Melhores condições de trabalho — Os jovens trabalhadores que estão ingressando pela primeira vez no mercado de trabalho do Japão fazem-no em condições que os seus pais jamais sonhariam há 25 anos. Além das conquistas básicas, como um período maior de férias e salários iniciais mais altos, as empresas propiciam mais atividades de lazer para os

tempos livres e proporcionam sofisticadas formas de diversão no próprio local de trabalho, em uma tentativa de atrair novos trabalhadores.

A escassez crônica de força de trabalho — existe 1,2 empregos por cada candidato — continua a dar vantagem aos jovens na hora de escolher suas carreiras. Este ano, a taxa de desemprego no Japão manteve-se em torno de dois por cento. Mais de 1,2 milhão de jovens, ou seja, praticamente todos os formados em busca de trabalho, encontraram emprego.

Mas a falta de força de trabalho e a crescente prosperidade de que desfrutam os japoneses não são as únicas razões para a mudança da moral de trabalho.

A nova geração considera o crescente número de mortes por excesso de trabalho — que rondaria 10 mil por ano —, os problemas oriundos do stress e a falta de tempo livre como importantes fatores para romper com o antigo sistema.

Mas, apesar das novas atitudes e das recentes melhorias nas condições de trabalho, muitos assalariados duvidam de que seja assim tão fácil mudar a sociedade japonesa. Como disse Haruki: "Vai ser difícil mudar as coisas no Japão. A sociedade japonesa tradicional favorece o trabalho duro e a má remuneração. Pergunto-me por quanto tempo permanecerei fiel às minhas aspirações de conjugar as exigências do meu emprego com o tempo livre que desejo ter." ■



Arábia Saudita: a ajuda militar norte-americana é um dos principais aspectos da estreita cooperação entre Riad e Washington

Aliado fiel

A monarquia saudita não só está torcendo pela reeleição do presidente George Bush, como teria oferecido 50 milhões de dólares para sua campanha

Mamoun Fandy*

Quando um respeitável jornal de oposição saudita com sede em Londres noticiou que o rei da Arábia Saudita “estava pronto a oferecer” uma contribuição de 50 milhões de dólares para a campanha de reeleição de George Bush, a notícia quase não teve repercussão internacional.

Talvez isso se deva ao fato do artigo ter sido escrito em árabe. Mas há também a possibilidade da notícia ter sido abafada porque os sauditas – dada a sua vasta riqueza e a sua capacidade de influenciar a cotação mundial do petróleo – há muito tempo são um assunto tabu na imprensa ocidental.

A edição de julho do *Al-Jazeera Al-Arabia* informou que o rei Fahd da Arábia Saudita iria a Washington no fim daquele mês, mas que o presidente Bush havia se desculpado por não poder recebê-lo. De acordo com a mesma revista, o rei Fahd compreendeu os motivos do cancelamento da visita mas, ainda assim, quis “manifestar o seu apoio à campanha de reeleição de Bush”.

O artigo cita como fonte certos “boletins de imprensa”, mas observadores acreditam que a informação tenha saído de dentro dos próprios círculos de poder sauditas. Esta não foi a primeira vez que a imprensa árabe noticia grandes atividades envolvendo os Estados Unidos e a Arábia Saudita. A primeira informação sobre o escândalo “Irã-contras” saiu de um obscuro jornal esquerdista de Beirute, o *Al-Shara'a*.

Também não foi esta a primeira vez que os monarcas sauditas demonstraram estarem dispostos a apoiar candidatos às eleições presidenciais dos Estados Unidos. Segundo o *Al-Jazeera Al-Arabia*, oferta parecida havia sido feita à campanha de reeleição de Jimmy Carter em 1980, e outra a Ronald Reagan, em 1984.

A força do petróleo – Durante a Guerra do Golfo – e a despeito da verdadeira enxurrada de jornalistas estrangeiros na região – foram veiculadas poucas notícias sobre a Arábia Saudita. Em parte, tal atitude reflete o tácito consenso ocidental de não provocar nenhum tipo de problema na

ORIENTE MÉDIO

ARÁBIA SAUDITA

política saudita. Acima de tudo, este país tem um papel fundamental na manutenção dos baixos preços do petróleo, contendo, assim, as tendências inflacionárias globais.

Os petrodólares sauditas atingiram muitas áreas importantes do mundo. Em alguns casos, favoreceram certas atitudes políticas do governo dos Estados Unidos, como quando apoiaram os *contras* da Nicarágua e os guerrilheiros *mujahedines* no Afeganistão. De resto, a ajuda saudita sempre foi contrária à política norte-americana, como no caso do apoio a grupos fundamentalistas como os *hamas*, nos territórios ocupados por Israel.

Os sauditas também estiveram profundamente envolvidos com o Banco de Crédito e Comércio Internacional (BCCI), ligado ao financiamento de operações secretas tanto do serviço de informação norte-americano, quanto de diversos grupos terroristas. Três pessoas intimamente ligadas à família real foram implicadas de forma direta no escândalo do BCCI: Kamal Adham, ex-chefe do serviço de informação e parente do rei Fahd; Gaith Pharaon, um próspero empresário; e Kalid Al-Mahfouz, diretor do Banco Comercial da Arábia Saudita, tido como representante do próprio rei.

Império de comunicações – O número de julho do *Al-Jazeera Al-Arabia* também destacou as tentativas sauditas de persuadir a Suprema Corte dos Estados Unidos a não considerar uma ação judicial movida contra a Arábia Saudita por cidadãos norte-americanos que afirmam terem sido torturados pela polícia daquele país.

Dados os métodos feudais de governo praticados pelos sauditas, alguns observadores acreditam que a oferta de fundos para a campanha de Bush possa ser uma tentativa de influenciar o julgamento dessa ação judicial.

Menos secreta é a aquisição de um crescente império mundial de comunicações para justificar as suas atividades tanto no mundo árabe quanto no Ocidente. Recentemente, os sauditas compraram a United Press International (UPI), baseada nos Estados Unidos, a British Company Middle East Broadcasting Center Ltd e a Radio Orient, baseada em Paris. Há notícias de que os sauditas estão negociando a compra do jornal inglês *The Observer* e de um semanário árabe que, até então, era financiado pelo serviço de informação iraquiano.

Em nenhum lugar do mundo a influência saudita é mais forte do que no Oriente Médio. O governo de Riad possui 24 jornais em língua árabe publicados fora de suas fronteiras. Especialistas temem que o ponto de vista saudita possa vir a dominar a região. No Egito, por exemplo, os intelectuais do Cairo encaram a proposta do governo de segregar os sexos em vias públicas como sinal de sua crescente dependência do dinheiro saudita.

Na imprensa egípcia, sua influência já é bem grande. Recentemente, a pedido de Riad, o governo egípcio fechou o jornal *Misrah Al-Fatah* porque criticava a influência saudita nas empresas de comunicação estatais. Pouco antes, outro jornal egípcio, o *Saut Al-Arab*, foi fechado pelo mesmo motivo.

Devido a essa penetrante influência, mesmo as pessoas informadas têm medo de falar em público. E as poucas notícias sobre os feitos sauditas são editadas em publicações como o *Al-Jazeera Al-Arabia*.

O silêncio a respeito da enorme influência diplomática saudita nos negócios do Oriente Médio e do restante do mundo é inquietante. E é desanimador saber que também não se fala sobre os bem documentados abusos contra os direitos humanos, assim como da política oficial saudita de oprimir as mulheres.

*Jornalista egípcio que vive em Illinois, Estados Unidos, especialista em assuntos sobre o Oriente Médio. Escreve para diversos jornais norte-americanos, entre eles o *New York Times*



Segundo a oposição saudita, o rei Fahd (ao lado) teria desembolsado 50 milhões de dólares para apoiar a campanha de reeleição do presidente Bush



Um cinturão verde

Renata Bernardes

Uma mulher negra, alta e forte, oriunda de um país africano pobre, se transformou em um dos símbolos da combatividade da sociedade civil no que se refere aos temas ecológicos. A queniana Wangari Maathai é hoje reconhecida no mundo inteiro por seu trabalho de mobilização comunitária e articulação internacional. Professora da Universidade de Nairóbi e membro do Conselho Nacional de Mulheres do Quênia, Wangari Maathai lembra que iniciou sua trajetória de ativista ambiental no dia 5 de junho de 1977, dia dos heróis de seu país. "Foi assim que surgiu a semente do *Green Belt* ('Cinturão Verde'), uma campanha para restaurar o planeta através do plantio de árvores."

Um dos objetivos de curto prazo da campanha era mostrar às pessoas como o meio ambiente estava sendo destruído, inclusive por aqueles que se tornavam as principais vítimas desta degradação. A campanha também pretendia encorajar estas pessoas a tornarem-se participantes ativas do processo de recuperação ambiental.

Wangari explica como uma idéia tão simples tornou-se o vitorioso tema de um movimento, hoje internacional: "Plantar árvores tornou-se um símbolo do que as pessoas podem fazer, porque é uma atividade fácil, que não custa quase nada e não exige nenhuma informação ou conhecimento prévios."

Dirigido inicialmente às mulheres — as primeiras atingidas pela falta de água e de alimentos —, o programa mostrou a relação desses problemas com degradação ambiental. "Nosso maior êxito foi o de levarmos as pessoas a participarem por sua própria conta, considerando o projeto como seu e não como



algo imposto de cima para baixo", afirma a idealizadora do *Green Belt*.

Balanco positivo — Em 1988, quando foi feito um balanço dos resultados dessa mobilização, mais de 10 milhões de árvores já haviam sido plantadas, e 1.500 viveiros eram mantidos por cerca de 50 mil mulheres. "Nós a chamamos, brincando, de 'plantadoras sem diploma', já que hoje muitos consideram necessário ter formação universitária para plantar árvores", comenta Wangari.

O *Green Belt* paga às mulheres que participam do programa o equivalente a quatro dólares por muda que conseguem criar. "A quantia é muito pequena, mas ajuda bastante no orçamento familiar", esclarece. As mudas são, então, doadas a vizinhos, que se tornam responsáveis pelo plantio e acompanhamento da nova árvore até que se torne adulta.

Segundo a líder queniana, um dos

Movimento ambientalista criado pela professora Wangari Maathai no Quênia estimula a participação da população, principalmente feminina, na solução dos problemas ecológicos

MEIO AMBIENTE

WANGARI MAATHAI

"segredos do sucesso" do *Green Belt* é o fato do projeto, dirigido inicialmente às mulheres, incorporar na etapa seguinte toda a comunidade.

Mas o que o *Green Belt* trouxe de realmente novo, e que tornou o movimento tão visado pelo governo do Quênia, segundo sua criadora, foi "o poder que dá a seus participantes". São eles que arranjam as sementes e conduzem todo o processo. "Dar a eles esta responsabilidade, ao invés de fornecer-lhes sementes, ajuda a torná-los independentes. Se nos retirarmos dessas comunidades, as pessoas continuarão o trabalho", garante Wangari.

O desafio das mudanças – A dirigente do *Green Belt* lembra que os documentos das Nações Unidas têm enfatizado aspectos como a importância do papel das mulheres, dos jovens, das comunidades marginalizadas e dos povos indígenas na recuperação ambiental.

"Minha preocupação, entretanto, é de que isto seja apenas retórica para soar bem e agradar ONGs como a nossa, que vêm lutando por esse reconhecimento. Se assim for, nosso desafio será o de fazer com que tais documentos sejam implementados. Para nós, as mudanças – se ocorrerem – têm que partir de pessoas comuns, e não dos governantes."

Essas mudanças, na sua opinião, têm que começar dentro de cada indivíduo. "Se não respeitamos a diversidade dentro de nossa própria espécie, estaremos blefando ao defender a biodiversidade da Amazônia", acusa Wangari.

Segundo a líder africana, esses problemas, na maioria das vezes, são tratados de forma isolada nos fóruns inter-

nacionais. "Duvido que as pessoas envolvidas na formulação das soluções sejam capazes – além de dizer que a pobreza deve ser eliminada – de indagar, em primeiro lugar *porque* existe a pobreza. Depois, porque a pobreza só aumenta em países do Sul."

Um novo rumo – Às vésperas da última reunião preparatória da Rio-92, realizada em Nova Iorque, em março, Wangari foi presa em seu país quando participava de uma manifestação pela libertação de presos políticos. "Mas o verdadeiro motivo é que no Quênia, como em muitos outros países, eles chamam de subversivos e antigovernistas os que de algum modo tentam fortalecer o povo."

Libertada a tempo de levar sua mensagem para as delegações do Terceiro Mundo que participavam da reunião de Nova Iorque, seu discurso na ONU repercutiu no mundo inteiro e foi decisivo para que fosse escolhida, em junho, a porta-voz das ONGs na Cúpula da Terra.

"As relações desiguais entre o Norte e o Sul do planeta se reproduzem no interior dos países do Terceiro Mundo e nenhuma das duas situações pode se corrigir isoladamente", declarou durante a Rio-92.

As palavras da líder africana foram ouvidas com atenção por mais de 100 chefes de governo. Mulher, negra e terceiro-mundista, Wangari expressou, melhor do que ninguém, o rumo que tomará o movimento ecológico a partir de 1992: a passagem da marginalidade para a tomada de decisões.

Em seu discurso, em nome das ONGs, ela afirmou que, se por um lado a Conferência não atingiu todas as me-



Wangari Maathai: "As mudanças têm que partir das pessoas comuns"

tas a que se propunha, por outro abriu perspectivas positivas para o futuro, se houver vontade política de levá-las adiante. "Serão necessários novos padrões de cooperação internacional para se estabelecer uma nova ordem", enfatizou.

Admitiu que a natureza das discussões sobre meio ambiente e desenvolvimento se modificaram para sempre e que a Conferência foi o primeiro passo no sentido da integração desses dois conceitos. "Questões como pobreza, comércio e dívida foram colocadas na mesa de negociação e discutidas – como nunca até então – por um grupo representativo das áreas governamental e não-governamental."

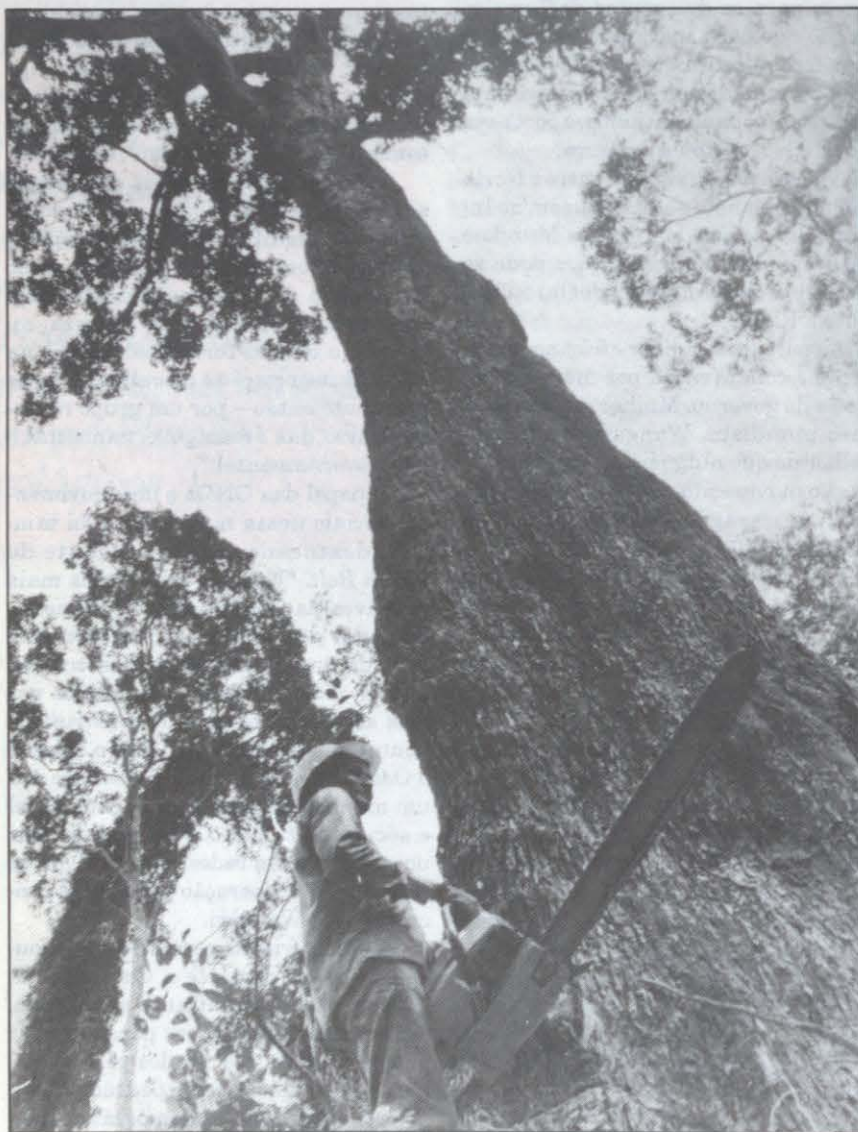
O papel das ONGs e dos movimentos sociais nessa nova ordem foi também destacado pela presidente do *Green Belt*. "Um dos resultados mais positivos da Conferência é o aumento do poder dos movimentos internacionais de meio ambiente e desenvolvimento. Nós, ONGs, nos reunimos por dois anos e neste período construímos pontes entre o Norte e o Sul, o Leste e o Oeste. Continuaremos nossa luta por um mundo ecologicamente sustentável e socialmente justo. Fortalecidos por nossas próprias redes, desenvolvemos tratados de cooperação para ações concretas", diz Wangari.

A líder africana reconhece que houve progresso durante a Conferência. "Nos propomos a continuar avançando, sem tréguas. Lutaremos para garantir que os mecanismos criados pela Rio-92 para se atingir um novo padrão de civilização sejam usados democrática, plena e efetivamente", declarou. ■



Fogo cruzado

Pressionados pela crise econômica, por um lado, e a exigência de promover um desenvolvimento sustentável, por outro, os países do Sul reivindicam ajuda financeira para tornar viável a preservação de suas florestas



Só em 1990, foram destruídos 16,8 milhões de hectares de florestas tropicais

Claudia Guimarães

Ao pisarmos em terra firme, descobrimos que era repleta de árvores, um espetáculo maravilhoso, não apenas porque eram enormes, mas também pelo verde de suas folhas, que nunca caíam. A fragrância que exalavam era tão agradável...; que grande prazer sentimos..."

Às vésperas de 1500, o navegador Américo Vespúcio não conseguiu conter a emoção ao descrever seu primeiro contato com a exuberância das florestas tropicais americanas. Hoje, o entusiasmo poderia dar lugar ao pessimismo.

As árvores continuam imponentes, mas muitas se encontram no chão de serrarias, vítimas das motosserras. A deliciosa fragrância foi substituída pelo cheiro das queimadas e, em vastas áreas, o verde das folhas vai se transformando em uma lembrança de um passado não tão longínquo.

Nestes quase cinco séculos, a destruição das florestas tropicais em todo mundo atingiu um ritmo impressionante. Só em 1990, de acordo com a FAO (Organização de Alimentação e Agricultura, das Nações Unidas), a destruição totalizou 16,8 milhões de hectares, o que representa 0,9% da sua área total.

Para alguns especialistas, como Jack Maini, do Departamento Federal de Florestas do Canadá, o quadro é ainda mais dramático, se levarmos em conta o desflorestamento ocorrido ao longo de toda a história do planeta. "Um terço da cobertura florestal já desapareceu. Isso equivaleria a 1,5 bilhão de hectares de terras degradadas por causa do desmatamento, o que corresponde à área da China e Índia juntas."

Hoje, a preservação das florestas deixou de ser uma preocupação apenas de ecologistas ou especialistas para ser um tema obrigatório na agenda de governos e organismos internacionais. Porém, o enfoque que se dá ao problema é cada vez mais amplo, pois leva em conta não só os danos ambientais causados pelo progressivo desmatamento, mas as consequências sociais e econô-

MEIO AMBIENTE

FLORESTAS

micas da suspensão do corte de árvores.

Nova frente de batalha – A preservação das florestas tropicais terminou se transformando em uma nova frente de batalha entre os países do Norte e do Sul. Os interesses são conflitantes e envolvem aspectos políticos e econômicos. Enquanto os países ricos alegam que elas são o “pulmão” do mundo e por isso deveriam permanecer o mais intocadas possível, as nações em desenvolvimento argumentam que não podem prescindir dos recursos obtidos a partir da exploração de suas madeiras, em uma época de crise e recessão.

A queda de braço ficou evidente durante a Conferência sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, realizada no Rio de Janeiro, em junho passado, quando a discussão sobre florestas disputou, junto com o tema da biodiversidade, as atenções durante o evento. A própria escolha do nome para presidir a Comissão de Florestas foi um parto difícil e demorado. Dez nomes foram recusados até que se optasse pelo embaixador da Guiana, Charles Libud, um diplomata considerado neutro na questão.

A habilidade do embaixador, porém, não foi suficiente para impedir que se detonasse uma verdadeira guerra durante as negociações. Na verdade, antes mesmo da conferência, a questão das florestas já havia provocado uma intensa mobilização diplomática.

A primeira batalha se travou em torno de que tipo de documento seria assinado durante a Rio-92. Os Estados Unidos, apoiados principalmente pelo Japão, queriam que se redigisse uma Convenção sobre Florestas, e não uma simples Declaração de Princípios, que não teria valor legal. Mas esta posição contrariava os interesses da maioria dos países em desenvolvimento.

Ao ver que era voto vencido, a delegação dos Estados Unidos, liderada pelo chefe da Agência de Proteção Ambiental, William Reilly, ainda tentou passar uma proposta de que a convenção fosse realizada depois da Rio-92. Em vão. Até a cautelosa delegação brasileira abandonou sua posição de neutralidade para se opor publicamente à proposta norte-americana: “Não concordamos com uma convenção sem antes



O comércio de produtos originários das florestas rende mais de 70 bilhões de dólares anuais

avaliar os efeitos práticos de uma carta de princípios”, afirmou na época o negociador brasileiro, Bernardo Pericás.

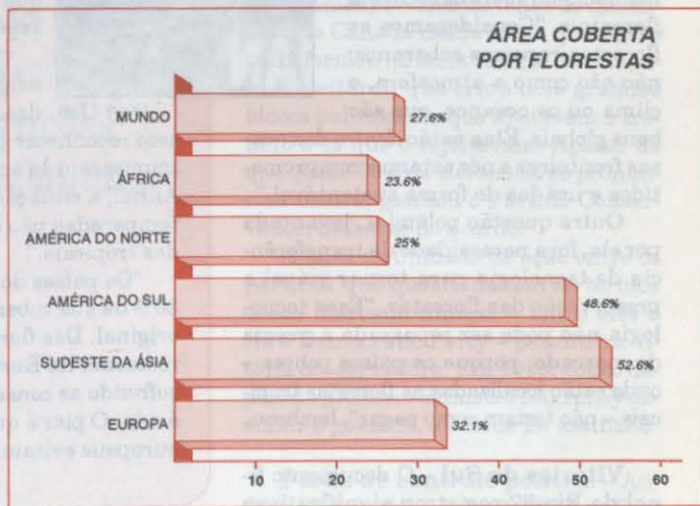
Aspectos econômicos e sociais – Em linhas gerais, durante as negociações se delinearam quatro grandes blocos em torno do tema: por um lado, estavam os Estados Unidos, apoiados pelo Japão e alguns países europeus, que defendiam medidas rígidas de controle do corte e comercialização de madeiras tropicais; no outro extremo, estava o grupo asiático, mais radical, liderado pela Malásia e com forte papel da Indonésia, que não admitia restrições internacionais ao aproveitamento econômico de suas florestas; e, em uma posição intermediária, se colocaram os países latino-americanos, incluindo o Brasil.

O último bloco era formado pelos países africanos, para os quais – dado o nível de desmatamento a que chegou o seu continente – era mais importante que se redigisse uma convenção sobre desertificação.

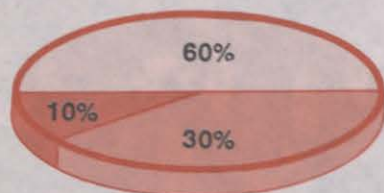
Enquanto os países ricos tentavam canalizar a discussão apenas para os danos ambientais provocados pelo desmatamento, as nações em desenvolvi-

mento queriam um debate mais amplo, que levasse em conta os fatores econômicos e sociais envolvidos. Para estes países, a preservação das florestas tropicais não pode redundar em mais pobreza para o Terceiro Mundo. “Como poderíamos explicar aos nossos habitantes do interior, que dependem da floresta para sobreviver, que assinamos aqui um acordo que limita o corte de madeiras? De que eles iriam viver?”, comentou uma integrante da delegação do Gabão.

A posição da Malásia – Nesse sentido, o país que mais radicalizou as discussões foi a Malásia, que possui 2% das reservas florestais do planeta e detém 40% do mercado de madeiras tropicais. Porta-voz oficioso do bloco asiático, sua delegação defendeu não só com-



CAUSAS DO DESMATAMENTO



- 60% devido às queimadas realizadas por agricultores (população local e colonos vindos de outras partes)
- 30% a projetos agropastoris e de desenvolvimento em grande escala (projetos de assentamento e colonização, represas, grandes plantações de cultivo industrializado, pastagens, projetos industriais, etc.)
- 10% às formas inadequadas de extração de madeiras

penensões financeiras aos países em desenvolvimento pela preservação de suas florestas, como mecanismos para bancar essa conservação. Também reivindicou a eliminação das barreiras comerciais impostas pelos países do Norte e a inclusão dos custos de preservação no preço dos produtos originários das florestas tropicais.

“O que está em questão aqui é que o mercado econômico internacional deve encorajar os países pobres a manter suas florestas e a usá-las de maneira lenta e sustentável. Para isso devem oferecer melhores preços para a madeira tropical”, afirmou Ting Wen Lian, embaixadora da Malásia na FAO.

Durante a conferência, a diplomata foi enfática ao defender o princípio de soberania nacional sobre os recursos florestais. “Consideramos as florestas recursos soberanos; não são como a atmosfera, o clima ou os oceanos, que são bens globais. Elas estão dentro das nossas fronteiras e nós estamos comprometidos a usá-las de forma sustentável.”

Outra questão polêmica, levantada por ela, foi a necessidade da transferência de tecnologia para tornar viável a preservação das florestas. “Essa tecnologia não pode ser repassada a preços do mercado, porque os países pobres – onde estão localizadas as florestas tropicais – não teriam como pagar”, lembrou.

Vitórias do Sul – O documento final da Rio-92 registrou significativas

vitórias para as nações em desenvolvimento, entre elas a inclusão de uma vinculação entre a dívida externa e a conservação das florestas. “Os esforços dos países em desenvolvimento e dos países com economias em transição para fortalecer o gerenciamento, conservação e desenvolvimento sustentável

deven ser apoiados pela comunidade internacional, levando em conta a importância de se resolver a questão da dívida externa”, afirma o texto.

Contrariando a posição dos países

do Norte, o documento também garantiu o acesso de produtos florestais aos mercados internacionais, especialmente de produtos industrializados, como forma das nações em desenvolvimento obterem compensação pela preservação das suas florestas. Outra vitória dos países do Terceiro Mundo foi a referência à preservação de *todo* tipo de florestas, e não só das tropicais, como queriam os Estados Unidos.

Mas, independente de que posições tenham prevalecido, o certo é que a Rio-92 não esgotou a discussão. A preservação das florestas continuará sendo um tema complexo, porque implica conciliar as necessidades sociais de países pobres com a promoção do desenvolvimento sustentável. Se o desmatamento a nível planetário não for detido, ou pelo menos reduzido, a maior vítima deste fogo cruzado serão as futuras gerações, que correm o risco de herdar uma paisagem desértica como *habitat*.

A agonia dos bosques gelados



Wen Lian

Tin Wen Lian contradiz o estereótipo da mulher oriental submissa e cabisbaixa. Durante a Rio-92, a diplomata malasiana se destacou pela firmeza com que defendeu suas posições, algumas das quais reproduzimos a seguir:

“Os países ricos exigem a preservação das florestas tropicais, sem reconhecer os danos que impuseram às suas próprias. Afinal, a situação das florestas temperadas não é melhor do que a das tropicais.”

“Os países do Norte só possuem 30% da sua cobertura de floresta original. Das florestas que restaram na Europa, 40% estão sofrendo as consequências da chuva ácida. O pior é que muitos governos europeus evitam tratar do tema,

alegando não haver ‘comprovação científica’ de que tal fenômeno realmente ocorra.”

“No hemisfério norte, a maioria das florestas é plantada. Então o seu conceito de sustentabilidade é muito diferente. Nas nossas florestas, depois de 25 anos as árvores crescem. O clima é bom, a água é suficiente, o ar é quente. Nos países temperados, muitas levam 75 anos para crescer.”

“As condições no hemisfério norte são muito diferentes, e nós temos que ser muito cautelosos quando nos referirmos ao conceito de sustentabilidade. Porque o que é sustentável numa floresta temperada, pode não ser numa floresta tropical e vice-versa.”

“Precisamos estabelecer uma cooperação internacional para garantir a implementação dos princípios decididos na Rio-92 em todos os países, em todos os tipos de florestas, incluindo as temperadas.”



Canadá: depois do acordo de livre comércio, o índice de desemprego oscila entre 11 e 12% (acima, protesto de fazendeiros em Ottawa)

A ameaça da fábrica global

Beatriz Bissio

A final de contas, o que é "ser moderno"? É verdade que o que é bom para as multinacionais é bom para o povo? Pode o sistema democrático sobreviver em nosso continente se continuarmos aplicando as receitas neoliberais? Será que acabaremos nos tornando uma nova "república bananeira"?

Quem pensou que estas perguntas estavam sendo o centro dos debates de algum partido político latino-americano se enganou. Todas essas questões estão na agenda de discussões do New Democratic Party (NDP, Novo Partido Democrático), do Canadá. Liderado desde 1989 por uma mulher, Audrey McLaughlin, o NDP tem 44 cadeiras na chamada Casa dos Comuns, a Câmara Baixa do Parlamento de 295 deputados. Toda a oposição possui 80 parlamentares.

Membro da Internacional Socialista, o NDP defende uma política diametralmente oposta à do primeiro-minis-

O desafio democrático deste fim de século é pôr um freio ao avanço do poder das corporações multinacionais

tro Brian Mulroney, e se preocupa com a herança que deixará a onda neoliberal, agravada no Canadá pelos efeitos do acordo de livre comércio com os Estados Unidos, ao qual também aderiu o México.

De fato, o tratado de livre comércio (Eucanmex) é o eixo de todas as discussões no Canadá desde 1988, quando se transformou no tema central da campanha eleitoral, que criou dois grandes blocos políticos: os que apoiavam o tratado e os que o rejeitavam. Apesar de que quase 50% do eleitorado se pronunciou contra, ganhou o Partido Conservador, defensor do acordo.

A falta de unidade de ação entre os partidos que questionavam os termos desse mercado comum — entre eles o New Democratic Party — permitiu a vitória conservadora. Em 1989, pouco depois do primeiro-ministro Mulroney assumir o governo, o acordo foi assinado.

Perda de controle político — Audrey McLaughlin, líder do NDP no Par-

lamento, concedeu uma entrevista a **cadernos do terceiro mundo**, na qual deixou clara sua angústia com os rumos que está tomando seu país e afirmou que traçar alternativas viáveis para o modelo de livre mercado é o principal desafio dos partidos democráticos do continente.

Avó e líder

Audrey Mc Laughlin é professora e assistente social. Viveu três anos em Gana, África, e trabalhou como voluntária em Barbados, ajudando a criar pequenas empresas. Conhece bem a América do Sul e tem uma pequena loja de produtos agrícolas.



Eleita deputada em 1987, foi designada líder do NDP em 1989. "Sou a primeira mulher líder de um partido na América do Norte, tanto no Canadá quanto nos Estados Unidos", diz, com orgulho, o mesmo orgulho com que afirma que já é avó.

"Nós não estamos contra o comércio, nem contra os acordos bilaterais entre nações soberanas, aos quais sempre demos nosso apoio. O problema com o Eucanmex é ele estar baseado em postulados neoconservadores, que negam nossa plataforma política", explica a deputada.

"Ao contrário do que ocorre com a Comunidade Européia, nosso governo e o dos Estados Unidos insistem em dizer que este acordo é simplesmente comercial. Não teria nada a ver com programas de natureza social, por exemplo. Mas, na prática, para o Canadá está redundando em uma grande perda de controle político", denuncia.

Em que consiste exatamente essa perda de controle político? Audrey Mc Laughlin dá um exemplo: o acordo não permite ao Canadá criar empresas estatais sem consentimento dos Estados Unidos. De fato, está ocorrendo um número crescente de privatizações, que acabam em desnacionalização, já que as empresas transnacionais, que atuam com particular vigor, são as que lideram os negócios.

Outro exemplo: não existe mais liberdade na definição dos rumos do desenvolvimento regional. "Os Estados Unidos dão a última palavra e podem vetar programas que impliquem subsídios do Estado. Na prática, já os está

questionando. Alegam que são subsídios injustos", assinala a líder do NDP.

O Canadá tem uma rede de serviços sociais muito mais ampla que a norte-americana. Existe, por exemplo, um fundo para a saúde pública mediane o qual se garante a todos os cidadãos o acesso à assistência médica, internações, etc. Isso não ocorre nos Estados Unidos. Além disso, o programa de seguro-desemprego é muito mais ambicioso que o norte-americano.

"Como a palavra chave é 'harmonização', está se harmonizando a política social por baixo. Este deve ser um sinal

de alarme para o México e os demais países latino-americanos que vêem o Eucanmex como um exemplo. Não existe nenhuma preocupação em elevar o nível de vida da população, ao contrário. Não há no acordo postulados sociais, nem metas de desenvolvimento. Trata-se apenas de criar um mundo sem barreiras para as grandes corporações", afirma a deputada canadense.

A questão do petróleo - Apesar do seu elevado nível de desenvolvimento e do potencial que lhe oferece seu vasto território - com a desintegração da União Soviética -, o Canadá tem disparidades sociais e regionais, por exemplo entre o norte e o leste. Desde que o acordo foi assinado com os Estados Unidos, o governo canadense está obrigado a vender petróleo e gás para seus vizinhos pelo mesmo preço que no mercado local. Mesmo em épocas de escassez, está comprometido a garantir aos norte-americanos sua parte. "Essa cláusula demonstra que não podemos dispor de nossos próprios recursos para o desenvolvimento do país", afirma.

E acrescenta: "O fornecimento de petróleo aos Estados Unidos é uma das dificuldades nas negociações do acordo entre o México e os Estados Unidos. Os

mexicanos estão sendo muito pressionados. O México alega que o petróleo está regulamentado na Constituição, e defende a autonomia de sua estatal, a Pemex, aludindo à defesa de sua soberania. Os norte-americanos dizem que o petróleo é um dos temas que está colocado na mesa de negociações. A queda de braço se repete, tanto para os mexicanos quanto para nós, em outras esferas das relações bilaterais, que chegam inclusive ao terreno cultural."

Balança comercial negativa - O tratado provocou mudanças na política econômica canadense. Historicamente, as taxas de juros haviam se mantido em dois por cento. Agora, estão entre cinco e sete por cento, empurradas pelas práticas norte-americanas. São os níveis mais altos dos últimos 15 anos. "Muitas pessoas pensam que esse era o compromisso que não estava escrito, mas de importância chave para os Estados Unidos", afirma Mc Laughlin.

Como consequência dessa política, as exportações caíram dramaticamente. Pela primeira vez em 15 anos o Canadá teve uma balança comercial negativa. "Nos últimos meses, perdemos mais de 400 mil postos de trabalho na indústria manufatureira. Só no Canadá, sem falar no caso do México", exclama a líder do NDP.

O índice de desemprego oscila atualmente entre 11 e 12%. O país nunca tinha visto um número tão alto de trabalhadores dando entrada no pedido de seguro-desemprego.

"O acordo prevê também um convênio de 'céus abertos' (Open Sky Agreement). O que isso significa? Que estamos perdendo não só nossas linhas aéreas, mas também a maior parte de nossas rotas, que passarão a ser cobertas pelos Estados Unidos. Em um país tão vasto quanto o nosso, as comunicações são vitais. Eu, por exemplo, vivo na região ártica. Nós construímos nosso sistema de transporte leste-oeste, cortado por linhas aéreas e pelas estradas de ferro. Agora estamos perdendo nossa infra-estrutura de transportes e sem ela não há desenvolvimento possível."

De forma simultânea a esse processo de "perda de controle político" ao qual se refere a dirigente, o Canadá está sofrendo pressões para reduzir as exigências de sua avançada legislação ambiental. "As empresas estão fazendo

uma espécie de chantagem. Dão a entender ou afirmam que, se não abriremos mão de certos compromissos de preservação ambiental, vão se transferir para o México ou inclusive para os Estados Unidos."

República bananeira - Dois anos depois de que o acordo começou a ser implementado, o primeiro-ministro Mulroney - que atravessa seu pior momento - nunca foi ao Parlamento explicar os benefícios que trouxe ao país. Para Mc Laughlin, isso demonstra que o governo não tem argumentos para defender sua política.

"Para nós, que nos consideramos social-democratas, o comércio não é um fim em si mesmo, mas um meio para desenvolver o país. Não é o que aconteceu com este acordo."

vez mais difícil o surgimento de outras alternativas.

"Nosso poder político, nosso poder de alterar o curso dos fatos está se enfraquecendo, porque o Estado está cada vez mais débil, com menos recursos. Suponhamos que nós consigamos vencer, com nossa plataforma socialista, a próxima eleição. Que mudanças poderíamos implementar? Este é o grande problema dos governos conservadores: se nós o substituímos no poder, já teremos perdido em grande medida nossa capacidade de implementar os programas sociais que defendemos como caminho rumo a um desenvolvimento mais justo."

Para a parlamentar, "os neoliberais estão nos deixando de mãos e pés atados, comprometendo o futuro e a própria democracia. Porque se nossos povos - principalmente os da América La-

disparidades que há entre o Canadá e os Estados Unidos ou entre este último e o México", afirma a líder do NDP.

O NDP, que é membro da Internacional Socialista, considera necessário traçar alternativas à política neoliberal. Mas encontra uma barreira a esta tarefa: os meios de comunicação internacionais.

"Estes órgãos estão controlados pelas multinacionais e, ao contrário do que ocorre na Europa - onde os partidos social-democratas têm poderosos jornais -, nós não temos canais para divulgar nossas posições", explica a dirigente.

"Temos no NDP uma equipe pensando saídas, trabalhando principalmente a partir da propaganda que os neoliberais montaram, usando o conceito de *modernidade*. Eles trabalharam o inconsciente das pessoas, associando



Brian Mulroney, George Bush e Salinas de Gortari: até agora, não conseguiram provar os benefícios do Eucamex

Para a deputada, desde a implementação do tratado de livre comércio com os Estados Unidos, seu país está parecendo cada vez mais uma república bananeira. "Antes, denunciávamos as práticas da United Fruit Company na América Central. Mas nós estamos nos transformando em uma grande vítima da mesma política", assinala.

O empenho em baixar os salários, debilitar a ação dos sindicatos e diminuir o peso dos pequenos e médios empresários, está mudando o perfil da sociedade canadense. "Estamos nos convertendo em meros distribuidores de bens de consumo norte-americanos."

Na opinião de Audrey Mc Laughlin, as consequências diretas da política neoliberal não são o pior aspecto desse processo. Segundo ela, o mais grave é constatar que este modelo torna cada

tina, que estão a cada dia em uma situação mais desesperadora - não encontram nos parlamentares uma resposta a suas reivindicações, acabam perdendo a confiança no sistema democrático".

O caso europeu - A Comunidade Européia não teria sido possível sem o passo prévio, o Mercado Comum Europeu, que foi uma iniciativa bem-sucedida. O êxito europeu se explica, na opinião de Mc Laughlin, porque o ponto de partida era diferente.

"O Mercado Comum Europeu funcionou porque a tradição política desse continente se baseia em uma doutrina que defende princípios de caráter social. E, principalmente, porque as diferentes economias - salvo o caso da Alemanha depois da unificação - eram mais ou menos iguais. Não existiam as

essa política neoliberal às exigências da entrada no século 21."

Ninguém gosta de ser rotulado de "retrogrado", por isso o NDP busca uma mensagem que demonstre que o mercado livre, tal como os conservadores o concebem, não representa um avanço rumo a novos níveis de desenvolvimento. Para isso, procura provar que é falsa a afirmação de que "o que é bom para as multinacionais, no final será bom para o povo".

"As corporações não são a Madre Teresa de Calcutá. Vivem de fazer negócios e eu não as culpo por buscar o lucro. Mas considero que devem existir mecanismos do Estado que regulamentem suas atividades", afirma a deputada. "Caso contrário, teremos daqui a pouco um mundo dominado pelas corporações, nos transformaremos em uma gigantesca fábrica de biscoitos." ■

EQUADOR

Drástico plano de ajuste

Após 25 dias de especulações, o governo de Sixto Durán Ballen — que tomou posse em 10 de agosto passado — adotou um drástico plano de ajuste estrutural, nos moldes clássicos do Fundo Monetário Internacional (FMI). O programa neoliberal, anunciado no começo de setembro, ameaça aumentar as tensões sociais a níveis insuportáveis para o governo.

Paralelamente ao anúncio do plano de ajuste, foram mobilizados efetivos policiais nas ruas da capital e se decretou a intervenção militar da Universidade.

O ajuste adotado pelo presidente Durán Ballen inclui uma desvalorização da moeda nacional, o sucre, em 35%; reajuste dos preços do gás do-

Paralelamente, o governo anunciou que enviaria ao Congresso projetos de leis destinados a regulamentar um programa de privatizações e melhorar a política orçamentária.

méstico de 191%; aumento de 160% na gasolina e das tarifas elétricas entre 25 e 90%.

Os sindicatos, líderes do movimento estudantil, dirigentes indígenas e organismos de direitos humanos têm convocado mobilizações populares por todo o Equador. Os choques com a polícia já deixaram um saldo de dezenas de estudantes detidos, alguns feridos, e dois locais do partido de governo e uma universidade semidestruídas.

Luis Maca, presidente da Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (Conaie), que representa 30% do total da população equatoriana, disse que os indígenas aplicariam a desobediência civil e se rebelariam contra as autoridades constituídas, “pela primeira vez na história do Equador”. Maca declarou que os índios “não reconhecem as atuais autoridades” e exortou as Forças Armadas a desobedecer as ordens de Durán Ballen de reprimir os protestos populares.



Membros da polícia protegem a sede do governo, em Quito

PERU

Preso Abimael Guzmán



invadiram um apartamento no centro de Lima e prenderam uma parte da cúpula da organização. Entre os detidos junto com Guzmán, figuram Elena Iparraguirre — considerada a número 2 da organização —, Elvia Zanabria e Laura Zambrano.

Guzmán, que deve ser julgado por um tribunal militar sob acusação de traição à pátria, pode ser condenado à prisão perpétua. Existem, entretanto, pressões — encabeçadas pelo próprio presidente Fujimori — para que ele seja condenado à pena de morte. O advogado de defesa de Guzmán, Alfredo Crespo, presidente da Associação de Advogados Democráticos do Peru, disse que o processo de seu cliente diante de um tribunal militar era ilegal. Outros processos por homicídio e atentados serão iniciados contra Guzmán na justiça comum.

A prisão de Abimael Guzmán (foto) pode fortalecer o presidente Fujimori

Observadores e analistas peruanos consideram que a detenção do líder senderista e de outros dirigentes da cúpula da organização não implica o fim imediato da guerra no Peru. Pelo contrário, se espera que haja um recrudescimento da violência, como consequência das re-

Após registrar uma acentuada queda na sua popularidade, o presidente Alberto Fujimori pode ter dado um importante passo para reverter este quadro ao conseguir prender o procurado líder do Sendero Luminoso, Abimael Guzmán.

A prisão do dirigente máximo do Sendero foi anunciada em Lima pelo próprio Fujimori, no dia 14 de setembro. A notícia foi divulgada depois que forças da segurança peruana

presálias que o Sendero Luminoso deve iniciar. Diego García, da Comissão Andina de Juristas, destaca que é muito cedo para afirmar que a direção do Sendero foi desarticulada. “Além disso, só três dos presos pertencem ao núcleo de direção”, disse García. E acrescentou: “O terrorismo não vai terminar no Peru até que não se dêem outras alternativas aos marginalizados, até que não se tomem medidas para diminuir efetivamente a pobreza.”

NICARÁGUA

Gigantesco maremoto

Como um drama de ficção, uma onda do tamanho de um edifício de 20 andares arrasou 20 balneários e destruiu em poucas horas dois portos nicaraguenses, deixando um saldo de mais de 100 mortos, centenas de feridos e desaparecidos e quase 20 mil mutilados.

O fenômeno, ocorrido no começo de setembro, aconteceu por causa de um terremoto de 7,0 graus na escala Richter, cujo epicentro estava a 100 quilômetros de Manágua em direção ao mar, a uma profundidade de 30 mil metros.

Apesar do maremoto — que varreu 200 quilômetros de costa — ter afetado hotéis e casas de veraneio, as principais vítimas foram os pescadores que moram em ca-

sas de madeira situadas perto do mar.

Este foi o primeiro fenômeno deste tipo em todo o século e foi qualificado por sismólogos como “um marco na história centro-americana”, por ser raro na região. O geólogo Mario Fernandez, responsável pela seção de sismologia da Escola Centro-Americana de Geologia, com sede na Costa Rica, disse que o único precedente era um pequeno maremoto ocorrido na costa atlântica nicaraguense em

1991, que nem remotamente se comparava com o tamanho e intensidade do atual.

A espinha dorsal da mobilização para atender à emergência foi o Exército Popular Sandinista da Nicarágua, cujo comandante Humberto Ortega colocou todos os

soldados à disposição das vítimas. Brigadas militares assentadas em diferentes pontos do país estão sendo deslocadas para a zona do desastre, para se encarregar das tarefas de reconstrução e assistência dos desabrigados.



Moradores do balneário de Casares inspecionam as ruínas de um hotel

Chile

O Colégio de Jornalistas do Chile solicitou à Justiça deste país que seja levantada a proibição de se divulgar informações sobre o caso do assassinato de José Carrasco, editor da revista *Análisis*. José Pepe Carrasco foi assassinado em 1986 por forças de segurança em represália ao atentado que a Frente Patriótica Manuel Rodríguez (FPMR) realizou contra o general Augusto Pinochet, neste mesmo ano.

O Colégio de Jornalistas pediu o “total esclarecimento do caso” e manifestou que “a verdade e a prática da justiça são elementos imprescindíveis para recuperar a boa convivência entre os chilenos”.

A instituição recordou o jornalista desaparecido na ocasião do aniversário da sua morte, rendendo ainda uma homenagem “a todos os que morreram cumprindo sua missão informativa durante a tirania”.

AMÉRICA CENTRAL/MÉXICO

Livre comércio

Um tratado de livre comércio foi assinado por cinco países centro-americanos e pelo México, em agosto. El Salvador, Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua e México negociarão de forma bilateral, nos próximos meses, a inclusão de produtos nas listas que serão beneficiadas com taxas alfandegárias reduzidas. Diplomatas centro-americanos expressaram seu otimismo pela assinatura do acordo, que, na sua opinião, estimulará investimentos na região.

Entretanto, para o diretor da Câmara Independente de Pequenos Empresários de Manágua, Gustavo Hernández, o acordo implica o risco de consolidar a tradicional posição da região centro-americana como fornecedora de matérias-primas e mão-de-obra barata.

Os pequenos empresários temem que o México tente utilizar a América Central como zona de *maquiladoras* (montadoras de produtos destinados à exportação), atuando como intermediário das transnacionais dos Estados Unidos.

Um representante diplomático mexicano desmentiu estas especulações e assinalou que o interesse de seu país era “defender o nível de vida da região, contribuindo para a abertura de novas fontes de emprego e para consolidar a estabilidade política através do crescimento econômico”.

Estados Unidos

Só nos últimos três anos, 71.000 pessoas foram assassinadas nos Estados Unidos devido à sua ligação com as drogas, 900.000 bebês nasceram viciados em algum narcótico e três milhões de norte-americanos se tornaram dependentes da cocaína ou heroína.

Estes dados constam de um relatório divulgado recentemente pelo Comitê Jurídico do Senado norte-americano, que qualificou como um "total fracasso" o programa oficial de combate às drogas. Iniciado em 1989, com um orçamento de 32 bilhões de dólares, o plano previa não só medidas internas de combate à comercialização de narcóticos, como iniciativas para inibir a produção de coca nos países andinos. Nesse sentido, o relatório assinala o fracasso do governo Bush ao pretender "atacar o problema da produção de coca através de métodos militares".



A maioria dos índios do México sofre de desnutrição

MÉXICO Grandes contrastes

A metade da população do México — 40 milhões de pessoas — padece de desnutrição em graus diferentes. Esta porcentagem se eleva a 90% quando se considera somente os 12 milhões de índios mexicanos. De cada 2,2 milhões de crianças que nascem por ano, 25 mil morrem durante o primeiro ano de vida e

outras 75 mil antes de completar cinco anos. Estes dados foram divulgados pelo terceiro balanço anual do Programa Nacional de Solidariedade (Pronasol), do próprio governo mexicano.

Em contraposição a estes indicadores de pobreza absoluta, o México registra, neste mesmo ano, a compra de 18 bancos desestatizados por parte de 25 banqueiros privados, que pagaram 14 milhões de dólares pela aquisição.



Callejas (dir.) abraça Cristianí após o veredito de Haia

EL SALVADOR-HONDURAS

Definidas as fronteiras

O recente veredito da Corte Internacional de Justiça de Haia sobre o conflito fronteiriço entre Honduras e El Salvador pode eliminar um foco de tensão na América Central, que inclusive já levou os dois países a uma curta guerra em 1969.

A sentença, lida pelo jurista brasileiro Jose Sette Câmara, reconheceu a soberania de Honduras sobre dois-terços dos territórios compreendidos nas seis zonas em disputa na fronteira terrestre (Tepanguisir, Cayaguanca, Dolores, Goascarán, Naguaterique e Sasalapa-La Virtud). A corte também outorgou a Honduras uma ilha (Tigre) e outras duas a El Salvador (Meanguera e Meanguerita), todas sobre o Golfo de Fonseca, que ambas as nações compartilham com a Nicarágua.

A decisão da corte foi bem-recebida pelos presidentes de Honduras, Rafael Callejas, e El Salvador, Alfredo Cristianí, que se reuniram no posto de fronteira de Amatillo para esperar o veredito.

A explosão de alegria com que os hondurenhos receberam a notícia contrastou com a cautela das explicações dadas pelos governantes salvadorenhos a seus cidadãos. Durante os últimos 12 anos, os sucessivos governos salvadorenhos alegaram, entre outras razões, que a conjuntura de guerra interna não lhes permitia chegar a um entendimento com as autoridades hondurenhas.

As primeiras notícias de disputas territoriais entre os dois países surgiram em 1861, no departamento de La Paz, onde grupos indígenas reivindicavam terras em ambos os lados da fronteira. A disputa se arrastou até dar origem a sérios incidentes em 1967. Dois anos depois, por ocasião das eliminatórias da Copa do Mundo de 1970, se desencadearam agressões a cidadãos hondurenhos em El Salvador e vice-versa. Os atritos se agravaram e terminaram em um confronto bélico entre as duas nações, a chamada "Guerra do Futebol", que durou 100 horas.

Todos os esforços para encontrar uma solução pacífica ao conflito fronteiriço fracassaram até 1976, quando ambos os governos aceitaram a mediação do ex-presidente peruano José María Bustamante y Rivero, que conseguiu, em 1980, a assinatura do Tratado Geral de Paz. Este acordo, porém, não se pronunciava sobre as seis zonas em disputa, o que levou os dois países a recorrerem à Corte Internacional de Haia.

TIMOR LESTE

Proposto encontro Lisboa-Jacarta

Em um discurso que pronunciou na décima reunião dos Países Não-Alinhados, em setembro em Jacarta, o secretário geral das Nações Unidas, Boutros-Boutros Ghali, anunciou que havia proposto um encontro direto entre as diplomacias de Portugal e Indonésia para tratar do futuro de Timor Leste.

A iniciativa, formulada em agosto, em Nova Iorque, foi recebida com otimismo pela resistência timorense e pelo governo de Portugal. Um encontro entre os chanceleres da Indonésia e de Portugal seria bem visto pelos grupos independentistas, "sempre que se trate de um único encontro", a sós, disse em Lisboa o porta-voz dos exilados, José Ramos Horta. Analistas portugueses, por sua vez, coincidem em assinalar que seria a primeira vez que Jacarta aceita falar sem condições prévias sobre Timor.

Os timorenses exigem o cumpri-

mento da resolução do Conselho de Segurança da ONU que estipula a retirada da Indonésia da ex-colônia portuguesa e a realização de um referendo pela autonomia, sob controle provisório de Portugal, fiscalizado pela própria Nações Unidas e por observadores internacionais.

Por sua parte, o governo indonésio, através do chanceler Ali-Alatas, considerou que apesar do fracasso das duas iniciativas anteriores — em 1983 e 1991 — uma nova reunião seria "um bom começo", já que "só a busca de soluções realistas poderia trazer um bom final para o caso de Timor Leste".

A substituição do governador da Indonésia na ilha, ocorrida em setembro, suscitou, por outro lado, duras críticas dos exilados timorenses. Os independentistas consideram que Osorio Soares, o novo representante do general Suharto — presidente indonésio — em Ti-



Ramos Horta: denunciando o genocídio

mor é a mais dura das três opções possíveis: "Um agente de polícia, semi-analfabeto e com antecedentes penais por delitos comuns", segundo o qualificou Ramos Horta.

A resistência persistiu na denúncia do que Ramos Horta descreveu como "o maior genocídio proporcional praticado neste século": o assassinato de 210.000 mauberes desde 1975. Esse número equivale a 30% do total da população naquele ano, quando começou a ocupação por parte da Indonésia.

Somália

O diretor do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), Mostapha Tolba, anunciou em setembro, em Nairóbi, Quênia, que investigará a firma suíça Archers e outras empresas europeias que estariam valendo-se da situação caótica que impera na Somália para depositar toneladas de lixo tóxico neste país africano.

Os embarques teriam sido feitos com a cumplicidade de Ali Mahdi, o autoproclamado "presidente interino" da Somália, que até agora teria recebido três milhões de dólares pela operação.

Como se não bastasse a fome, a seca e a guerra civil, o depósito de lixo tóxico aumenta os riscos aos quais a população está submetida. Dos cerca de sete milhões de habitantes da Somália, 4,5 estão ameaçados pela fome.

A ONG somaliana Organização de Paz e Reassentamento (OPRS), cujos membros estão exilados em Nairóbi, declarou que estava "alarmada e horrorizada com as revelações", e exortou os diretores do Pnuma a denunciarem o quanto antes os nomes de todos o envolvidos.

Congo

O ex-primeiro-ministro congolês Pascal Lissouba é o novo presidente deste país do centro-oeste africano. Eleito com 61,32% dos votos no segundo turno, Lissouba manteve uma larga vantagem em relação ao segundo colocado, Bernard Kolelas, que somou 36,68%. O até então presidente Sassou Nguesso, que concorria à reeleição, não passou do primeiro turno, tendo obtido 16,87% dos votos. Conhecido como "o professor" por suas atividades acadêmicas no Congo e no exterior, Lissouba foi ministro da Agricultura em 1963, cargo que acumulou com o de primeiro-ministro até 1966. Membro da União Panafricana pela Democracia Social (Upads), Lissouba é descrito como adepto do liberalismo econômico. Até julho de 1990, o Congo vivia sob regime monopartidário, com o Partido Congolês do Trabalho (PCT) no poder. Em fevereiro de 1991, teve início uma Conferência Nacional que estabeleceu um projeto constitucional e fixou as eleições presidenciais para agosto último. Durante a Conferência, delegados acusaram o ex-presidente Nguesso de ter acumulado cinco bilhões de dólares em bancos do exterior.

CURILAS

Yeltsin retrocede

A repentina decisão do presidente russo, Boris Yeltsin, de cancelar a viagem que faria ao Japão em setembro último adiou ainda mais a resolução da disputa territorial entre os dois países em torno das ilhas Curilas.

Segundo os observadores, pressões de militares, nacionalistas e membros da linha dura comunista – que se recusam a abrir mão da soberania sobre as quatro ilhas – obrigaram Yeltsin a adiar a viagem por tempo indeterminado.

Apesar da importância que dá ao tema, as autoridades japonesas trataram de evitar uma reação emocional. Mas o ministro do Exterior do Japão, Michio Watanabe, sugeriu que seu país teria sido mais flexível na sua postura diante da disputa se o presidente russo tivesse realizado a viagem prometida. Segundo ele, o Japão não suspenderá a ajuda humanitária e financeira à Rússia, mas as futuras decisões de Tóquio nesse campo dependerão do reconhecimento de Moscou da soberania do Japão sobre as Curilas.

Analistas políticos acreditam que as perspectivas de assinatura de um tratado de paz e de efetivação de ajuda financeira e comercial entre os dois países tenham retrocedido bastante com o adiamento da viagem.

De acordo com os meios de comunicação, Tóquio teria rejeitado um pedido de ajuda informal a longo prazo, no valor de 50 bilhões de dólares, feito pelo governo russo antes do recuo de Yeltsin.

Desde a ocupação das Curilas pela ex-União Soviética no final da Segunda Guerra Mundial, as relações entre Tóquio e Moscou têm sido conturbadas. Em 1951, o Japão e os países aliados assinaram o Tratado de São Francisco, que obrigava a nação asiática a ceder as chamadas ilhas Curilas do Sul.

Na época, a União Soviética tomou posse de 22 ilhas, mas o Japão considera que o arquipélago seja composto por 18, e que as quatro restantes – Xicotá, Habomai, Cunaxiro e Iturupe, chamadas pelos japoneses de “territórios do norte” – tenham sido anexadas ilegalmente.



Yeltsin (esq.) e Miyazawa: diante de um problema muito delicado

Índia

A Índia realizou com sucesso, em agosto, o lançamento de um projétil de alcance médio “terra-terra”, chamado *Pritvi*, confirmando assim sua enorme evolução na investigação tecnológica de mísseis e satélites. Os avanços da Índia neste campo lhe custaram represálias de Washington, que decretou, em maio deste ano, um embargo tecnológico sobre a transferência de toda produção avançada que possa ajudar o desenvolvimento do programa espacial indiano.

Outros três projéteis completam o programa indiano de mísseis: o míssil de alcance médio “terra-ar” *Akash*, o antitanques *Nag* e o de reação rápida “terra-ar” *Trishul*.

Coincidindo com a decisão norte-americana de impor o embargo, em maio, a Índia também colocou em órbita um satélite experimental que utilizou um foguete de lançamento fabricado no próprio país.

Tailândia

Os partidos de oposição ao regime militar da Tailândia obtiveram a maioria dos votos nas eleições parlamentares realizadas em setembro último neste país do sudeste asiático, que vive sob um regime de monarquia constitucional.

A soma das cadeiras obtidas pelos partidos de oposição é de 183 em um total de 360 cadeiras, número suficiente para formar um novo governo de coalizão.

O Partido Democrata, liderado por Chuan Leekpai, foi o mais votado, tendo obtido o total de 80 cadeiras no Parlamento tailandês, seguido pelo *Chart Thai* (Nação Tailandesa), com 77 cadeiras, partido que está no poder e é apoiado pelos militares. Outros dois partidos de oposição obtiveram cerca de 50 cadeiras na Câmara.

Estas são as primeiras eleições que ocorrem na Tailândia desde os violentos protestos de maio passado contra a nomeação do general Suchinda Kaparayoon – que liderou o golpe militar em fevereiro de 1991 – como primeiro-ministro.

NÃO-ALINHADOS

Ênfase na questão econômica

"Como podemos permanecer não-alinhados, quando os dois adversários ideológicos desapareceram?". Esta pergunta, formulada pelo primeiro-ministro da Malásia, Mahatir Mohamed, durante a última reunião do Movimento de Países Não-Alinhados resumiu bem a crise de identidade em que se encontra esta organização desde a desintegração da ex-União Soviética.

Além dessa pergunta chave, que permeou todas as discussões, o encontro de cúpula, realizado em Jacarta, Indonésia, no início de setembro, foi marcado pela ênfase nos problemas econômicos que afetam os 108 membros do movimento.

Essa preocupação ficou clara no documento final da reunião, a Mensagem de Jacarta, onde os não-alinhados pediram a "reativação do diálogo construtivo entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos" para reestru-

turar o sistema econômico mundial.

O meio ambiente, pela primeira vez, mereceu um lugar de destaque nos debates dos não-alinhados, que colocaram a necessidade de se erradicar a pobreza em todo o mundo para se chegar a um desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, a Mensagem de Jacarta enfatizou a necessidade de uma "nova associação global", na qual os países pobres possam adquirir mais fundos para implementar a Agenda 21, aprovada na Rio-92, e tecnologias ecologicamente limpas.

Na reunião, os não-alinhados prometeram "abrir guerra contra a pobreza, o anal-

fabetismo e o subdesenvolvimento" e pediram que os Estados Unidos suspendam o bloqueio econômico contra Cuba. Além disso, defenderam uma reformulação da Organização das Nações Unidas, que inclua o fim do poder de veto dos cinco inte-

da a força. Os países muçulmanos investiram contra a Iugoslávia, num protesto contra o massacre de seus irmãos na Bósnia por milicianos sérvios. Já o Iraque não conseguiu apoio para o seu apelo de que a ONU suspenda o embargo econômico



A reunião de Jacarta mostrou a crise de identidade que sofre o movimento

grantes do Conselho de Segurança.

Apesar dos esforços para manter a unidade do movimento, bastante debilitado desde o fim da Guerra Fria, que originou sua criação, em 1961, algumas divergências internas irromperam com to-

ao país. A China, por sua vez – que participa pela primeira vez como observadora do movimento – usou a tribuna para reivindicar a soberania das Ilhas Spratly (ver cadernos, nº 153), também reivindicadas pelo Japão, Vietnã e Filipinas.

NORTE/SUL

Cúpula sobre Desenvolvimento Social

Em 1995, quando as Nações Unidas completarem 50 anos, a data será comemorada com a realização de uma Conferência de Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social. A reunião, que deverá ser realizada em Nova Iorque a nível de chefes de Estado e de governo, enfocará os problemas da pobreza, a necessidade de melhorar a qualidade de vida de todos os seres humanos e analisará as perspectivas econômicas e sociais dos países mais atrasados.

A iniciativa da conferência foi do

Chile, e rapidamente obteve o respaldo do Grupo dos 77, que representa os países do Terceiro Mundo. A Grã-Bretanha, que inicialmente se opôs à idéia, acabou apoiando-a, mas com a condição – muito bem-recebida pela ONU – de que ao projeto fossem incorporadas de forma ativa as organizações não-governamentais (ONGs), tal como havia acontecido com a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro.

"A pobreza é uma fonte de instabilidade permanente, que influi nas rela-

ções internacionais, criando novos focos de tensão. Ninguém está livre dos fatores de instabilidade e de insegurança gerados pela miséria, marginalização, desemprego e outras carências, nem sequer os países industrializados", afirmou Juan Somavía, embaixador do Chile ante a ONU, justificando a iniciativa.

Os países africanos e latino-americanos reivindicam que a Cúpula sobre Desenvolvimento Social discuta o papel dos organismos financeiros internacionais, cujas políticas, na sua opinião, geram custos sociais muito altos. Neste sentido, propõem que se elabore uma espécie de "Agenda 21" – o plano de ação da Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – dedicada a identificar áreas prioritárias para a redução da pobreza e do desemprego.

O Brasil vai vendo o "bonde" passar

Jorge Monteiro

O Brasil tem uma esplêndida "dentadura" para abocanhar o mercado de Angola e, inexplicavelmente, ou talvez absorto e confundido com os seus problemas internos, vai deixando o tempo correr, "vai perdendo o trem", em favor de países que, até há bem pouco tempo, nenhuma relação tinham com o mercado angolano.

Sem dúvida, os laços culturais e históricos que remontam quase cinco séculos, o fato de o Brasil ter sido o primeiro país do mundo a reconhecer o governo da República Popular de Angola e a situação geográfica dos dois países são alicerces para um relacionamento econômico bastante privilegiado.

Recordando as declarações do presidente Fernando Collor de Melo em setembro do ano passado, quando da sua visita a Angola, podia-se depreender que o arranque seria imediato na reativação de grandes projetos na agropecuária, nos transportes, na energia, etc. Por parte do governo angolano, também foi manifestado o interesse de solidificar e até expandir o relacionamento econômico.

Todavia, analisando friamente essas relações, nestes anos após a independência de Angola, salvo as presenças bem significativas da Odebrecht, da Braspetro e mais duas ou três empresas brasileiras, podemos concluir que o Brasil não soube, não quis ou não pôde aproveitar o espaço aberto do mercado angolano. E penso que já perdeu grandes oportunidades, até irrecuperáveis.

Ninguém desconhece o potencial econômico, a riqueza de Angola, o espaço deixado por anos de guerras, de destruição e o premente desejo de reconstrução, de reativar, de modernizar e de criar novas indústrias.

Ninguém desconhece as modificações políticas, com uma abertura democrática e uma economia livre, o chamamento do governo de Angola ao capital e à tecnologia do exterior, através de parcerias, *joint ventures*, etc.

Vários países, como Portugal, Espanha, França, Itália, Estados Unidos, Canadá e, agora, África do Sul, têm-se desdobrado em constantes visitas, contatos, presenças em feiras industriais, quer em nível de governo, quer por iniciativas de associações, de empresas privadas, procurando vender seus produtos, vender seus serviços, numa verdadeira disputa pelas melhores fatias do mercado.

O Brasil, calmamente, vai vendo o "bonde" passar... e quando se decidir entrar no mercado, vai ter surpresas, primeiro porque se atrasou, não aproveitou os grandes privilégios que detinha e irá encontrar um menor espaço de atuação, um mercado já muito fatiado. Segundo, porque terá que reformular tecnologicamente alguns projetos, porque a concorrência internacional que irá encontrar deverá estar preparada em nível de Primeiro Mundo e, portanto, com vantagens sobre a tecnologia que o Brasil poderia dispor.

Já no ano passado, ao fazer uma análise superficial do mercado em Luanda, surpreendeu-me encontrar só

dois produtos brasileiros (Chocolates Garoto e carros Fiat já bem rodados) num mar de produtos portugueses, franceses, alemães, espanhóis, italianos e até argentinos (carne-seca), entre outros que não me recordo a procedência.

Será que o Brasil não precisa exportar? Ou não terá condições para o fazer? Será que existem entraves em nível governamental, inexistência de linhas de crédito, desníveis proibitivos na balança de pagamentos entre os dois países?

Haverá falta de informação dos industriais brasileiros, dos capitais brasileiros, quanto ao potencial do mercado angolano e das condições oferecidas pelo governo?

Ninguém desconhece como normalmente são morosas e burocráticas as relações econômicas em nível de governos. Só que o tempo não parou e, para o marketing, o tempo perdido é um cancro muito difícil de extirpar...

Leio nas revistas especializadas que a salvação de muitas empresas brasileiras será a exportação. Leio que muitos milhões de dólares de capitais brasileiros estão para ser investidos no exterior. Deduzo, assim, que seria muito interessante fazer canalizar essas necessidades de exportação e alguns desses capitais para um efetivo e eficiente relacionamento econômico entre o Brasil e Angola, mas, para isso, algo terá que ser feito e com urgência. O Brasil não pode continuar a ver o bonde passar... Enquanto a concorrência internacional trabalha na velocidade do som. Depois... não adianta chorar...

* Publicado no Jornal de Angola em 28/8/92.

■

*"Deus dá
nozes a
quem não
tem dentes e
dentes a
quem não
tem nozes!..."*

■

BANCO CENTRAL DO BRASIL

A 0001023363 A

100 000

100 000

CEM MIL
CRUZEIROS

A 0001023363 A

50 000

CINQUENTA
MIL
CRUZEIROS

A 2458099549 A

10 000

DEZ MIL
CRUZEIROS

A 4382087437 A

5 000

CINCO MIL
CRUZEIROS

A 2892009799 A

1 000

MIL
CRUZEIROS

A 8197055236 A

Com a Conta Fácil Banerj, a sua aplicação financeira e o seu tempo vão poder render muito mais. Agora, a operação de resgate é automática e na medida exata do que você necessita, para débitos acima de um valor mínimo. Sem que você precise sequer telefonar ao banco. Ou seja, aquele dinheiro a mais que ia ser apenas um trocado parado na sua conta corrente continua rendendo. Transforme já sua Conta Verde de Aplicações Financeiras em Conta Fácil Banerj. E aplique tudo a que você tem direito. Inclusive aqueles quebrados.

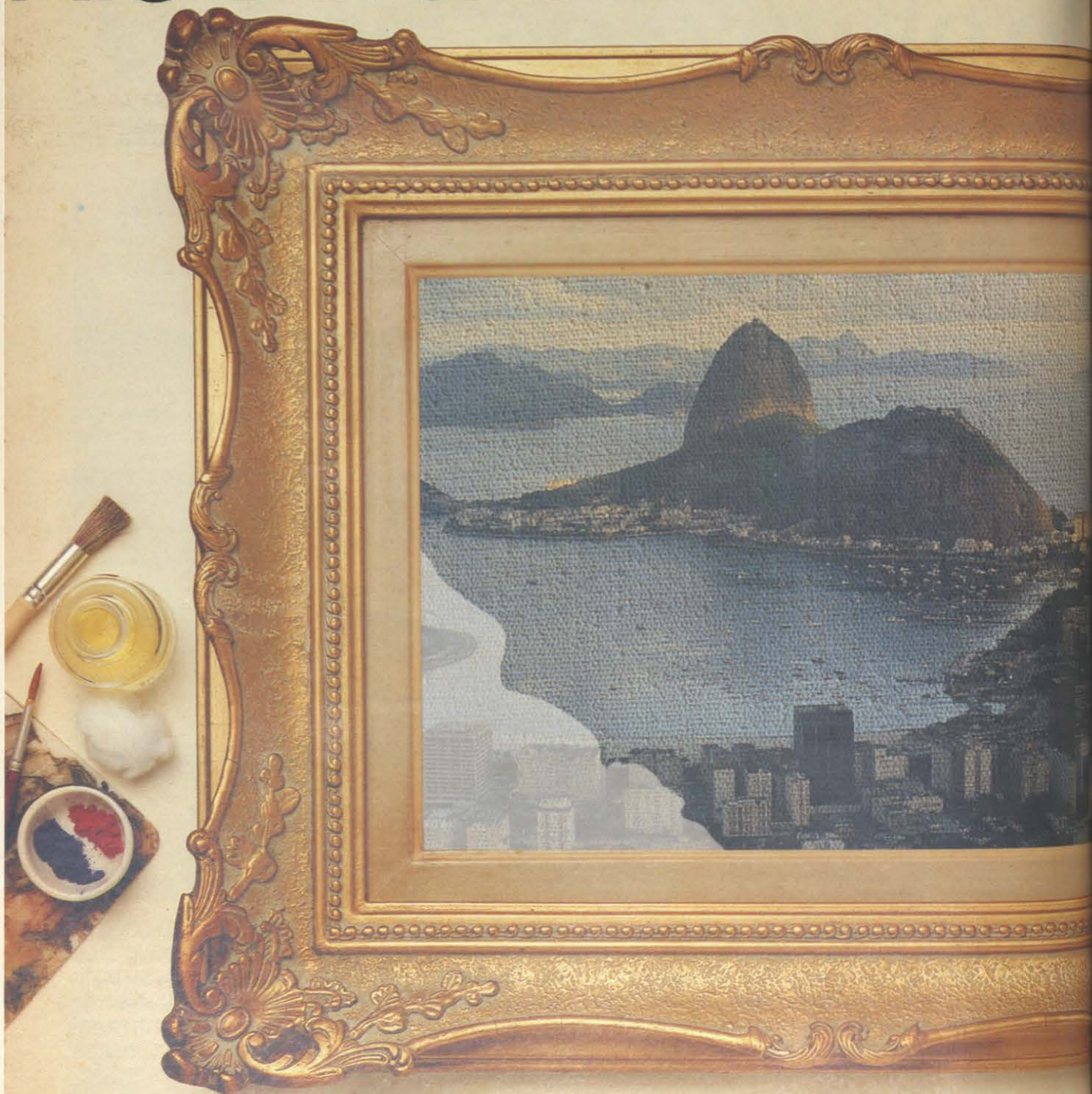
**AGORA, O DINHEIRO QUEBRADO QUE IA VIRAR
UM TROCADO CONTINUA APLICADO.**

CONTA FÁCIL

BANERJ

O QUE ERA
FAF FICOU
MAIS FÁCIL.

RIO DE JANEIRO.



UMA OBRA DE ARTE EM RESTAURAÇÃO

Para continuar linda e valiosa, toda obra de arte deve ser preservada com o carinho de profissionais que conheçam toda a técnica de restauração.

A Prefeitura do Rio soube reconhecer o valor da obra-prima que estava em suas mãos e investiu nas praças, jardins, ruas e obras, como a Usina de Reciclagem de Lixo e a Rio-Orla.

E a nossa perspectiva é continuar com este trabalho, defendendo as cores deste quadro que deslumbra a todos que o conhecem.

Rio de Janeiro, uma obra que não tem fim nem preço, porque é patrimônio de todas as gerações.

RIO Prefeitura
da Cidade

RIOTUR